

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

FERNANDA CUNHA SOUSA

**VOLIÇÃO, FUTURIDADE, *IRREALIS*: GRAMATICALIZAÇÃO NAS
CONSTRUÇÕES COM O VERBO *QUERER***

JUIZ DE FORA

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
DOUTORADO EM LINGÜÍSTICA

FERNANDA CUNHA SOUSA

**VOLIÇÃO, FUTURIDADE, *IRREALIS*: GRAMATICALIZAÇÃO NAS
CONSTRUÇÕES COM O VERBO *QUERER***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nilza Barrozo Dias

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha

JUIZ DE FORA

2011

FERNANDA CUNHA SOUSA

**VOLIÇÃO, FUTURIDADE, *IRREALIS*: GRAMATICALIZAÇÃO NAS
CONSTRUÇÕES COM O VERBO *QUERER***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nilza Barrozo Dias

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Fabiane Amaral da Cunha

Juiz de Fora, 09 de dezembro de 2011.

Professora e orientadora Nilza Barrozo Dias, Dr.^a.
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora e co-orientadora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha, Dr.^a.
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Maria Beatriz Nascimento Decat, Dr.^a.
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a **Vânia Casseb-Galvão**, Dr.^a.
Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Amitza Torres Vieira, Dr.^a.
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Sônia Bittencourt Silveira, Dr.^a.
Universidade Federal de Juiz de Fora

Aos mestres que sempre me instigaram:
Professora Nilza Barrozo Dias, Professora
Cândida Leite Georgopoulos, Professora
Neiva Ferreira Pinto e, em especial, ao
Professor Mário Roberto Lobúglío Zágari, que
não estará presente nessa vitória, mas que,
certamente, faz parte dela.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, sem Ele, essa jornada não se cumpriria.

As minhas orientadora, Prof.^a Dr.^a Nilza Barrozo Dias, e co-orientadora, Prof.^a Dr.^a Patrícia Fabiane Amaral da Cunha, pela enorme ajuda, apoio e incentivo, além de terem conduzido tão bem a grande tarefa de uma orientação que, muitas vezes, se deu à distância.

A todos os professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora pela formação.

A todos os membros da equipe de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aos colegas da Universidade Federal de Goiás, pelo apoio, compreensão e incentivo.

A FAPEMIG.

Ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, pela prestatividade e pela cessão do *corpus*.

A meu marido pelo amor, apoio, carinho, paciência e dedicação sempre.

A toda minha família que, mesmo distante, sempre se fez presente. Em especial a minha mãe que, diante das minhas dificuldades, na abnegação de que só as mães são capazes, tomou parte nesse trabalho como digitadora principal do *corpus* analisado.

A todos os meus amigos que sempre torceram por mim.

“Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará.

E ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia”.

(Sl. 36, 5-6)

RESUMO

Nosso objetivo de estudo é o de verificar as diferentes possibilidades de construções com *querer* seguidas de complementos formados por V2. Para essa verificação, o trabalho será norteado, a partir da perspectiva funcionalista discursiva, por duas hipóteses que acreditamos que se complementem: 1. O verbo *querer*, em virtude de sua carga semântica volitiva, envolve sempre noções de projeção, futuridade e, portanto, *irrealis*; 2. As diferentes construções *querer* podem ser descritas de acordo com as diferentes relações sintático-semânticas estabelecidas com V2 (seja como oração, perífrase ou formando uma só unidade semântica com *querer*); Para a verificação das hipóteses levantadas e aplicação das teorias selecionadas, utilizamos um *corpus* pancrônico documental constituído de textos completos: 1. do século XII ao XVI, retirados do *Corpus* diacrônico do CIPM e do *site* do Instituto Camões; 2. do século XVII ao XX, fotografados e transcritos diretamente do acervo do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; 3. do século XX ao XXI, transcritos diretamente de cópias impressas dos arquivos do setor de Ações Penais da Vara Federal Criminal da Subseção Judiciária do Rio de Janeiro e textos retirados do *site* oficial do Supremo Tribunal Federal. E, como as ocorrências encontradas no século XXI do *corpus* pancrônico foram poucas, para validar a análise empreendida em um *corpus* escrito do português atual, utilizamos ainda textos escritos retirados da Revista *Você SA* para formar um *corpus* exclusivamente sincrônico em que o fenômeno estudado aparecesse. *Querer* revelou, em nossos dados, duas acepções recorrentes: introdutor de vontade e de vontade/polidez; mas, em conjunto com V2, pode ainda apresentar valores semânticos de conclusão ou função discursiva que se aproxima de um marcador discursivo. Após a análise qualitativa, verificaremos a frequência de cada uma das configurações morfossintáticas possíveis para *querer* para verificar a distribuição dessas construções nos *corpora* sincrônico e pancrônico por acreditarmos que a frequência de uso pode ser um fator determinante para elucidar processos de gramaticalização. Para abordar os estágios de encaixamento e de dependência entre *querer* e V2 observados nas diferentes possibilidades de conexões de oração, trabalhamos com a proposta de Lehmann (1988) e Halliday (1994), e com as propostas de Bybee et alii (1994), Hopper (1991), Heine (1993/1994) sobre a Teoria da Gramaticalização. O fenômeno da gramaticalização é compreendido como um processo que envolve o recrutamento de material lexical que tende a um deslizamento funcional na direção de um item mais gramatical, mas a permanência do traço volitivo impede a completude do processo. Com base no aporte teórico discutido e nas análises empreendidas, foram confirmadas as duas hipóteses inicialmente levantadas para este trabalho.

Palavras-chave: Encaixamento; Volição; Modalidade; Futuridade.

ABSTRACT

Our objective of study is to verify the different possibilities of construction with “querer” followed by complements formed by V2. To this verification, our study is going to be guided, from functionalist discursive perspective, by two hypotheses we believe that complement each other: 1. The verb “querer”, by virtue of its volitional semantic load, always involves notions of projection, futurity and, therefore *irrealis*; 2. The different constructions with “querer” could be described according to the different syntactic-semantic relations established with V2 (either as an oration, or periphrasis forming a single semantic unit with “querer”); For the verification of the considered hypotheses and the application of the selected theories, we used a documental panchronic *corpus* constituted by complete texts: 1. From the XII to the XVI century, taken from the diachronic *Corpus* of CIMP and from the Camões Institute website; 2. From the XVII to the XX century, photographed and directly transcribed from the collection of the National Archive of Rio de Janeiro; 3. From the XX to the XXI century, directly transcribed of printed copies of the sector of criminal actions of the Federal Court of Criminal Judiciary Subsection of Rio de Janeiro and texts taken from the official website of Federal Supreme Court. And, how the occurrences found on the XXI century panchronic *corpus* were few, to validate the analysis undertaken in a written *corpus* of the actual Portuguese, we also used written texts taken from *Você SA* magazine to form a *corpus* exclusively synchronic in that the studied phenomenon appeared. “Querer” revealed, in our data, two recurring meanings: introducer of desire and of desire/politeness; but, with V2, can present semantic values of conclusion or discursive function that approaches of a discursive marker. After the qualitative analysis, we are going to verify the frequency of each one of the possible morphosyntactic configurations for the matrices with “querer” to verify the distribution of these constructions on the synchronic and panchronic *corpora* because we believe that the frequency of the using can be a determinant factor to elucidate grammaticalization processes. To board the stages of embedding and dependency between matrix and V2 observed in the different possibilities of oration conexions, we worked with the Lehmann proposal (1988) and the Halliday one (1994), and with the Bybee et alii proposal (1994), Hopper (1991), Heine (1993/1994) about the Grammaticalization Theory. The grammaticalization phenomenon is understood as a process that involves recruitment of lexical material that tends to a functional sliding in direction to one item more grammatical, but the permanency of the volitional trait prevents the completion of the process. Based on the theoretical approach discussed and the analysis undertaken, the two hypotheses first raised were confirmed for this study.

Keywords: Embedding, Volition, Modality, Futurity.

RESUMEN

Nuestro objetivo de este estudio es revisar las diferentes posibilidades de construcciones con “querer” seguidas por complementos formados por V2. Para comprobar esto, nuestro trabajo será guiado desde el punto de vista discursivo funcionalista de dos hipótesis que creemos que se complementan entre sí: 1. El verbo, en virtud de su carga semántica volitiva, siempre implica nociones de proyección, el futuro y, por tanto, irreal 2. Las diferentes construcciones con “querer” pueden ser descritas de acuerdo con sus diferentes relaciones sintáctico-semántico establecidas con V2 (sea como oración, perífrase o formando una única unidad semántica con “querer”). Para la verificación de las hipótesis levantadas y aplicación de las teorías seleccionadas, utilizamos un corpus pancrónico formado documental constituido de textos completos: 1. Del siglo XII hasta el siglo XVI, tomado del Corpus diacrónico del CIPM y del sitio web del Instituto Camões, 2. Del siglo XVII hasta el siglo XX, fotografiado y transcrito directamente de la colección del Archivo Nacional en Rio de Janeiro, 3. Del siglo XX al siglo, transcrito directamente de copias impresas de los archivos en el sector de las acciones criminales del Tribunal Federal Criminal Penal de Subsección Judiciaria de Río de Janeiro y textos extraídos del sitio web oficial de la Corte Suprema de Justicia Federal. Y, en el siglo XXI del corpus pancrónico fueron pocas, para validar el análisis de un corpus escrito del portugués moderno, utilizamos todavía textos tomados de la revista *Você SA* para formar un corpus exclusivamente sincrónico en que el fenómeno estudiado apareció. “Querer” reveló, en nuestros datos, dos significados recurrentes: introductor del deseo y el deseo / cortesía, pero en combinación con V2, puede todavía presentar valores semánticos de conclusión o de la función discursiva que se acerca a un marcador de discurso. Después del análisis cualitativo, verificaremos la frecuencia de cada una de configuraciones posibles de matrices morfosintácticas con “querer” para verificar la distribución de estas construcciones en los corpora sincrónico y pancrónico porque creemos que la frecuencia de uso puede ser un factor determinante para elucidar los procesos de gramaticalización. Para abordar las etapas de la incorporación y la dependencia entre “querer” y V2 observados en las diferentes conexiones posibles de la oración, trabajamos con la propuesta de Lehmann (1988) y Halliday (1994), y las propuestas de Bybee et al (1994), Hopper (1991), Heine (1993-1994) acerca de la Teoría de la Gramaticalización. El fenómeno de la gramaticalización se entiende como un proceso que implica el reclutamiento de material lexical que tiende a deslizamiento funcional en la dirección de un elemento más gramatical, pero la permanencia de los rasgos volitivos impide la finalización del proceso. Con base en el enfoque teórico discutido y el análisis realizado, se confirmaron dos hipótesis formuladas inicialmente levantadas para este trabajo.

Palabras clave: Incorporación, Volición, Modalidad, El Futuro.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Proposta de <i>continuum</i> semântico para volição.....	25
Quadro 2: Gradação hierárquica das orações (LEHMANN, 1988)	39
Quadro 3: <i>Continuum</i> de integração apresentado por Hopper e Traugott (2003, p. 178).	41
Quadro 4: Escala de gramaticalização (proposta por GONÇALVES, 2001, p. 189).....	46
Quadro 5: Unidirecionalidade, segundo proposta por Hopper e Traugott (1993, p. 7).....	47
Quadro 6: Proposta de Hopper e Traugott (1993) para a unidirecionalidade	57
Quadro 7: Proposta de distribuição para as características sintáticas das encaixadas finitas e infinitivas a partir da análise de dados	57
Quadro 8: Proposta de caminhos da projeção em <i>querer</i>	58
Quadro 9: Primeira proposta de transferência conceptual de <i>querer</i> como verbo pleno para verbo predicador	59
Quadro 10: Segunda proposta de transferência conceptual de <i>querer</i> como verbo pleno para verbo predicador	59
Quadro 11: Proposta de demonstração da permanência do traço de futuridade em <i>querer</i> ...	59
Quadro 12: Quadro de modalidades proposto por Travaglia (1991).....	71
Quadro 13: Proposta de caminho de gramaticalização para <i>querer</i>	90
Quadro 14: Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para <i>querer</i>	91
Quadro 15: Proposta de caminho sintático para <i>querer</i>	99
Quadro 16: Proposta de percurso de gramaticalização do verbo <i>querer</i> para expressão de futuridade.....	129
Quadro 17: Proposta de escala modal de <i>irrealis</i> de acordo com a aproximação do <i>realis</i> para construções com volitivo elaborada a partir de Givón (2001)	131
Quadro 18: Proposta da divisão dos níveis de aproximação do campo do <i>realis</i> elaborada a partir de Kiparsky & Kiparsky (1970) e Neves (2002).....	140
Quadro 19: Proposta de correlação entre a conjugação do volitivo e instâncias de projeção para tempos futuros.....	153
Quadro 20: Proposta de correlação entre a conjugação do volitivo e instâncias de projeção para tempos passados	154

Quadro 21: Proposta parcial de Hopper e Traugott (1993) para a unidirecionalidade.....	168
Quadro 22: Proposta do <i>continuum</i> de reanálise de <i>querer</i> de acordo com sua semântica e seu comportamento morfossintático	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparativo de ocorrências com os volitivos no <i>corpus</i> inicial	18
Tabela 2: Demonstrativo de ocorrências com <i>querer</i> introduzindo orações encaixadas no <i>corpus</i> pancrônico documental	32
Tabela 3: Demonstrativo de ocorrências com <i>querer</i> introduzindo orações encaixadas no <i>corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	33
Tabela 4: Frequência geral de ocorrências de cada tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	98
Tabela 5: Frequência geral de ocorrências de cada tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> Sincrônico da Revista Você SA	98
Tabela 6: Frequência de ocorrências com V2 infinitivo de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	102
Tabela 7: Frequência de ocorrências de encaixadas com V2 infinitivo divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	102
Tabela 8: Frequência de ocorrências de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	102
Tabela 9: Frequência de ocorrências de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	102
Tabela 10: Frequência de ocorrências com falso encaixamento de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	102
Tabela 11: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito – <i>Corpus</i> pancrônico documental	104
Tabela 12: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito – <i>Corpus</i> sincrônico sincrônico da Revista Você SA	104
Tabela 13: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito diante de V2 infinitivo – <i>Corpus</i> pancrônico documental	105
Tabela 14: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito diante de V2 infinitivo – <i>Corpus</i> Sincrônico da Revista Você SA	105
Tabela 15: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito diante de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	105
Tabela 16: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito diante de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	106

Tabela 17: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> explícito e não explícito nas orações com falso encaixamento de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	106
Tabela 18: Frequência de ocorrências com infinitivo explícito e não explícito – <i>Corpus</i> documental pancrônico	108
Tabela 19: Frequência de ocorrências com V2 infinitivo explícito e não explícito – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	108
Tabela 20: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> diante de V2 infinitivo explícito e não explícito divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	108
Tabela 21: Frequência de ocorrências com <i>querer</i> diante de V2 explícito e não explícito divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA.....	109
Tabela 22: Frequência de ocorrências com encaixada finita explícita ou não explícita – <i>Corpus</i> documental pancrônico	110
Tabela 23: Frequência de ocorrências com encaixada finita explícita ou não explícita – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA.....	110
Tabela 24: Frequência de ocorrências com falso encaixamento explícito ou não explícito – <i>Corpus</i> pancrônico documental a ou não explícita – <i>Corpus</i> pancrônico documental.....	111
Tabela 25: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou – experienciador] e [+ ou – animado] diante de V2 infinitivo – <i>Corpus</i> pancrônico documental	121
Tabela 26: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou – experienciador] e [+ ou – animado] diante de V2 infinitivo – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA.....	121
Tabela 27: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou – experienciador] e [+ ou – animado] nas encaixadas finitas – <i>Corpus</i> pancrônico documental	122
Tabela 28: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou – experienciador] e [+ ou – animado] nas encaixadas finitas – <i>Corpus</i> Sincrônico da Revista Você SA.....	122
Tabela 29: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou – experienciador] e [+ ou – animado] nas orações com falso encaixamento – <i>Corpus</i> pancrônico documental	123
Tabela 30: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica – <i>Corpus</i> pancrônico documental	126
Tabela 31: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	126

Tabela 32: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental.....	128
Tabela 33: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica de acordo com os tipos de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	128
Tabela 34: Distribuição dos níveis de certeza propostos – <i>Corpus</i> pancrônico documental	135
Tabela 35: Distribuição dos níveis de certeza propostos – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	135
Tabela 36: Frequência de ocorrências com aproximação ou não do campo do <i>realis</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental	139
Tabela 37: Frequência de ocorrências com aproximação ou não do campo do <i>realis</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	139
Tabela 38: Frequência de ocorrências de acordo com a aproximação da ação do campo do <i>realis</i> e com a desinência do volitivo - <i>Corpus</i> pancrônico documental	142
Tabela 39: Frequência de ocorrências de acordo com a aproximação da ação do campo do <i>realis</i> e com a desinência do volitivo - <i>Corpus</i> sincrônico da Revista SA	143
Tabela 40: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica em V2 infinitivo divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental.....	149
Tabela 41: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica em V2 divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA.....	149
Tabela 42: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica nas encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental.....	149
Tabela 43: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica nas encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA.....	149
Tabela 44: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica nas construções com falso encaixamento divididas de acordo com o tipo de <i>querer</i> – <i>Corpus</i> pancrônico documental.	150
Tabela 45: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas construções com V2 infinitivo – <i>Corpus</i> pancrônico documental	154
Tabela 46: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas construções com V2 infinitivo – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	155
Tabela 47: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas encaixadas finitas – <i>Corpus</i> pancrônico documental.....	156
Tabela 48: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade nas encaixadas finitas – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	156

Tabela 49: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas construções com falso encaixamento – <i>Corpus</i> pancrônico documental somente	156
Tabela 50: Frequência de V2 no infinitivo, finito ou com falso encaixamento - <i>Corpus</i> pancrônico documental	159
Tabela 51: Frequência de V2 no infinitivo, finito ou com falso encaixamento - <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA	159
Tabela 52: Verificação dos princípios de gramaticalização selecionados nos diferentes tipos de <i>querer</i> de acordo com ambos os <i>corpora</i>	161
Tabela 53: Relação entre usos de <i>querer</i> e seqüências tipológicas – <i>Corpus</i> pancrônico documental	171
Tabela 54: Relação entre usos de <i>querer</i> e seqüências tipológicas – <i>Corpus</i> sincrônico da Revista Você SA.....	171

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. METOLOGIA.....	23
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	35
3.1. Conexão de orações	35
3.1.1. Hipotaxe, Parataxe, Encaixamento	37
3.1.2. Integração de orações com o verbo <i>querer</i> : gramaticalização em processo	43
3.2. Teoria da Gramaticalização.....	47
3.2.1. Reanálise das construções com volitivo	52
3.2.2. Estágios de gramaticalização.....	59
3.2.3. Mudança semântica.....	62
3.3. Volição.....	64
3.3.1. Os volitivos entre os verbos de processos mentais	66
3.3.2. Os volitivos entre as expressões de futuridade.....	68
3.3.3. Volitivos: relação entre volição e aspectualidade	69
3.4. A relação entre modalidade e modo	72
3.4.1. A distribuição da expressão da modalidade na expressão gramatical	73
3.4.2. Tipos de Modalidade.....	74
3.4.3. A modalidade <i>irrealis</i> e a volição	78
3.4.4. Modalização	81
3.5. Relação entre sequências tipológicas e traços lingüísticos	82
4. ANÁLISE DE DADOS.....	86
4.1. Evolução semântica do verbo em estudo.....	87
4.2. Realização formal e diferentes valores semânticos apresentados por <i>querer</i>	92
4.2.1. Valores semânticos apresentados por <i>querer</i>	92
4.2.2. Apresentação do volitivo explícito ou não explícito.....	103
4.2.3. Apresentação de V2 explícito ou não explícito.....	107
4.2.4. <i>Querer</i> e o Princípio da Dessentencialização	111
4.2.5. Relação entre a possibilidade de negação de V2 e o Princípio da Dessentencialização.....	114
4.3. Características argumentais do sujeito do volitivo	119
4.3.1. Sujeito (+/- experienciador; +/- animado).....	119

4.3.2. Sujeito (controle / manipulação)	124
4.4. Entrelaçamento de orações: correlação modo-temporal	129
4.4.1. Expressão de futuridade e <i>irrealis</i> através das construções com <i>querer</i>	129
4.4.2. Relação entre escala modal de <i>irrealis</i> e a configuração morfossintática de <i>querer</i> e de V2	131
4.4.3. Volição e a capacidade de aproximação do campo do <i>realis</i> nas diferentes configurações morfossintáticas com <i>querer</i>	136
4.4.4. Modalidade nas construções com <i>querer</i> : volição e as modalidades epistêmica e deôntica	144
4.4.5. Verificação da noção de tempo como uma categoria gramatical para o volitivo ..	150
4.5. Explicitude do elemento de ligação entre as orações	157
4.6. Relação entre os valores semânticos, características sintáticas do volitivo e estágios de gramaticalização	159
4.6.1. Verificação da reanálise em processo	165
4.7. Relação entre diferentes usos de <i>querer</i> e sequências tipológicas	171
4.8. Gramaticalização, subjetividade e subjetificação	173
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
6. REFERÊNCIAS	178

1. INTRODUÇÃO

A proposta inicial deste trabalho foi estudar as construções em que os verbos volitivos *querer*, *pretender* e *desejar*¹ – constituintes do que chamaremos de oração predicadora² – introduzem o que assumiremos como orações encaixadas³, demonstrando que a noção de *irrealis* está presente nessas construções, mesmo com as diferentes configurações sintáticas e pragmáticas possíveis para elas em cada contexto.

Na tabela seguinte, feita a partir de nosso *corpus* pancrônico (que contempla desde o século XII até o século XXI), comparamos a quantidade de ocorrências de *querer*, *pretender* e *desejar* (ainda sem separação de acordo com a configuração sintática de cada um). As colunas apresentam a quantidade de ocorrências dos verbos em cada século, seguida da porcentagem que essa quantidade representa em relação ao total de palavras reunidas para cada século, indicado na última coluna. E é com esses três verbos que iniciamos nosso trabalho.

século	querer	% querer	pretender	% pretender	desejar	% desejar	total de volitivos	nº total de palavras
XII	0	0	0	0	0	0	0	2429
XIII	38	0,24	0	0	0	0	38	14282
XIV	33	0,22	0	0	0	0	33	14813
XV	47	0,31	0	0	0	0	47	15148
XVI	57	0,34	1	0,006	0	0	58	15759
XVII	6	0,06	0	0	0	0	6	8575
XVIII	9	0,05	5	0,03	6	0,04	20	14899
XIX	7	0,04	0	0	1	0,006	8	15558
XX	8	0,04	4	0,02	0	0	12	14268
XXI	1	0,006	4	0,02	0	0	5	14360
total	198	0,15	14	0,01	7	0,005	226	130091

Tabela 1: Comparativo de ocorrências com os volitivos no *corpus* inicial

Nessa tabela, percebemos que *pretender* e *desejar* sequer ocorrem na maioria dos séculos (ver os séculos XII, XIII, XIV, XV, XVII) ou ocorrem em proporção muito menor que *querer* (ver séculos XVI, XVIII, XIX e XX). A única exceção ocorre no século XXI, em que temos 01 uso de *querer* e 04 de *pretender*.

¹ Classificação de acordo com Travaglia (1991).

² Nomenclatura adotada a partir de Dias (2011).

³ Trata-se de um *encaixamento*, cuja característica básica é a dependência. Assim, optamos por essa nomenclatura em detrimento da palavra *subordinação*.

Como, após essa verificação inicial dos dados, observamos que o uso de *querer* na oração predicadora é largamente mais frequente e amplo tanto em variedade lexical quanto em sintática, optamos por ajustar nosso estudo para o trabalho específico com *querer*, a fim de melhor explorar seus usos e abordar o fenômeno em estudo de maneira mais completa e sistemática.

Os volitivos são classificados como pertencentes à categoria dos verbos auxiliares modais⁴, sendo *querer*, o mais frequente do grupo dos volitivos, classificado por Pontes (1973) – baseada em testes morfossintáticos – como o mais aprototípico dessa categoria de auxiliar modal por suas características sintáticas e semânticas.

Por isso, faz-se necessário também levar esse dado em conta ao analisar as construções com esse verbo, chegando à discussão sobre a gramaticalização das referidas construções, pois acreditamos que, quanto mais forte seja a conexão semântica entre *querer* – considerado por nós como verbo 1 (doravante V1) – e o verbo 2 que lhe complementa o sentido (doravante V2), mais íntima é a conexão sintática entre essas duas partes.

E, para estudar gramaticalização que acreditamos existir para os usos de *querer* no Português, faremos uma verificação dos valores semânticos que este verbo pode apresentar e as diferentes possibilidades de realização formal pertinentes a cada valor semântico. E é a partir dessas correlações que desenvolveremos o trabalho.

A partir de uma primeira verificação das ocorrências de *querer* na oração predicadora com complemento oracional, observamos que não poderíamos restringir o estudo à complementação com orações encaixadas, pois nem todos os exemplos se encaixavam nessa nomenclatura, já que, em alguns casos, os verbos que se seguem a *querer* já se encontram em processo de fusão com esse volitivo, como exploraremos melhor na análise de dados. Portanto, para abarcar também esses exemplos, nosso objetivo de estudo passa a ser o de verificar as diferentes possibilidades de construções com o verbo *querer* seguido por V2, seja ele integrante de uma encaixada ou não.

Para essa verificação, nosso trabalho será norteado por duas hipóteses que acreditamos que se complementem:

- Em virtude de sua carga semântica, o volitivo envolve noções de projeção, futuridade e, portanto, *irrealis*.⁵

⁴ Discutiremos sobre essa classificação em seção específica.

⁵ Essa afirmação é possível por não termos encontrado *querer* como marcador discursivo, o que representaria seu esvaziamento semântico. Acreditamos que isso possa ser justificado por termos trabalhado com textos escritos, o que não favoreceria o aparecimento desse uso, característico da oralidade, embora não tenhamos nos aprofundado nesse estudo.

- As diferentes construções com *querer* seguido por V2 podem ser descritas com base nos diferentes estágios de junção encontrados de acordo com as características sintático-semânticas verificadas.

Para a averiguação das hipóteses levantadas e aplicação das teorias selecionadas, optamos por um *corpus* constituído por dados pancrônicos, a partir de textos completos dos séculos XII a XXI, composto por textos documentais. Esse *corpus* será analisado qualitativamente, tendo o levantamento de frequência simples como apoio, conforme explicaremos no Capítulo 2.

Para abordar os diferentes estágios de encaixamento e dependência entre *querer* e V2, em sua maioria, orações encaixadas (de acordo com GONÇALVES, 2001), e maior ou menor prototipicidade entre construções dessa categoria a partir dos parâmetros estabelecidos por Taylor (1989), trabalharemos com textos sobre conexão de orações e diferentes níveis de integração entre elas, como Lehmann (1988), Halliday (1994), e sobre a teoria da gramaticalização⁶ como proposta por Bybee et alii (1994), Hopper (1991), Heine (1993/1994), conforme exploraremos mais detalhadamente no Capítulo 3.

Embora se reconheça que as noções de modo, tempo e aspecto estejam intimamente relacionadas em nossa língua, sendo praticamente impossível dissociá-las, elas serão caracterizadas a fim de se esclarecer alguns pontos importantes para a discussão que pretendemos travar aqui.

Como o interesse neste estudo são os casos em que uma forma verbal volitiva liga-se a um V2, propomo-nos, ainda no mesmo capítulo, a rever conceitos ligados a verbo volitivo, tais como: *irrealis*, modo, modalidade e, mais especificamente, a relação entre a modalidade volitiva⁷ e sua relação com o traço de futuridade e, conseqüentemente, de incerteza.

Passaremos também pela questão da subjetivização, que acreditamos estar envolvida na escolha do usuário da língua ao adotar o volitivo, embora, devido ao tempo, não nos seja possível explorar de maneira mais detalhada a relação entre subjetivização e gramaticalização⁸.

Assumimos a definição de encaixamento como um mecanismo através do qual uma oração ou um sintagma funciona como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, que é um constituinte da oração (HALLIDAY, 1994), por isso abarcaremos as ocorrências com

⁶ Trabalhada como um processo que envolve a tendência de se recrutar material lexical (proposicional) para indicar a atitude do usuário da língua em situações discursivas (TRAUGOTT, 1995, p. 47-48), o que em nosso caso, seria a explicitação da vontade de algo que ocorra.

⁷ Entendemos volição como modalidade relacionada à expressão do desejo do usuário da língua.

⁸ Essa abordagem ficará para um estudo posterior, de continuidade deste trabalho.

encaixadas tanto infinitivas quanto finitas, pois entendemos que ambas funcionem como constituintes da oração construída a partir de *querer*.

Trabalhamos, nesse estudo, a noção de modo como uma noção gramatical, abarcando as noções como indicativo, subjuntivo e imperativo. Já a modalidade é assumida como sendo expressa por marcadores que sinalizam o grau de comprometimento do usuário da língua com o valor de verdade daquilo que se expressa, podendo ser marcado de maneira mais ampla, lexicalmente inclusive – como ocorre nos verbos indicadores de volição.

A definição de modalidade distribui-se, entre outras atitudes, na atitude pragmática de *irrealis*, que, conforme apresentada por Givón (1984/1995), resume dois traços definidores: o de futuridade e o de incerteza epistêmica. Esses dois traços interpretam o discurso em termos de projeção futura, o que assinala um grau de incerteza aos objetivos comunicacionais do usuário da língua durante a interação. A futuridade e a volição serão, portanto, abordadas como intimamente ligadas à modalidade *irrealis*.

Discutiremos ainda, mais especificamente na seção 3.2.1, a classificação de *querer* como auxiliar modal, as possíveis configurações sintáticas das construções encabeçadas por esse verbo e a possibilidade de este ser reanalisado não como auxiliar, mas como o foco principal da construção⁹.

No capítulo 4, apresentaremos a análise dos dados com base nos pressupostos teóricos levantados, ao demonstrar os diferentes níveis de integração entre a *querer* e V2 e levantar os diferentes fatores que nos levam a esses níveis.

Considerando que a análise da frequência de uso é um subsídio importante para atestar e elucidar processos de gramaticalização (conforme BYBEE, 2003; VITRAL, 2006), analisaremos a distribuição das ocorrências de *querer* + V2 em seus diferentes níveis de integração na língua portuguesa ao longo do tempo.

Observaremos ainda, como uma investigação subsidiária à proposta principal, se a seqüência tipológica em que as construções em estudo aparecem exerce algum tipo de influência sobre sua configuração morfossintática e sobre a semântica assumida, conforme o levantamento feito sobre esse tema no Capítulo 2, a partir, principalmente, dos estudos de Bronckart (1999, p. 233-234) sobre a relação entre seqüência tipológica, forma e efeito de sentido de uma construção e da divisão e definição de cinco seqüências tipológicas (a partir de ARENA, 2008): narrativa, descritiva, explicativa (ou expositiva), argumentativa, injuntiva (ou instrucional).

⁹ Ressaltamos que o termo “construção” não está sendo utilizado como concebido na Gramática das Construções, mas é usado para conceber os diferentes usos do verbo *querer* com seus diferentes complementos.

No capítulo 5, discutiremos como chegamos à confirmação de nossas hipóteses sobre a permanência das noções de projeção, futuridade e *irrealis* nas construções com *querer* + V2, sobre a relação entre semântica e sintaxe e se podemos afirmar que haja um reanálise em processo nesses casos.

2. METODOLOGIA

Nosso objetivo é o de estudar as construções com *querer* e suas possibilidades de V2. É importante destacar que, na língua portuguesa, há três tipos de encaixamento que “completam” uma estrutura:

- Cláusula dependente encaixada em um SN, que pode ou não estar contido em um sintagma preposicionado;
- Oração dependente encaixada em um advérbio;
- Oração encaixada em um sintagma verbal. Vamos nos ater a este último tipo.

Consideraremos como encaixadas tanto orações finitas como infinitivas, pois entendemos encaixamento como uma relação hierárquica entre as cláusulas, em que a encaixada está ranqueada abaixo da oração predicadora (LEHMANN, 1988), como ocorre nas orações encabeçadas por *querer*, tanto com complemento infinitivo quanto com complemento finito. Nessas construções complexas com encaixamento de oração completiva, o verbo volitivo subcategoriza as orações cujo conteúdo semântico indica algo que resultará basicamente da expressão da vontade/desejo do sujeito da oração predicadora.

Lehmann (1988) argumenta que a oração predicadora determina, até certo ponto, as características temporais e aspectuais da oração encaixada. Quanto mais as orações estiverem integradas, maiores as possibilidades de a oração predicadora influenciar o tempo e o aspecto da oração encaixada e maior é o nível de dependência existente entre elas, o que nos levará, ao analisar os dados, a propor níveis de integração com as encaixadas de acordo com suas características morfossintáticas e semânticas.

Deter-nos-emos às discussões sobre valores semânticos em relação à oração predicadora, pois acreditamos que os valores ligados a *querer* nessa posição “contaminem” o V2 que lhe segue. Em relação a V2, trataremos dos tempos, modos e a realização de seu sujeito, a fim de traçar estágios de encaixamento diferentes de acordo com sua maior ou menor integração com o volitivo.

Para verificar o grau de integração entre as partes da construção, trabalharemos mais especificamente, entre os parâmetros propostos por Lehmann (1988) citados a seguir, com os parâmetros 3, 4, 5 e 6 por entendermos que estejam intimamente vinculados nas construções em estudo:

1. Rebaixamento hierárquico da oração subordinada;
2. Nível sintático;
3. Dessentencialização da subordinada;

4. Gramaticalização do verbo principal;
5. Entrelaçamento das duas orações;
6. Explicitude da articulação.

Entendemos gramaticalização como paradigma e processo. Por isso, nos interessa, além da maneira como as formas gramaticais surgem e são utilizadas, a identificação e análise de construções que se tornam mais gramaticais.

Cezário et alii (1996, p. 92) partem do pressuposto de que "a possibilidade de negação dá à cláusula uma autonomia maior, pois esta não depende do fato negado ou afirmado na outra oração". Essa possibilidade ou não de negação de V2 separadamente também será utilizada para averiguar o grau de integração entre as partes.

Mas há diferentes estágios de dependência (GONÇALVES, 2001) de acordo com a realização de V2 e com a semântica expressa por *querer* na construção, pois assumimos que as categorias morfológica, sintática e semântica atuam umas sobre as outras, provocando restrições de aplicação e gerando construções de sentido.

Constituem nosso aporte teórico, para esses estudos, as propostas da modalização da avaliação (de acordo com SANTOS (2007), SILVA (2002), seguindo WEINRICH (1970)) e a teoria da gramaticalização¹⁰, tal como postulam Hopper & Traugott (1993) e Heine (1991), para demonstrar os diferentes níveis de ligação/fusão que defendemos haver entre as construções estudadas, a partir do que postulam Givón (1984) e Longo (1999).

Seguindo Givón (1990), ao afirmar que existe um isomorfismo sistemático entre a codificação morfossintática e os sentidos dos verbos, defendemos que, quanto mais forte é a conexão semântica de dois eventos, mais íntima é a conexão sintática de duas proposições em uma única cláusula, como pode ser verificado nas construções em análise.

Por isso, consideraremos também as diferentes semânticas que o verbo *querer* pode apresentar nos dados, o que constituirá mais um parâmetro a ser analisado para verificação da gramaticalização em processo e dos diferentes graus de integração entre as partes das construções. Entendemos que, quanto mais perto *querer* estiver de sua "fonte" semântica (de vontade/desejo), menos gramaticalizado e integrado estará em relação a V2 e, conseqüentemente, quanto mais distante dessa "fonte" semântica, mais gramaticalizado e integrado estará.

¹⁰ Apesar de compreendermos a importância do estudo da subjetivização dentro da teoria da gramaticalização para a compreensão do processo como um todo, infelizmente, não dispomos de tempo para melhor explorar essa questão, o que precisará ficar para um estudo posterior. Mas faremos, na seção 4.8, uma breve colocação de como a análise aponta para a subjetivização.

Segundo Krug (2000, p. 142), a noção de desejo, que consideramos como “fonte” semântica de *querer*, se origina a partir de *sentir falta de*. Ainda segundo o autor, na maioria dos casos, desejar e sentir falta de algo só se diferenciam pela extensão em que o usuário da língua se compromete com a declaração. Como a noção de necessidade estaria mais próxima de *sentir falta de* que a volição, propomos, a partir de Krug (2000) e com base nas pesquisas feitas sobre os sentidos possíveis para *querer*¹¹ e para o verbo latino *quaero*¹² – a partir do qual *querer* evolui morfologicamente¹³, que a semântica para se chegar à volição pode ser demonstrada pelo seguinte *continuum* semântico elaborado por nós:

Sentir falta de → ter necessidade de → volição

Quadro 1: proposta de *continuum* semântico para volição

A partir da expressão do sentimento da falta de algo ou alguém, vem a expressão da necessidade de buscar aquilo de que se sente essa falta e, então, a expressão da vontade de ter algo (algo de que se sente falta e, por isso, se busca), em um deslizamento semântico que leva à expressão da volição. Esses conceitos envolvidos na expressão dos volitivos nos levam à noção de futuridade também presente em *querer*, que será discutida em relação a uma característica típica dos verbos do português: a aspectualidade, a fim de verificar se a futuridade presente nesse verbo bloqueia a atualização de aspecto.

Defendemos ainda, e comprovaremos através da análise qualitativa dos dados, que, mesmo com diferentes usos em diferentes estágios de gramaticalização, as noções de projeção e futuridade estejam sempre presentes nas construções em estudo através da noção de volição.

A futuridade ligada à modalidade volitiva nos leva à discussão sobre a noção de *irrealis*, também presente em *querer*. Apesar de esse verbo expressar *irrealis*, defenderemos que, como marca comprometimento do usuário da língua em relação àquilo que deseja, essa ação futura presente em V2 será perspectivizada como mais próxima do *realis*. Mas esse comprometimento e, conseqüentemente, a aproximação do *realis* terá variações de acordo com a configuração morfossintática e semântica expressa pelas construções.

Como assumimos volição como ligada à modalidade, analisaremos a relação entre esta e os tipos de modalidade propostos por Bybee (1985): orientada para o agente, orientada para

¹¹ Dicionário português pesquisado: Borba (1991)

¹² Dicionários latinos pesquisados: Faria (1958; 1967), Saraiva (1993).

¹³ Dicionários etimológicos pesquisados: Bueno (1968), Ernout e Meillet (1951).

o falante, epistêmica a fim de verificar com qual (ou quais) delas o verbo *querer* dialoga e como.

Entendemos, seguindo Neves (2006, p. 160), a volição como ligada à necessidade e à possibilidade, pois a autora defende que essas noções estão relacionadas aos desejos do usuário da língua, o que seria, no fundo, uma necessidade deôntica¹⁴. Mas, como julgamento epistêmico e deôntico podem se entrecruzar, entendemos que também haja julgamento epistêmico nas construções com volitivo através da expressão de probabilidade, certeza, crença e evidência, que estão presentes nessas construções. Verificaremos, portanto, através da análise de dados, qual dessas modalidades se relacionará mais proximamente com a volição em cada construção de acordo sua configuração morfossintática e semântica expressa.

Por assumirmos uma proposta de trabalho funcionalista, nossas análises serão pautadas nos usos encontrados e, apesar de objetivarmos a análise qualitativa, recorreremos ao levantamento da frequência simples¹⁵ de ocorrência de cada uma das construções em estudo por considerarmos que a análise da frequência pode atuar como um subsídio importante para atestar/elucidar a gramaticalização em processo nas construções estudadas (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006). Esse levantamento de frequência também nos possibilitará identificar qual a forma prototípica¹⁶ para as construções com *querer* a partir da identificação dos traços morfossintáticos e semânticos mais recorrentes.

Um fator resultante da generalização durante o processo de gramaticalização é o aumento da frequência do uso do item que passa por esse processo. Com o sentido generalizado, a aplicação do item se estende a outros contextos e ele passa a ser usado onde é altamente requerido pelo sentido que expressa e também em qualquer outro ambiente em que seu sentido seja compatível com o contexto.

Por *querer* ser o verbo mais frequente entre os volitivos inicialmente estudados: *querer*, *pretender* e *desejar*, contrapondo-se à baixíssima frequência dos demais volitivos, defendemos que *querer* seja a forma prototípica, com base na frequência, para a expressão da volição através de verbo volitivo + V2. Resta-nos verificar, dentre as construções com *querer* + V2 com diferentes valores semânticos e comportamentos sintáticos, qual o tipo mais frequente. Por isso, separaremos as ocorrências do verbo em estudo de acordo com seus diferentes valores sintático-semânticos.

¹⁴ Também chamada de avaliativa.

¹⁵ Pretendemos, posteriormente, dar continuidade ao estudo, aplicando os fatores levantados para análise dos dados ao sistema estatístico Golvarb.

¹⁶ Seguimos a noção de *protótipo* segundo Perini (1989, p. 70), que está vinculada à maior frequência de menção na gramática e no léxico.

Portanto, a análise sistemática de dados permitirá determinar em que estágio do processo de gramaticalização cada tipo de construção encontrada estaria de acordo com as características selecionadas a partir dessa discussão inicial:

- Evolução semântica de *querer*;
- Realização formal e diferentes valores semânticos apresentados por *querer* no Português;
- Características argumentais do sujeito do volitivo;
- Entrelaçamento de orações: correlação modo-temporal;
- Explicitude do elemento de ligação entre as orações;
- Relação entre os valores semânticos, características sintáticas do volitivo e estágios de gramaticalização.

Pretendemos observar o fenômeno em estudo afastando a interferência que o uso de textos muito diferentes poderia exercer sobre as ocorrências, enviesando os resultados da pesquisa, por isso controlaremos os dados ao trabalharmos somente com textos pertencentes ao mesmo domínio discursivo: documental (argumentativo)¹⁷.

Essa denominação do conjunto de textos documentais como parte de um domínio discursivo baseia-se em Marcuschi (2002, p. 23), que destaca, além de tipos e gêneros textuais, a expressão domínio discursivo. O autor afirma que a expressão serve para “designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos sem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos”. Marcuschi (2002, p. 24) apresenta diferentes manifestações de domínios discursivos, destacando que “constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas”.

Entendemos, então, os domínios discursivos como as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam, que constituem práticas discursivas dentro das quais é possível a identificação de um conjunto de gêneros que lhes são próprios como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas (MARCUSCHI, 2002, p. 24), como o discurso jornalístico, discurso jurídico e discurso religioso; cada uma dessas atividades não abrange gêneros em particular, mas origina vários deles.

¹⁷Não foi feito o controle mais especificado por gênero textual, pois tornaria ainda mais difícil o processo de levantamento de *corpus*. E, em uma segunda etapa da pesquisa, precisamos incluir mais um domínio discursivo, conforme explicaremos melhor em seção específica.

Trabalharemos com dados escritos do português para possibilitar a análise de *querer* com complemento V2 dentro do maior intervalo de tempo possível em nossa língua e, assim, observar o maior leque de possibilidades de ocorrências. A partir dessa opção, a proposta é buscar um *corpus* que nos permita estudar a língua portuguesa escrita desde o século XII (considerado como marco inicial da língua portuguesa propriamente dita¹⁸) até o século XXI, tendo como critérios: o domínio discursivo documental e a proximidade no número total de palavras levantadas por século¹⁹.

Procuramos, conforme Oliveira (2011), superar a clássica dicotomia sausseriana entre sincronia e diacronia, através do que se tem denominado enfoque pancrônico da análise funcional. Nessa abordagem, conjugaremos a investigação histórica das possibilidades de construções com o volitivo *querer* + V2 à descrição interpretativa de exemplos dessas ocorrências, com o objetivo de analisar de forma mais global e densa os fenômenos de mudança que estão acontecendo em algumas dessas construções.

De acordo com Furtado da Cunha et alii (1999), é de grande importância o resgate da diacronia, pois interpretações funcionais e tendências “naturais” são mais adequadas à explicitação da mudança lingüística do que o excesso de formalismo. Assim, o tempo passa a ser considerado como mais um fator, embora não único, envolvido nas questões de mudança, posicionado junto a outros fatores relevantes: relativos à esfera cognitiva (processos metafóricos e metonímicos, construção de espaços mentais, saliência perceptual) e à esfera pragmático-comunicativa (frequência de uso, relevância informacional, adequação semântica, tipo de texto, modalidade) (OLIVEIRA, 2011).

Nosso estudo, portanto, combinará a dimensão sincrônica e diacrônica para que se verifique a origem e o desenvolvimento dos usos de *querer*, além da possibilidade de gramaticalização nos diferentes usos que dele se possa fazer a fim de obter uma descrição dos padrões de mudança lingüística das construções aqui estudadas, tornando possível a verificação dos aspectos que se mantêm constantes ao longo do tempo e os que são passíveis de mudança. Por isso, nossa pesquisa considerou a distribuição de *querer* com complemento V2 desde o século XIII (quando essas construções começam a aparecer em nossos dados) até o português contemporâneo, como suporte para a comprovação da produtividade de tais construções na língua portuguesa e da gramaticalização em processo.

¹⁸ Conforme divisão cronológica do português adotada por Ilari e Basso (2006, p. 21).

¹⁹ Agrupamos em cada século um número total de palavras entre 14268 e 15759, com exceção dos séculos XII e XVII, conforme explicaremos adiante.

Surge, na busca por um *corpus*, a primeira dificuldade, já que a maioria dos *corpora* já disponíveis não apresenta textos completos, mas apenas fragmentos (muitos deles literários), o que acreditamos que poderia causar enviesamento dos dados analisados.

Por isso, optamos por utilizar inicialmente dados do *corpus* eletrônico CIPM (*Corpus Informatizado do Português Medieval*)²⁰, que apresenta, separados por século, textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI, distribuídos em: notariais, crônicas e textos de prosa didático-moralista, já publicados ou fornecidos pelos próprios editores, dentre os quais optamos por trabalhar com os documentais (também chamados de notariais).

Os textos selecionados são documentos oficiais como testamentos, inventários e processos, contendo datação e assinatura oficial, sobre assuntos de interesse público como disputas de terra, heranças, decisões da Igreja. Essa escolha se justifica por serem textos datados, devido a sua natureza de instrumentos legais, escritos por um só indivíduo (o tabelião ou notário que o registra, na maioria das vezes, autografando-o) – o que facilita a separação por datas – além de ser o único tipo de texto que aparece em todos os séculos do *corpus* analisado inicialmente.

Como o CIPM nos proporciona materiais somente até o século XVI, para manter o parâmetro anteriormente escolhido de trabalhar com textos documentais completos, foi necessário acrescentar ao nosso *corpus* textos de bases de dados diferentes. Como não localizamos outro *corpus on line* que apresentasse textos com esse perfil, foi necessário recorrer ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro por possuir textos em grande quantidade e diversidade de séculos, embora somente para consulta presencial.

Foram feitas, então, várias visitas ao acervo do Arquivo Nacional para selecionar os documentos do por século e estado de conservação a fim de termos registros fotográficos (com autorização do órgão) de melhor qualidade que possibilitassem mais tranquilidade no trabalho de transcrição e digitação desses documentos para aplicação do parâmetro de contagem de palavras e para a busca do fenômeno em estudo através de recursos do programa de edição de *word*²¹.

Esses documentos foram fotografados pessoalmente, transcritos e digitados por bolsistas voluntários de graduação dos cursos de Letras, Direito (UFG), Secretariado

²⁰Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus>. Acesso em 15/10/09.

²¹ A julgar pela dificuldade que tivemos (e que acreditamos que outros pesquisadores tenham) na obtenção de *corpus* que abarcasse os séculos XVI a XX, esse banco de dados será disponibilizado *on line*, assim que possível, para auxiliar novas pesquisas.

Executivo (UFV), História (UFRJ) e Biologia (UVA), de acordo com as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos que se encontram em anexo.

Como elegemos como parâmetro de quantidade de dados a serem analisados o número total de palavras coletadas por século, é necessário explicar que foi preciso abrir uma exceção para esse parâmetro nos séculos XII e XVII, quando o problema não pôde ser sanado. Nos demais séculos, as dificuldades foram resolvidas, embora nos séculos XX e XXI tenhamos precisado recorrer a mais de um banco de dados, como explicaremos.

No século XII, quando o número de textos disponíveis é bem mais escasso em relação aos demais, recorreremos ainda a textos disponibilizados pelo Instituto Camões em sua biblioteca *on line* e a um texto do livro *Textos arcaicos* (VASCONCELOS, s/d), que se enquadraram no parâmetro do domínio discursivo, a fim de diminuir a desproporção em relação aos demais séculos, mesmo assim, não foi possível conseguir um número de palavras que se equiparasse²².

O *corpus* relativo ao século XVII, mesmo após várias pesquisas, também apresenta número de palavras e ocorrências do fenômeno em estudo inferior aos demais séculos, por termos encontrado grande dificuldade de encontrar, no Arquivo Nacional, textos em bom estado de conservação dentro do domínio discursivo escolhido para efetuar as transcrições.

Nas visitas feitas ao Arquivo Nacional, foram encontrados também poucos textos do século XX. Por isso fomos levados novamente a buscar novas fontes. Tivemos, então, acesso a Ações Penais da Vara Federal Criminal da Subseção Judiciária do Rio de Janeiro (esses processos também precisaram ser fotocopiados e digitados por bolsistas voluntários) e ao *site* oficial do Supremo Tribunal Federal (setor de julgamentos históricos²³) para completar os dados desse século, mantendo os parâmetros de número total de palavras e de domínio discursivo.

Para compor a base de dados relativa ao século XXI, também precisamos buscar novas fontes e recorreremos novamente ao *site* oficial do Supremo Tribunal Federal²⁴ e a termos de audiência da 1ª Vara do Trabalho da cidade de Três Rios no estado do Rio de Janeiro. Estes últimos também precisaram ser fotocopiados e digitados por bolsistas voluntários, todos conforme regras a seguir:

²² O que acreditamos ter contribuído para o fato de não encontrarmos ocorrência do verbo em estudo nesse século, como discutiremos melhor adiante.

²³ Disponível em: <http://www.stf.jus.br>. Acesso em: 15 de maio de 2011.

²⁴ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/principal/principal.asp>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

REGRAS PARA TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS* PANCRÔNICO

- Serão utilizadas as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos.
- Respeito total à ortografia, acentuação e pontuação.
- O final de cada linha será indicado por uma barra oblíqua não numerada e ao final do texto serão utilizadas duas barras oblíquas.
- As abreviaturas serão mantidas conforme o original.
- Não será separado ou juntado o que estiver equivocadamente escrito.
- As palavras que se apresentam parcial ou totalmente ilegíveis, mas cujo sentido textual permita a sua reconstituição, serão impressas entre colchetes.
- Sinais de mão alheia, impressos e carimbos serão indicados em notas de rodapé.
- As assinaturas em raso ou rubricas serão transcritas em grifo.
- Linhas ou palavras danificadas por corrosão de tinta, umidade, rasgaduras ou corroídas por insetos ou animais serão indicadas pela expressão corroídas entre colchetes e grifadas e com a menção aproximada de seu tamanho.
- Quando a leitura paleográfica de uma palavra for duvidosa, colocar-se-á uma interrogação entre colchetes depois da mesma.

Acreditamos, assim, ter garantido uma visão mais geral da língua e não o estudo de uma só variedade desta, pois os documentos trabalhados incluem correspondências oficiais e documentos enviados entre Brasil e Portugal, além de documentos, testamentos e processos judiciais de diferentes localidades dentro do Brasil em um largo espaço de tempo. Mas não foi possível fazer uma pesquisa que contemplasse possíveis diferenças de uso entre o português brasileiro e o português europeu, justamente pela escassez de textos na época em que essas duas vertentes do português começam a se diferenciar de maneira mais significativa, de meados do século XIX para o século XX.

Após a composição do *corpus* pancrônico, do levantamento de número de palavras e de ocorrências ao longo dos séculos estudados, verificamos, então, a baixíssima ocorrência de *querer* a partir do século XVII²⁵.

²⁵ Apesar de o baixo número de textos prejudicar nossa análise sobre este século.

n° de palavras	século	querer + V2 ²⁶	% Querer
2429	XII	0	0
14282	XIII	35	0,24
14813	XIV	30	0,2
15148	XV	44	0,29
15759	XVI	54	0,34
8575	XVII	5	0,05
14899	XVIII	8	0,05
15558	XIX	7	0,04
14268	XX	7	0,04
14360	XXI	1	0,006
130091	total	190	0,15

Tabela 2: Demonstrativo de ocorrências com *querer* introduzindo orações encaixadas no *corpus* pancrônico documental

Defendemos que isso se deva ao do fato de que, com o passar do tempo, os textos documentais passam a ser escritos numa variedade cada vez mais culta (graças à difusão da escolarização no Brasil), se distanciando cada vez mais da variante informal, o que entendemos que dificulte o aparecimento de construções que revelem desejos, vontades pessoais de um indivíduo, como as estudadas.

Por isso, a fim de verificar a ocorrência de *querer* + V2 em textos escritos do século XXI, compusemos um segundo *corpus* exclusivamente sincrônico com textos da Revista Você SA. A escolha dessa revista justifica-se por tratar-se de uma publicação voltada para um público com alta escolaridade (administradores de diversas áreas), mas que não deixa de ter um caráter um pouco mais informal por apresentar várias seções de dicas e conselhos de como os leitores devem administrar seu dinheiro e sua carreira, o que possibilita o aparecimento das construções em estudo.

Entendemos que as seções dessa revista, por tratarem de assuntos semelhantes sempre com caráter de conselho, instrução, podem ser enquadradas no que denominaremos de domínio discursivo instrutivo, mantendo, assim, o parâmetro anteriormente assumido de que os textos constituintes de um mesmo *corpus* façam parte de um mesmo domínio discursivo. No século XXI, foi necessário, portanto, trabalhar com dois *corpora*, cada um deles constituído por apenas um domínio discursivo: *corpus* pancrônico: domínio discursivo; *corpus* exclusivamente sincrônico: instrutivo, pois o anteriormente escolhido (pancrônico) já não nos proporcionava o aparecimento das construções em estudo.

²⁶ Considerando juntos, neste momento, todos os tipos de ocorrência de V2.

Ficamos, portanto, com dois *corpora*: *corpus* 1, exclusivamente sincrônico – composto por textos da Revista Você SA durante o ano de 2008 – *corpus* 2, pancrônico – composto por textos do domínio discursivo documental entre os séculos XII e XXI, coletados a partir de diferentes fontes.

Partiremos, em nossas análises, dos dados do *corpus* 1. Os dados do *corpus* 2 nos apoiarão como meio de comprovação dos fenômenos lingüísticos aqui estudados, por isso adotamos o seguinte critério para o novo *corpus* exclusivamente sincrônico: ele terá número total de palavras o mais aproximado possível do número total de palavras composto por todo o *corpus* pancrônico, como demonstra a tabela seguinte em comparação aos valores totais da tabela anterior, referente aos dados pancrônicos.

nº de palavras	encaix. querer	% Querer
130091	149	0,11

Tabela 3: Demonstrativo de ocorrências com *querer* introduzindo orações encaixadas no corpus sincrônico da Revista Você SA

Como defendemos a importância de conhecer o “caminho” lexical percorrido pelo verbo em estudo até o português atual para a compreensão das possibilidades semânticas que este apresenta atualmente, especificamente na seção 4.1, entraremos, além dos *corpora* principais, com um *corpus* “auxiliar” a fim de demonstrar no latim usos que se aproximam mais ou menos (tanto semântica como sintaticamente) dos que encontramos nos dados do português.

Para isso, escolhemos a obra *Estico*, de Plauto (latino considerado do período arcaico²⁷). Essa escolha se justifica pelo fato de o texto plautino apresentar traços como: o coloquialismo, a variação lingüística e aspectos estilísticos (CARDOSO, 2006), que acreditamos que propiciem o aparecimento das construções de volitivo com complemento V2.

Essas características são relevantes para nosso estudo, pois dizem muito sobre a linguagem que está neste texto representada. Por isso, assumimos essa parte do *corpus* como representativa de uma vertente escrita que se aproxima, ou tenta se aproximar, da linguagem coloquial da época em que foi escrita. O que acreditamos que também ocorra com o restante dos textos trabalhados, já que, no *corpus* documental, os textos apresentam narrativas e argumentações na tentativa e esclarecer fatos controversos aos juízes ou outros representantes

²⁷Disponível em: www.thelatinlibrary.com. Acesso em 14 de março de 2010.

instituídos que sobre as disputas em questão decidiriam, e, no *corpus* instrutivo, apresentam-se conselhos para a vida financeira dos leitores.

Ao longo da discussão, exploraremos ainda exemplos de alguns autores que fazem parte de nossa bibliografia. Por isso, adotaremos: para os exemplos do nosso *corpus* numeração arábica²⁸; para os dados do latim, numeração romana; e, para os exemplos retirados de outros trabalhos, seqüência alfabética minúscula.

O verbo *querer* apresenta-se nos textos com variadas grafias. Todas foram consideradas para este estudo.

Bronckart (1999, p. 233-234) afirma que a forma assumida pelas seqüências é motivada pelas representações que o usuário da língua tem das propriedades dos destinatários de seu texto, assim como do efeito que neles pretende produzir. Há, portanto, uma relação entre seqüência, forma e efeito de sentido. Por isso, verificaremos também se haverá diferenças de uso de *querer* de acordo com diferentes seqüências tipológicas, pois um texto tende a ser construído por um só tipo textual (que é englobado por um domínio discursivo), mas pode haver intercâmbio tipológico (TRAVAGLIA, 2002, p. 445), ou seja, transição de um tipo para outro, em que as seqüências podem, inclusive, se cruzar, articulando-se dentro de um mesmo texto.

Trabalharemos, portanto – como será aprofundado no Capítulo 3, com cinco seqüências tipológicas (conforme ARENA, 2008): narrativa, descritiva, explicativa (ou expositiva), argumentativa, injuntiva (ou instrucional), definidas de acordo com os traços lingüísticos predominantes nos trechos em que o fenômeno em estudo aparece com a finalidade de observar se alguma dessas seqüências privilegiará uma das construções em estudo. Será uma verificação complementar a fim de observar se a seqüência tipológica constitui, de fato, um fator a mais na constituição do sentido das construções em estudo, além dos fatores já levantados: morfologia, sintaxe e semântica.

²⁸ Ao final desses exemplos, constarão suas referências e numeração de acordo com o banco de dados geral formado para este estudo.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Passaremos à discussão dos suportes teóricos levantados sobre conexão de orações e gramaticalização, o que julgamos de fundamental importância para nosso trabalho.

3.1. Conexão de orações

Koch (1984, p. 23) examina certas expressões modalizadoras de enunciados que, por apresentarem estrutura oracional, costumam ser analisadas como orações predicadoras em relação a outras que funcionam como objeto direto oracional, objeto indireto oracional, complemento nominal oracional, predicativo oracional, sujeito oracional, entre outras. A ligação entre a oração dependente e a predicadora caracteriza a dependente como oração *encaixada*.

Segundo a autora, são modalizadores os elementos lingüísticos ligados diretamente ao evento de produção do enunciado, funcionando como indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso, como acreditamos ser função do volitivo presente nas orações em estudo.

Koch (1984) ressalta o fato de que o conteúdo proposicional propriamente dito encontra-se na segunda parte de cada enunciado – na oração encaixada, servindo a primeira parte – oração predicadora – apenas para modalizar a segunda; o que julgamos não se aplicar totalmente a *querer*, pois este, além de modalizar – expressando vontade/desejo do usuário da língua em relação ao que se segue na construção, “atrai” para si o foco sintático/semântico de várias das proposições em menor ou maior grau de acordo com as particularidades de cada construção, como a possibilidade de elipse de uma de suas partes.

Halliday (1994, p. 218) apresenta sentenças formadas com mais de duas orações, analisando a relação de modificação existente entre elas e de que modo o conceito de modificação precisa ser refinado e enriquecido para que se considerem as relações dentro da oração complexa. A partir daí, o autor norteia sua discussão a partir das relações lógico-semânticas e de interdependência.

Halliday (1994) distingue as relações paratáticas e hipotáticas do encaixamento: a parataxe e a hipotaxe são tipos de relação entre as orações. O encaixamento é um mecanismo através do qual uma oração ou um sintagma funciona como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, que é um constituinte da oração. A relação entre a oração encaixada e

a oração predicadora é indireta, com um grupo intermediando essa relação. Assim como a oração encaixada funciona na estrutura do grupo, o grupo funciona na estrutura da encaixada.

Podemos agrupar a variedade dessas orações baseado-nos em duas relações fundamentais: expansão e projeção. Devido ao interesse deste estudo, nos deteremos no primeiro tipo de relação:

- na expansão, a segunda oração, a encaixada, expande a principal.
- na projeção, a segunda oração é projetada através da primeira oração, que a instancia como locução ou idéia.

A expansão apresenta três subcategorias: elaboração, extensão e realçamento:

- (i) **Elaboração:** uma oração expande a outra, dizendo novamente, em outras palavras, utilizando expressões como, *ou seja, isto é*, especificando com maiores detalhes, comentando ou exemplificando;
- (ii) **Extensão:** uma oração expande a outra adicionando novos elementos, atribuindo exceções ou oferecendo uma alternativa, utilizando expressões como: *e, ou*;
- (iii) **Realçamento:** uma oração expande a outra qualificando-a com algumas características circunstanciais de tempo, lugar, causa ou condição, introduzidas por elementos como: *então, ainda*, entre outros (HALLIDAY, 1994, p. 219).

Como na parataxe e na hipotaxe, um elemento encaixado pode ser expandido ou projetado; o sentido da oração encaixada é de definir, delimitar ou especificar. Dessa forma, a expansão, característica da oração encaixada, é a oração relativa restritiva, que tem a função de especificar qual membro ou membros da classe designada pelo “nome central” (*Head noun*) é referido. Não iremos nos ater a esse caso de sentença tendo em vista os dados coletados para análise – orações objetivas. A distinção entre extensão, elaboração e realçamento dentro das orações encaixadas é menos relevante para nós do que a distinção delimitada nas paratáticas e hipotáticas (HALLIDAY, 1994, p. 243).

Serão destacadas a seguir questões que julgamos pertinentes ao estudo da gramaticalização de V2 (que constitui, na maioria dos casos, oração encaixada objetiva) + *querer*.

3.1.1. Hipotaxe, Parataxe, Encaixamento

Passemos a uma distinção entre esses três tipos de relações sintático-semânticas que podem se estabelecer entre duas ou mais orações.

Observando a visão mais tradicional, Vilela e Koch (2001, p. 390) classificam a subordinação como hipotaxe. De acordo com os autores, nos casos de subordinação, há relação sintática de dependência, em que a subordinada é a cláusula dependente e a subordinante é a cláusula à qual a subordinada se atrela. Esta relação pode ser subclassificada em frase conjuncional, relativa ou interrogativa.

Na relação sintático-semântica entre subordinadas e subordinantes, podemos ter três tipos de frases subordinadas: frases complemento; frases relacionais e frases relativas. As frases complemento (encaixadas) – uma das categorias em estudo neste trabalho – representam estados de coisas, aos quais se atribuem propriedades ou representam relações com indivíduos ou com outros estados de coisas.

Na categoria de frases encaixadas, a predicadora representa um estado de coisas apresentado na encaixada que funciona – em nosso estudo – como objeto, denominada, por isso, de encaixada objetiva. A predicadora pode exprimir ainda uma tomada de posição de natureza diferente, indicando o grau de validade de uma afirmação; avaliação positiva ou negativa; relevância ou irrelevância de um estado de coisas; expressão de um sentimento ou de uma intenção.

Bechara (2003, p. 463) coloca as subordinações entre as que denomina *orações complexas*. Segundo o autor, essas são orações que, independente do ponto de vista sintático, constituem sozinhas um texto, se esse nelas se resumir. Essas orações são consideradas como uma unidade material.

O autor explica que uma oração independente pode transportar-se para o nível sintático de dependência, funcionando como, por exemplo, complemento ou objeto direto da oração predicadora. O complexo unitário formado pela oração dependente corresponde a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

A conjunção integrante *que* marca o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior – uma oração independente – para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Adotaremos a definição de Lehmann (1988), que trabalha com a noção de ligação entre cláusulas binárias e esclarece alguns conceitos sobre parataxe, hipotaxe e encaixamento:

- (i) Encaixamento: há dependência do sintagma, que é determinado pelo tipo de relação estabelecida pelo sintagma verbal ou pelo verbo da oração predicadora (como acreditamos que ocorra na maioria dos exemplos analisados com *querer*);
- (ii) Hipotaxe: não há exigência do sintagma subordinador, nem no nível sintático nem no nível morfológico. Há uma expressão de tempo, condição, entre outras, delimitada no sintagma subordinado. A hipotaxe e o encaixamento são considerados pelo autor como processos de subordinação;
- (iii) Parataxe: é considerada como um processo coordenado de orações, que pode ser sindético ou assindético.

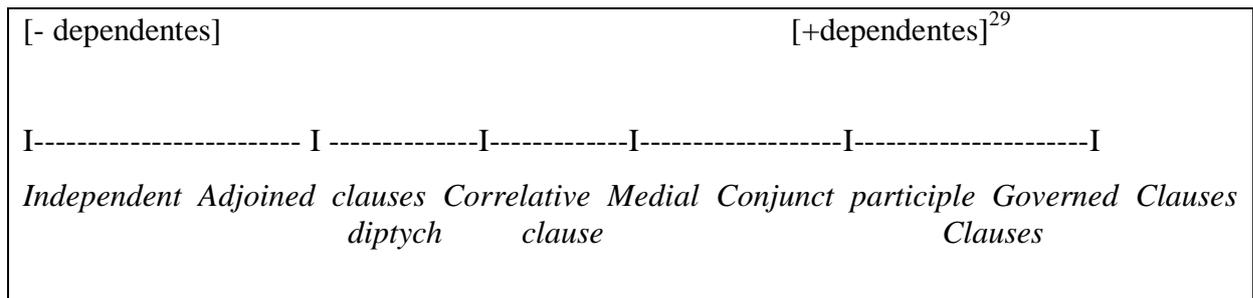
Como outra possibilidade para aferir o entrelaçamento, Lehmann (1988) cita o compartilhamento dos predicados, do tempo, do aspecto e dos agentes presentes. A anáfora está diretamente ligada ao compartilhamento de predicados.

Em relação ao tempo e aspecto, o autor argumenta que a oração predicadora determina, até certo ponto, as características temporais e aspectuais da oração encaixada. Quanto mais as orações estiverem integradas, maiores as possibilidades de a oração predicadora exercer influência sobre o tempo e o aspecto da oração encaixada.

É importante destacar também que V2 apresenta condições para ocorrer, por exemplo, no modo subjuntivo, indicativo ou na forma não-finita, indicando a existência de exigências a serem satisfeitas para configurar uma *harmonia* sintática e semântica com a predicadora. Podemos ligar essa colocação às restrições observadas em nossos dados para a realização de V2 infinitivo, quando há coincidência de sujeitos (ou co-referencialidade de sujeitos); e com verbo no subjuntivo, quando não há essa coincidência. Diante de *querer*, V2 precisa sempre representar uma projeção/futuridade, um evento futuro em relação à expressão da volição, seja através do infinitivo, seja através do subjuntivo.

Essa restrição representa linguisticamente uma operação lógico-cognitiva que está na base dos princípios de iconicidade, regente da organização dos enunciados, segundo o qual a representação lingüística reflete a experiência conceptual dos usuários da língua (GONÇALVES et alii, 2008, p. 1071). A volição, portanto, implica projeção, que se verifica nas restrições sintático-semânticas para construções cuja porção predicadora envolva essa modalidade (como defendemos que ocorra com *querer* na maioria das construções em estudo).

Apresentando a gradação hierárquica das orações, Lehmann (1988) propôs um *continuum* para os tipos de orações, colocando nas extremidades aquelas que indicam o menor e o maior grau de integração. Parataxe representa o grau máximo de independência, em seguida – na direção de um grau cada vez mais elevado de encaixamento, as cláusulas correlativas, as mediais, as partículas conjuntivas e – representando o grau máximo de encaixamento – as *governed clauses*.



Quadro 2: Gradação hierárquica das orações (LEHMANN, 1988)

No pólo inicial, não há relação hierárquica entre as duas cláusulas que formam a estrutura complexa, o que caracteriza a parataxe. No pólo oposto, está a relação de encaixamento, na qual existe uma relação hierárquica entre as cláusulas; V2 está ranqueado abaixo da oração predicadora, como entendemos que ocorra nas orações encabeçadas por *querer*, tanto com V2 infinitivo quanto com finito. Esse *continuum* mostra que, quanto mais integradas estão as orações, maior é o nível de dependência existente entre elas, o que nos levará, ao analisar os dados, a propor níveis de interação diferentes de acordo com as características morfossintáticas das construções com *querer* + V2.

Lehmann (1988) discute também a explicitude do elemento de ligação entre as partes da construção³⁰, nomeando como sindéticas aquelas cujo elemento de ligação está explícito e assindéticas, em que o elemento de ligação não está explícito. A presença do conector está diretamente ligada ao tamanho das partes conectadas, fazendo-se necessário quando conectamos grandes porções de texto.

Para se considerar o grau de integração entre orações, o autor usou 6 (seis) parâmetros:

1. Rebaixamento hierárquico da oração subordinada;
2. Nível sintático;
3. Dessentencialização da subordinada;

²⁹ *Continuum* das orações (adaptado de LEHMANN, 1988, p. 189)

³⁰ É importante ressaltar que o autor classifica como subordinadas as orações encaixadas e hipotáticas.

4. Gramaticalização do verbo principal;
5. Entrelaçamento das duas orações;
6. Explicitude da articulação.

Os critérios 1 e 2 estão relacionados com o grau de autonomia *vs.* integração das orações subordinadas; 3 e 4 buscam aferir o grau de expansão ou redução de uma subordinada; 5 e 6 tratam da dicotomia isolamento *vs.* conexão nas orações subordinadas.

Trabalharemos, como apontado no Capítulo 2, com os parâmetros 3, 4, 5 e 6, por entendermos que estejam intimamente vinculados e se verificarem nas construções em estudo. A dessentencialização – que ocorre quando as partes da construção se fundem (como ocorre em nosso estudo) ou, em alguns casos, a oração predicadora passa a ter um valor adverbial ou próximo de um advérbio – nos leva à gramaticalização do verbo da porção predicadora; quanto maior o entrelaçamento entre as orações, maior a gramaticalização; em oposição, se há explicitude da conexão entre V2 e oração predicadora, o entrelaçamento das orações é menor e, conseqüentemente, a gramaticalização também.

É importante destacar que, na língua portuguesa, há três tipos de encaixamento que “completam” uma estrutura:

- Cláusula dependente encaixada em um SN, que pode ou não estar contido em um sintagma preposicionado;
- Oração dependente encaixada em um advérbio;
- Oração encaixada em um sintagma verbal. Vamos nos ater a este último tipo.

Historicamente, pode-se associar a correlação verbal à dessentencialização, isto é, à mudança lingüística empreendida por duas orações combinadas que passam a ser interpretadas como uma única oração. É o que Dias e Lima-Hernandes (inédito) defendem que ocorra com orações predicadoras (chamadas pelas autoras de principais) que contêm, dentre outros, verbos de movimento e de volição que compartilham o mesmo sujeito, tal como explicitado nos exemplos dados pelas autoras:

(a) **Inf1** apesar que tem aí um outro ângulo pra você analisar, depois eu **vou comentar** com você...(D2 RJ 355)

(b) L1 não é problema de construção não...o grande problema das estradas brasileiras é...como a gente tá num papo que vai demorar um pouquinho de tempo que não adianta mesmo a gente **querer** (risos) **alinhavar** a conversa né? (D2 SSA98)

No primeiro exemplo, o verbo *ir* é reanalisado como verbo auxiliar de futuro em relação ao verbo *comentar*. No segundo caso, o verbo *querer* é reanalisado como verbo auxiliar de modalidade volitiva em relação ao verbo *alinhar*. Por essa razão, a dessentencialização denota forte grau de entrelaçamento e integração. Note-se que, nesses casos, não há presença de conjunções (p. 2-3). Essa reanálise faz parte do processo de gramaticalização, que considera o entrelaçamento dessas orações (com mesmo sujeito para predicadora e encaixada) e conseqüente não explicitude da conexão entre ambas, justamente por ambas compartilharem o mesmo sujeito.

Segundo Haiman (1983) e Lehmann (1988), a possibilidade de negação do verbo da oração predicadora indica independência conceitual dessa parte da construção enquanto, em um forte estágio de dessentencialização, as subordinadas (ou V2 para nós) não podem ser negadas separadamente. Cezário et alii (1996, p. 92) partem do pressuposto de que "a possibilidade de negação dá à cláusula uma autonomia maior, pois esta não depende do fato negado ou afirmado na outra oração". Verificaremos essa possibilidade ou não de negação de V2 separadamente para demonstrar integração entre as partes.

Hopper e Traugott (2003, p. 175) estudam o processo de gramaticalização entre orações. Para esse estudo, consideram apenas *sentenças complexas*, ou seja, sentenças formadas por mais de uma oração. Sintaticamente, são definidas como sentenças compostas por um núcleo e uma oração marginal. Semanticamente, podem ser definidas de três formas: aquelas que funcionam como sintagmas nominais, como modificadores de nomes, modificadores de sintagmas verbais ou de toda a construção (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 177).

Entre essas orações, os autores consideram haver diferentes níveis de dependência, como demonstram através do quadro reproduzido a seguir:

Parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependente		+ dependente		+ dependente
- encaixada		- encaixada		+encaixada

Quadro 3: *Continuum* de integração apresentado por Hopper e Traugott (2003, p. 178).

- (i) *parataxe*: indica que há relativa dependência entre as orações;
- (ii) *hipotaxe*: indica que há uma interdependência entre as orações; existe um núcleo e outras orações que se sustentam sozinhas no contexto, dependendo relativamente do núcleo. Além disso, não são totalmente incluídas dentro de qualquer elemento constituinte do núcleo;

(iii) *subordinação*: indica que há completa dependência, na qual uma oração marginal é totalmente incluída em um elemento constituinte do núcleo (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 117).

Entre os tipos de combinações listados pelos autores, interessa-nos o encaixamento, considerado por eles como subordinação. As orações encaixadas funcionam tanto semanticamente quanto sintaticamente como expressões de um constituinte.

Os autores apresentam além das definições acima, a seguinte combinação de orações: *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação* (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 117), em que a parataxe é considerada como uma combinação menos dependente e menos encaixada; a hipotaxe, como mais dependente e menos encaixada; a subordinação como mais dependente e mais encaixada, em que um tipo tende para outro e assim sucessivamente, com estruturas que se enquadram em um outro tipo de maneira central ou fronteira com o próximo.

Para Hopper e Traugott (2003), a maior ou menor integração está estreitamente ligada ao grau de ligação sintática e semântica entre as orações. Assim, orações introduzidas por conjunção e verbos na forma finita indicam menor integração entre predadora e V2; já as orações introduzidas apenas por verbos na forma não-finita indicam máxima integração entre predadora e V2.

Para Gonçalves et alii (2008, p. 1063),

um fator que se correlaciona fortemente às formas finita e não-finita das sentenças encaixadas é o grau de dependência semântica que o evento na sentença encaixada mantém com o evento expresso na sentença matriz³¹. (...) quanto maior for a dependência conceitual entre os eventos codificados nas construções, tanto maior será, iconicamente, a proximidade formal entre eles, e tanto maior, também, será a probabilidade de a sentença encaixada (que codifica o evento dependente do evento da principal) ser expressa na forma não-finita.

Noção que expandimos aqui para todo V2 que complete *querer*, constituindo ou não uma encaixada.

Hopper e Traugott (2003, p. 207) mostram como orações principais se tornam *advérbios sentenciais* no Inglês contemporâneo, ou seja, a integração de estruturas através de múltiplas mudanças passa a uma oração simples. Os dados estatísticos nos permitem reconhecer a possibilidade de as orações em mudança se gramaticalizarem.

Após as definições e especificações da parataxe, hipotaxe e da subordinação (encaixamento), os autores apresentam exemplos de desenvolvimento de sentenças complexas

³¹ Chamada por nós de oração predadora.

e exemplos de sentenças complexas que passam a sentenças simples. Os casos relacionados à passagem de sentenças complexas a simples exemplificam a mudança pela qual começam a passar V2 e *querer*, iniciando um processo de gramaticalização, como demonstraremos que ocorre, em nosso estudo, pela gramaticalização de *querer* e consequente dessentencialização de V2.

3.1.2. Integração de orações com o verbo *querer*: gramaticalização em processo

A gramaticalização pode ser vista como constante reorganização do sistema sob a pressão do uso. Dentro do sistema tático (de interdependência) e semântico-funcional (de relação entre processos) do relacionamento entre orações (conforme proposta de HALLIDAY, 1985), nosso foco será o das relações de junção cada vez maior nas construções em estudo como forma de reorganização do sistema. Essas relações são entendidas aqui, dentro do sistema tático e semântico de interação entre orações, como aquelas em que a oração predicadora tem um de seus argumentos representado por outra oração (oração completiva) (NEVES, 2002, p. 152).

De acordo com Lehmann (1995 [1982]), só estariam em gramaticalização as orações com *querer* + V2 infinitivo; as construções com V2 finito estariam fora deste processo. O autor explica que, em (c), ocorre na predicadora um verbo lexical pleno (volitivo) que subcategoriza uma sentença completiva finita e não está em estágio de gramaticalização. Já em (d), o verbo volitivo é um modal cujo estágio avançado de gramaticalização advém do fato de o verbo da encaixada ser subcategorizado por aquele na forma infinitiva sem o emprego da preposição *de*.

(c) Latim

Opto [ut in hoc iudicio nemo improbus... reperiatur].

“Desejo que, nesse julgamento, ninguém seja considerado mau”.

(d) Francês

Je veux [aller au cinema].

“Eu quero ir ao cinema”.

De acordo com essa colocação, as construções com *querer* que apresentam sujeitos diferentes não estariam em processo de gramaticalização, pois não há junção, embora seus verbos predicadores sejam igualmente volitivos e carreguem a modalidade inerente a essa categoria, como afirmado por Givón (2001). Posicionamo-nos contrários a esta colocação,

pois entendemos que haja gramaticalização em todas as construções com *querer* + V2, embora em estágios diferentes: uns mais e outros menos avançados, por isso, trabalharemos para identificar estágios de integração entre as partes da construção de acordo com suas características semânticas e morfossintáticas, apoiando-nos nos autores que serão discutidos a seguir.

Entendemos que, nas construções complexas com V2, o verbo volitivo subcategoriza V2, cujo conteúdo semântico indica algo que resultará basicamente da expressão da vontade/desejo do sujeito de *querer*. Embora tenhamos destacado diferentes grupos de acordo com sua significação lexical, acreditamos que todas essas significações derivem da idéia principal de volição.

Cezário (2001), em seu estudo sobre padrões de frequência nas construções com cláusulas completivas, elege o Princípio da Iconicidade como o mais importante para a pesquisa, sobretudo o subprincípio da Proximidade, direcionado em seu estudo para a integração de cláusulas: quanto mais forte for a conexão semântica de dois eventos, mais forte é a conexão sintática de duas proposições em uma única oração. Como explica Braga (1999), baseando-se em Lehmann (1988), quando se testam os princípios da iconicidade e da proximidade, deve-se atentar para duas perspectivas: a da oração predicadora e a da oração encaixada:

interessa verificar se o verbo da oração principal está envolvido em algum processo de gramaticalização, processo que, ao provocar uma mudança no seu estatuto categorial, transforma-o em auxiliar, modal, aspectual, etc. e determina, igualmente, a perda de sua autonomia. De acordo com o segundo ponto de vista, isto é, do complemento oracional, cumpre investigar se esse está perdendo as propriedades das orações prototípicas, quais sejam, modo, tempo, aspecto e actantes distintos daqueles do verbo matriz³². (p.16)

Para Givón (1990), existe um isomorfismo sistemático entre os sentidos dos verbos e a codificação morfossintática. Há a verificação de que, quanto mais forte é a conexão semântica de dois eventos, mais íntima é a conexão sintática de duas proposições em uma única cláusula. O autor discute a variabilidade tipológica das construções com complemento. Alguns dos meios de codificação são baseados nos subprincípios universais da iconicidade, outros são mais gramaticalizados e específicos de uma língua. E é o verbo predicador que determina o esquema semântico das construções com complemento V2.

³² Chamado por nós de verbo da oração predicadora.

Cezário et alii (1996) partem do pressuposto de que o processo de subordinação é iconicamente motivado: as cláusulas refletem, em níveis de integração sintática, o tipo de integração que se verifica entre os seus conteúdos semânticos. Essa integração, entendida como a incorporação ou fusão dos elementos sintáticos e semânticos das duas cláusulas originais, possui uma gradação. Ela pode, segundo resultado da pesquisa feita por esses autores, ser total nos verbos efetivos, como em *estou entendendo*; parcial nos verbos emotivos, como em *quero sair*, e fraca nos verbos proposicionais, como em *ele disse que sairá*.

O grau de integração sintática é reflexo do grau de integração semântica, o que revela que o Princípio da Adjacência atua poderosamente no momento do uso das estruturas sintáticas disponíveis na língua. Esse princípio é observado em nosso estudo, pois, quando *querer* e V2 mantêm certa autonomia semântica e sintática, podemos dizer que os dois conteúdos expressos por cada uma dessas partes estão mais distantes, semântica e cognitivamente; já quando os conteúdos expressos estão mais próximos semântica e cognitivamente, as duas cláusulas tendem a se tornar fundidas (reanalizadas), com o primeiro elemento verbal (volitivo) passando a assumir função predominantemente gramatical e o segundo (V2), predominantemente semântica.

Ainda de acordo com Cezário et alii (1996), os verbos proposicionais têm tendência mais fraca a passar por processo de gramaticalização, os efetivos são os que têm a tendência mais forte, e os emotivos (entre eles, *querer*) têm uma tendência intermediária entre esses dois grupos. Segundo a mesma pesquisa (CEZÁRIO ET ALII, 1996, p. 63), nos usos de uma única forma, como, por exemplo, o verbo *querer*, há diferentes níveis de integração e verifica-se a deriva de estruturas paratáticas do tipo [eu quero] + [você sai] para estruturas encaixadas do tipo [eu quero que você saia] e destas para locuções verbais, como [eu quero sair]. Incluímos a essa deriva ainda os casos em que a locução passa a apresentar uma fusão semântica, pois as duas partes que a formam equivalem a uma única semântica (*significar*), como em [isso quer dizer mais estrangeiros no país].

Segundo Gonçalves et alii (2008), uma das formas de encaixamento no português é representada pelas sentenças substantivas, que, por sua posição sintática, se equiparam a um sintagma nominal, chamadas tradicionalmente de sentenças subordinadas substantivas, como podemos classificar a maioria das construções em estudo. Ainda segundo esses autores, construções envolvendo predicados cujos significados e configuração se aproximam dos de auxiliares apresentam um estágio de gramaticalização que caminha para a formação de perífrases modais que codificam um único estado de coisas, incluídos aí os predicados que

expressam volição (com V2 infinito ou finito), embora os autores restrinjam essas características aos verbos seguidos de forma infinitiva, posicionamento que discutiremos melhor durante o trabalho.

Neves (2000, p. 333) apresenta e define detalhadamente as características das orações encaixadas. Segundo a autora, estas equivalem a um sintagma nominal, construindo-se com verbo não-finito ou em modo finito. Quando são conectadas por conjunção, o verbo permanece na forma finita. Tal conjunção é denominada integrante e, na maioria das vezes, trata-se do *que*, podendo também ocorrer com *se*. Mas, caso o verbo ocorra na forma infinitiva, não ocorre conjunção.

Compartilhando a posição de Lehmann (1988) e Halliday (1994), Neves (2003) afirma que as orações substantivas são encaixadas ou integradas à predicadora. Em função argumental, funcionam como complemento de um termo da outra oração. Podem aparecer como argumento de verbo, como complementação de substantivo e como complementação de adjetivo.

A categorização por protótipos (TAYLOR, 1989) prevê graus de pertencimento a uma categoria, a partir dos atributos de um membro central. Podemos, então, distinguir características nas construções, através das quais possamos distinguir quais são as mais prototípicas. Para isso, podemos estabelecer como parâmetro a maior frequência de ocorrência.

Segundo Gonçalves (2001), as formas infinitivas apresentam maior grau de dependência da predicadora, indicando uma propriedade de cláusulas gramaticalizadas. Como as formas infinitivas predominaram nos dados, concluímos que estas estão perdendo seus traços de orações prototípicas, como modo, tempo, aspectos, tornando-se dependentes de *querer*. Por essa razão, são mais fortemente integradas ao predicado volitivo. Essa forte integração seria um indício de que estas seriam cláusulas mais gramaticalizadas do que aquelas com V2 finito. A escala de gramaticalização dessas orações seria:

Finita > não-finita > nominalização

Quadro 4: Escala de gramaticalização (proposta por GONÇALVES, 2001, p. 189)

3.2. Teoria da Gramaticalização

A gramaticalização foi considerada primeiramente como um processo lingüístico que teria como base a mudança [lexical] > [gramatical], já que haveria a passagem de uma palavra autônoma para um elemento com conteúdo gramatical.

A partir de trabalhos como o de Heine et alii (1991), passou a ser considerada como envolvendo também a mudança [gramatical] > [+ gramatical]. E, com base na concepção tradicional de que a gramaticalização envolveria a reinterpretação de material lexical/[gramatical] como material gramatical/[+gramatical], foram postulados *clines* unidirecionais que partem primordialmente da forma dos itens lingüísticos, e não de sua função nos mais diversos contextos de uso.

item lexical > item gramatical > clítico > afixo

Quadro 5: Unidirecionalidade, segundo proposta por Hopper e Traugott (1993, p. 7).

Como será melhor explorado em seção específica, alguns usos de *querer* encontrados se aproximam mais de itens gramaticais outros menos, de acordo com o maior ou menor afastamento que apresentem de suas propriedades lexicais “fontes”³³.

Existem, segundo o Heine (1993), quatro tipos de correntes relacionadas à expressão de conceitos gramaticais: *dessemantização*, relacionada à semântica; *decatégorização*, relacionada à morfosintaxe; *clitização*, relacionada à morfofonologia e *erosão*, relacionada à mudança fonética.

- **Dessemantização**³⁴: processo através do qual, em contextos específicos, um item lexical é *esvaziado* de seu sentido lexical e adquire função gramatical. No início, o sujeito é humano, o verbo expressa conceito lexical e o complemento, um objeto concreto ou lugar. Em seguida, o complemento passa a designar situações dinâmicas, e, por fim, o sujeito não mais é associado com referentes humanos, e o verbo adquire uma função gramatical (HEINE, 1993, p. 54).

- **Decatégorização**: as formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e características sintáticas de categorias plenas

³³ Entendemos como como propriedades lexicais “fontes” aquelas mais ligadas à semântica de *querer* como verbo pleno, ligado a complementos nominais, com valores mais fortemente vinculados à volição.

³⁴ Cezário et alii (1996, p. 54) falam em ressemantização, a qual designam como “processo que consiste numa perda da significação lexical de uma forma e num consequente ganho de significação gramatical. A ressemantização é decorrente da abstratização do significado de uma forma.”

como nomes e verbos, e passam a assumir características de categorias secundárias como adjetivos, participios, preposições, etc. Com a mudança de contexto lexical para gramatical, o verbo perde suas propriedades verbais, como a possibilidade de ser negado separadamente e ocorrer em outras posições na sentença; e o complemento, suas propriedades nominais, como sua marca infinitiva.

- **Cliticização:** com a perda de conteúdo lexical, o verbo predicador se desenvolve para um “operador” e seu complemento assume a função de verbo independente.
- **Erosão:** o verbo, que tinha forma fonológica plena, tende a sofrer erosão, perdendo a capacidade de marcar tom e *stress* distintivos.

Para identificar o processo de gramaticalização em estágios menos avançados e classificar as construções estudadas em mais ou menos gramaticalizadas, trabalharemos com os cinco princípios propostos por Hopper (1991) resumidos abaixo, levando em consideração ainda as colocações de Travaglia (2002):

- **Estratificação:** dentro de um domínio funcional amplo, quando um novo estrato emerge, os antigos podem permanecer e coexistir com os mais recentes. Se a gramática é emergente, novas formas surgem continuamente para desempenhar uma função sem que isso signifique que as formas já existentes tenham que desaparecer. Pelo contrário, é possível que as formas coexistam e concorram por um período de tempo (seja ele grande ou pequeno). Esse princípio indica ainda que, em uma mesma língua, existem diferentes “ferramentas” que servem a um mesmo propósito, ou a um propósito similar. O surgimento de novas camadas é gradual, por isso, não substitui imediatamente e totalmente a forma original. Essas novas formas têm pequenas diferenças de nuances de sentido, e são, às vezes, reconhecidas como diferenças estilísticas.
- **Divergência:** a forma original pode subsistir como elemento autônomo ao lado da forma gramaticalizada. Quando uma forma se gramaticaliza, a forma lexical original permanece autônoma e pode sofrer mudanças como itens lexicais comuns. A divergência deve ser entendida como um caso especial de Estratificação, pois o princípio das camadas envolve estágios de gramaticalização em domínios funcionais similares, enquanto a divergência ocorre em contextos específicos, ou seja, um item lexical torna-se gramaticalizado em um mesmo contexto e não se gramaticaliza em outro. Tem-se, então, um conjunto de formas com a mesma etimologia, mas

desempenhando funções diferentes. Novamente, o uso novo não acarreta o desaparecimento do uso original, constituindo o que muitos autores chamam de polissemia. A partir desse estágio, em que o item em processo de gramaticalização se especializa para um contexto específico, o uso desse item torna-se obrigatório, caracterizando o estágio da Especialização.

- **Especialização:** quando as formas assumem significado gramatical, há um estreitamento de opções no que diz respeito à codificação de categorias de um determinado domínio funcional. A gramaticalização reduz a possibilidade de escolha e um número restrito de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Para verificar o princípio de especialização, é preciso resolver o seguinte problema: as formas vão se especializar em funções diferentes ou uma delas vai predominar sobre a outra. É esperado, nesse estágio, que a forma, que sofre o processo em questão, seja polissêmica. Refere-se à possibilidade de um item se tornar obrigatório por esse estreitamento de opções para codificar determinada função, à medida que uma dessas opções tem sua frequência de usos aumentada por estar mais gramaticalizada.
- **Persistência:** alguns traços do significado original podem persistir, restringindo a distribuição da forma gramatical. Quando uma forma sofre gramaticalização, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar e detalhes de sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Nesse estágio, um ou mais de um dos sentidos refletem o primeiro sentido dominante.
- **Dessentencialização (ou Decategorização):** perda ou neutralização das marcas morfológicas e características sintáticas das categorias plenas (N ou V). A gramaticalização sempre implica mudança categorial e segue na seguinte direção: verbo > nome > outra categoria, não o contrário, ou seja, certas características de nomes e verbos assumem características de classes secundárias, como adjetivos, preposições etc. O item em gramaticalização perde sua autonomia no discurso. Há uma mudança semântico-funcional. Ao sofrerem congelamento ou perda das partes morfológicas, os itens adquirem funções discursivas. Traugott (1982 *apud* HOPPER, 1991) afirma que a perda de autonomia discursiva significa que o item adquiriu uma função ou sentido relacionado ao texto ou a uma construção local.

Pode-se, então, chamar gramaticalização o processo de regularização do uso da língua, ligado diretamente à variação e à mudança lingüística. De acordo com Heine (2003, p. 578), esse processo tem como principal motivação o estabelecimento de uma comunicação bem-

sucedida, portanto se dá a partir das necessidades de comunicação não satisfeitas pelas formas já existentes no idioma e também por noções existentes para as quais não há um correspondente lingüístico.

A gramaticalização estuda as mudanças lingüísticas no espaço de um *continuum* entre unidades lingüísticas independentes, quase sempre de natureza lexical, e unidades de natureza mais gramatical, dependentes e ligadas – tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinadas e flexões (CASTILHO, 1997).

Portanto,

a gramaticalização é interpretada como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática quanto as formas que mudam no interior da gramática (FURTADO DA CUNHA, COSTA & CEZÁRIO, 2003, p. 53).

O tratamento funcionalista coloca sob exame o equilíbrio instável que configura a língua por considerar as gramáticas como sistemas adaptáveis (DU BOIS, 1985). Temos, portanto, de um lado, um sistema parcialmente autônomo em que se abrigam categorias materializadas em um determinado momento, mas disponíveis para uma reutilização, cuja direção não é fixada; de outro lado estão as pressões do sistema e de ordem comunicativa, em contínua competição, que comandam uma constante acomodação da gramática, governando o aspecto gramatical mais fundamental, a que se chama gramaticalização (NEVES 2002, p. 176).

Esse processo de acomodação envolve os seguintes pressupostos, segundo Neves (2002, p. 176) (conforme HEINE & REH, 1984; LEHMANN, 1991; GIVÓN, 1991; HEINE et alii, 1991a; HOPPER, 1991; LICHTENBERK, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993):

- a) caráter não-discreto das categorias;
- b) fluidez semântica, com valorização do papel do contexto;
- c) unidirecionalidade e gradualidade das mudanças;
- d) coexistência de etapas, com conseqüente polissemia;
- e) regularização, idiomatização e convencionalização contínuas.

E, com lenta e contínua mudança no conjunto de membros das diversas categorias, a gramática se acomoda, sempre rearranjando no sistema os elementos que se deslocam gradativamente para responder às necessidades da língua e de seus usuários (NEVES, 2002, p. 187).

Desde os primeiros estudos sobre esse fenômeno lingüístico, sua definição tem mudado e assumido novos contornos a fim de abarcar as características que foram sendo percebidas à medida que os estudos nessa área avançavam.

Segundo Votre (1996), uma cadeia polissêmica faz derivarem os sentidos mais abstratos dos mais concretos por um processo de deslizamento semântico, iconicamente motivado por transferência metafórica e metonímica, que obedece parcialmente aos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991): divergência, especialização, persistência e dessentencialização.

Percebemos, portanto, que, na gramaticalização, metáfora e metonímia são processos complementares, pois o que se apresenta é uma escala que “estende espaço e tempo para o texto, isto é, que prevê que elementos espaciais, além de poder passar à expressão de tempo, ainda possam passar à organização do universo discursivo” (NEVES, 1997, p. 137) como defendemos que ocorra nas construções em estudo.

Entendemos que, em seu caminho de gramaticalização, *querer* lesiza de verbo pleno³⁵ para auxiliar modal, por isso, é possível aplicar a seguinte cadeia de estágio proposta por Travaglia (2007) ao verbo *querer*, em sua gramaticalização:

Verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares³⁶) > marcador discursivo³⁷

Como discutiremos melhor na seção seguinte, *querer* não chega a ser auxiliar; fica entre os que Travaglia chama de semi-auxiliares, por suas particularidades de permanência de certas características semânticas. Entendemos, portanto, que *querer* esteja “no meio do caminho” entre auxiliares e semi-auxiliares devido à permanência de traços de sua semântica, além de apresentar usos que o aproximam de marcador discursivo. O próprio Travaglia menciona que o que provoca esse meio termo é o não esvaziamento semântico, como propomos aqui. Mesmo assim, a cadeia proposta pelo autor nos ajuda a visualizar em que estágio os diferentes tipos de *querer* encontrados por nós nos dados estão em relação ao verbo pleno de que se originam e ao marcador discursivo para o qual caminham.

³⁵ Com complemento nominal e sentido de *desejar, pretender* – volição.

³⁶ Para Longo (1999, p. 13), os auxiliares temporais não são, do ponto de vista semântico, meros elementos funcionais, equivalentes a morfemas de tempo, o que, segundo a autora, enfraquece a hipótese de gramaticalização. O que encontra validação na discussão levantada na seção seguinte sobre a inclusão ou não de *querer* entre os verbos auxiliares.

³⁷ Mas, ao menos em nossos dados, o verbo em estudo não chega a esse último estágio proposto por Travaglia (2007), por trabalharmos com dados escritos e entendermos que provavelmente esse uso ainda seja muito vinculado à linguagem oral informal.

3.2.1. Reanálise das construções com volitivo

A reanálise consiste na reestruturação de uma expressão ou grupo de expressões que não envolve nenhuma modificação intrínseca ou imediata da sua manifestação superficial (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). É um mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se pela reorganização da estrutura do enunciado e reinterpretação dos elementos que o compõem (CEZÁRIO, 2001).

Segundo Givón (1990), quanto mais forte é a conexão semântica de dois eventos, mais íntima é a conexão sintática de duas proposições em uma única cláusula. É o que acreditamos que aconteça em construções com *querer*.

De acordo com Cezário (2001), duas cláusulas podem se integrar a ponto de se tornarem apenas uma. Neste caso, são reanalisadas e passam a ter apenas um núcleo. A cláusula marginal passa a ser a nuclear e a cláusula principal “rebaixa-se” a um advérbio oracional. Nesse processo de gramaticalização, o verbo que antes era visto como o principal da construção passa a ser interpretado com função auxiliar do verbo semanticamente subordinado a ele. A partir dessa colocação, passamos, então, a discutir se o verbo *querer* atua nas cláusulas de que faz parte com papel central ou marginal.

Os verbos, assim como as demais classes de palavras de uma língua, podem ser divididos em: lexicais e gramaticais, de acordo com suas características e funções morfológicas, sintáticas e semânticas. Em uma análise geral, entre os lexicais ficariam os verbos plenos e entre os gramaticais, os auxiliares.

De acordo com Travaglia (1991, p. 21), no estudo textual dos verbos, temos divisão e explicação semelhantes:

a) verbos que expressam situações, funcionando como lexemas e podendo, por isso, ser chamados de verbos lexicais;

b) verbos cuja função primeira ou única não é expressar uma situação, mas carregar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis textuais determinados; funcionam como uma espécie de gramema³⁸, podendo ser chamados de verbos gramaticais.

Dizemos que o valor/significado/sentido do verbo é gramatical quando sua função não é expressar situações, mas marcar categorias verbais (tempo, modalidade, aspecto, voz) e/ou exercer funções ou papéis discursivo-textuais determinados (como os operadores argumentativos e os marcadores conversacionais, por exemplo) ou ainda indicar noções

³⁸ Adotamos a noção de gramemas como vocábulos que não traduzem idéias semânticas, são instrumentos gramaticais e servem para estabelecer relações entre as palavras (MONTEIRO, 1987, p. 11).

bastante gerais e abstratas que não constituem situações, tais como resultatividade, cessamento, repetição, atribuição, etc.

Seu conteúdo é, pois, de natureza funcional, gramatical, relacional, dentro dos limites da organização e funcionamento da língua sem referência a elementos do mundo biopsicofísicosocial ou, se tiver uma referência desta natureza, esta será apenas uma indicação referencial “indireta” como a dêitica e a anafórica.

Incluir-se-iam nos valores/funções dos recursos gramaticais os de ordenação textual-discursiva, direcionamento argumentativo, ênfase, contrastes entre figura e fundo, apoios de interação (como os marcadores conversacionais), entre outras funções (TRAVAGLIA, 2007).

De acordo com Perini (2008), pode-se dizer que um verbo não tem diátese³⁹ quando funciona como auxiliar, já que, na oração em que ele aparece, há sempre outro verbo e as diáteses desse outro verbo prevalecem. Isso, segundo o autor, vale não apenas para os auxiliares *stricto sensu*, mas também para os modais⁴⁰. Discordamos parcialmente dessa colocação, pois *querer* não funcionaria simplesmente como auxiliar (mesmo entendido como auxiliar modal), já que, como demonstraremos na análise dos dados, não perde totalmente sua diátese, a não ser em estágios mais gramaticalizados.

Querer não se encaixa plenamente em uma ou outra categoria, visto que compartilha várias características do grupo dos lexicais, mas é classificado em várias situações como um auxiliar (pertencente à categoria dos gramemas), embora com a ressalva de ser um auxiliar modal.

As características defendidas para *querer* vão ao encontro da proposta de Travaglia (2007), ao afirmar ser possível que o verbo tenha dupla função: indicando uma situação e, ao mesmo tempo, exercendo um papel gramatical ou textual específico. Entre os verbos com essa capacidade, o autor coloca os auxiliares, subdividindo-os em: modais, temporais, aspectuais, de voz, semânticos.

Os auxiliares modais, segundo o autor, podem indicar:

- Obrigação: ter + de/que + infinitivo; obrigo + a + infinitivo;
- Necessidade: precisar + infinitivo; dever + infinitivo;
- Volição: querer / desejar / pretender + infinitivo (nosso principal foco);

³⁹ Para Perini (2008), a formulação de diáteses e a associação de cada uma a um conjunto de verbos se faz para caracterizar as propriedades gramaticais desses verbos, sua contribuição para a sintaxe e a semântica das orações de que participam. Cada diátese deve dividir o conjunto de verbos da língua em duas subclasses: a dos verbos que ocorrem naquela construção e a dos que não ocorrem.

⁴⁰ O autor separa os chamados auxiliares *stricto sensu*, que têm seus traços semânticos mais esvaziados, daqueles que não os têm, considerados, por isso, como modais, pois agregam algum traço de modalização à construção deles resultante, entre estes os volitivos.

- Possibilidade: poder + infinitivo.

Os volitivos ficam, portanto, entre as duas classificações – agrupados aos modais, por apresentarem características de ambas: exercem papel textual – gramemas – indicando modalidade de vontade e desejo, mas, como trazem novos matizes de sentido à construção resultante, também têm características que os aproximam dos lexemas⁴¹. Como sua “principal” função é marcar necessidade/obrigação, o grupo do auxiliares modais não faz recortes claros de tempo, ficando, portanto, no campo da expressão da hipótese, o que o aproxima de características dos volitivos, cuja função é marcar a expressão de desejo/vontade.

A questão que se apresenta agora é: *querer* deve ser considerado como auxiliar modal somente quando diante de V2 infinitivo ou também diante de orações finitas?

Pontes (1973, p. 47) opta por classificar como modais os verbos que se constroem com infinitivos. Ficariam fora dessa categoria *querer* com orações finitas (com sujeitos diferentes) como complemento, como já apontamos. Concordamos em parte com essa colocação por acreditarmos que, mesmo que de maneira enfraquecida, o volitivo continue a modalizar vontade, desejo sobre a oração que o complementa, ainda que esta seja finita.

Já na página 60, Pontes (1973) defende que os verbos classificados por Said Ali como auxiliares⁴², são, na verdade, transitivos e o infinitivo que deles depende constitui uma oração que serve como seu objeto. Temos, portanto, uma divergência entre o que é proposto nas páginas 47 e 60, confirmando a complexidade do assunto.

As construções com complemento infinitivo são parte de um problema mais geral: a complementação. Seguindo Lakoff, Pontes (1973, p. 125) considera complementação como um caso de sujeito ou objeto direto oracional. Seria uma questão de subordinação, portanto: teríamos orações que se “encaixam” dentro de outras, presas às orações principais por um marcador de subordinação (que pode ser um *que* ou um morfema de infinitivo), englobando as construções com V2 finito entre as encaixadas, como defendemos aqui.

A partir dessa discussão, partimos para a maior integração que defendemos estar em processo nas orações em que o volitivo tem seu sentido completado por um V2 infinitivo.

Givón (1990) defende que, na passagem de um verbo pleno a auxiliar, ocorre a reanálise, porque o sujeito da oração predicadora é o mesmo do sujeito da cláusula encaixada, possibilitando total controle do sujeito de *a* sobre o sujeito de *b*. O sujeito de *a* geralmente é o agente ou influenciador do processo de *b*. Além disso, a cláusula *b* não tem marcas modo-

⁴¹ Lexema: palavras que apresentam raiz – morfema de significação externa, portador de uma significação básica comum ao grupo de palavras por ela (raiz) formado (ROCHA, 2003).

⁴² Causativos, sensitivos e modais (vir e os que indicam vontade ou desejo, esforço ou tentativa).

temporais, número-pessoais, não tem sujeito formal e, muitas vezes, não pode ser negada. Essas características de *b* tornam a construção com verbo no gerúndio ou no infinitivo uma estrutura não clausal e o usuário aproxima *b* de *a* para que V2 tome da predadora as características clausais. Ocorre, desta forma, a reanálise e as duas cláusulas tornam-se uma locução. Geralmente, cada verbo dessa locução tem um papel específico: o auxiliar com função gramatical e o verbo principal com função lexical.

Para discutir a reanálise em processo para as construções com *querer* + V2 infinitivo, retomamos o quadro anteriormente proposto – a partir de Krug (2000) e com base nas pesquisas feitas sobre os sentidos possíveis para *querer*⁴³ e para o verbo latino latino *quaero*⁴⁴ – a fim de facilitar a discussão:

Sentir falta de → ter necessidade de → volição
--

Quadro 1: Proposta de *continuum* semântico para volição

A partir da expressão do sentimento da falta de algo ou alguém vem expressão da necessidade de buscar aquilo de que se sente essa falta e, então, a expressão da vontade de ter algo de que se sente falta e se busca. E da expressão da vontade de ter algo (expresso através de um nome concreto) surge a expressão da vontade de que algo se realize (expresso através de um V2 infinitivo que complementa a ideia expressa pelo verbo), quando o volitivo passa a ser usado como auxiliar modal, reanalisado portanto.

Krug (2000, p. 146) aponta as principais forças motivadoras para a ascensão de *want to* modal, dentre as quais vamos selecionar duas, que acreditamos que se apliquem também para demonstrar o uso de *querer* como auxiliar modal:

- operações sintáticas: generalizações de complementos nominais para complementos infinitivos;
- inferências pragmáticas: enriquecimento a partir de sentir falta de (provavelmente via ter necessidade de) para volição.

Mais uma vez, o complemento infinitivo aparece como fator determinante para a reanálise.

Cezário (2001) elenca as seguintes características das construções com verbos de modalidade:

⁴³ Dicionário português pesquisado: Borba (1991)

⁴⁴ Dicionários latinos pesquisados: Faria (1958; 1967), Saraiva (1993).

a) o verbo principal⁴⁵ codifica inepção, terminação, persistência, sucesso, esforço, intenção, obrigação ou habilidade – comparado com o estado/evento do complemento;

b) o sujeito da cláusula principal⁴⁶ é obrigatoriamente o mesmo do sujeito da oração complemento⁴⁷.

Por esses critérios, somente as construções com infinitivo estariam sendo reanalisadas como auxiliares modais, em gramaticalização, portanto, embora não possamos negar que, nas encaixadas finitas, o volitivo também modalize vontade, desejo sobre a oração que o complemento, mesmo que em um estágio menos integrado.

Por isso, retomamos a proposta por Travaglia (2007) para trabalhar a gramaticalização do verbo *querer* nas construções em estudo:

Verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares) > marcador discursivo

Querer fica entre os verbos que Travaglia chama de semi-auxiliares pela permanência de algumas de suas características semânticas, conforme discutido anteriormente, mas, nas construções com infinitivo, *querer* estaria sendo reanalisado como auxiliar modal. Por isso, podemos dizer que, de acordo com a proposta de Travaglia (2007), as construções de *querer* + V2 infinitivo estariam mais à direita que as construções com V2 finito. Essa cadeia proposta pelo autor nos ajuda a visualizar em que estágio as diferentes construções encabeçadas por *querer* estão em relação ao uso de *querer* como verbo pleno de que se originam e também em relação ao marcador discursivo para o qual algumas dessas construções caminham⁴⁸.

O quadro proposto por Hopper e Traugott (1993) nos ajudará a verificar como os processos nele ilustrados se dão em nossos dados. Como esse quadro será trabalhado parcialmente, destacaremos em negrito as partes que julgamos essenciais para nosso estudo:

⁴⁵ Chamado por nós de verbo da oração predicadora ou verbo predicador.

⁴⁶ Chamada por nós de oração predicadora.

⁴⁷ Chamada por nós de V2 para englobar também as construções em que não se tem mais uma oração infinitiva.

⁴⁸ Caminham para marcador discursivo as construções com V2 infinitivo *dizer*.

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	mais material fonológico > menos material fonológico	redução fonológica
Morfologia	lexical > gramatical (forma livre > forma presa)	recategorização (morfologização)
Sintaxe	menor coesão > maior coesão	reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	processos metafóricos
Pragmática	estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	sintatização

Quadro 6: Proposta de Hopper e Traugott (1993) para a unidirecionalidade

Essa proposta de ligar o processo de reanálise à passagem de uma construção sintática com menor coesão para uma de maior coesão nos leva de volta às análises feitas em relação aos dois grandes grupos de encaixadas e suas características sintáticas, como relacionadas no quadro proposto por nós a seguir:

encaixada	
finita	infinitiva
Sujeitos diferentes para <i>querer</i> e encaixada	Sujeitos iguais
Obrigatoriedade da explicitude do elemento de ligação entre orações	Impossibilidade da explicitude do elemento de ligação entre orações
Maior tamanho das partes conectadas	Menor tamanho das partes conectadas

Quadro 7: Proposta de distribuição para as características sintáticas das encaixadas finitas e infinitivas a partir da análise de dados

Reverendo essas características, podemos afirmar que a encaixada na forma não finita está ligada ao volitivo de forma mais coesa e, por isso, mais próxima da reanálise do que a encaixada na forma finita. A integração mais coesa se aplica também a V2 infinitivo, mesmo que não forme uma encaixada.

Em relação à semântica, entendemos que estamos diante de uma passagem de *querer*, ligado a um desejo mais concreto, encontrado somente em seu uso como verbo pleno, para a expressão de um desejo mais abstrato, que se expressa através da junção ao sentido de V2, tanto finito quanto não finito, mas sempre ligado à volição, à futuridade e, conseqüentemente, ao *irrealis*.

De acordo com Heine (1994), para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática, observando-se ainda a transferência conceptual, como defendemos que ocorra em *querer* devido ao espraiamento de seu uso: de usos como verbo pleno ligado a complementos nominais concretos *querer* passa a expressar projeção no espaço e no tempo (como consequência da projeção no espaço) – ainda como verbo pleno ligado a complementos nominais concretos – e chega a usos menos concretos ligados a construções oracionais para expressão da modalização de uma vontade. Essa transferência nos leva à elaboração do seguinte caminho para a projeção que se processa no verbo em estudo:

projeção no espaço⁴⁹ > projeção no tempo > desejo físico > desejo abstrato

Quadro 8: Proposta de caminhos da projeção em *querer*

Os contextos morfossintáticos de *querer* favorecem reinterpretações a partir de dois mecanismos: metáfora e metonímia, presentes no processo de gramaticalização em estudo:

- Metonímia, ou motivação pragmática, envolve a reinterpretação induzida pelo contexto. É responsável pelas diferentes reinterpretações dos volitivos induzidas pelas seqüências tipológicas em que os termos se inserem. Essas possíveis reinterpretações dos volitivos vão ao encontro do que Traugott e König (1991, p. 194) chamam de inferência por pressão de informatividade, predominante na gramaticalização de operadores argumentativos. Nesse processo, o elemento lingüístico assume um novo valor, que emerge dos contextos em que esse novo sentido pode ser inferido a partir do primeiro.
- Metáfora, ou transferência conceptual, aproxima domínios cognitivos diferentes, com processo de abstratização crescente. É responsável pela polissemia que o termo apresenta, decorrente da transferência conceptual partindo de um domínio conceptual mais concreto e mais antigo na língua para um mais abstrato e mais recente, como demonstra o quadro anterior.

Nesse espraiamento de sentido e aplicação de usos, a projeção de vontade física em relação a algo concreto – expressa por um período simples – passa à projeção de uma vontade

⁴⁹ Martelotta (2010, p. 55) questiona se tempo é, de fato, responsável pela dinâmica do espaço físico ou consequência dele, o que implica questionar o princípio da unidirecionalidade em relação a esses conceitos. O próprio autor coloca que esta é uma questão que extrapola os limites do estudo lingüístico. Mas não nos aprofundaremos nessa discussão, pois o que nos importa fundamentalmente é tomar ambos como anteriores e mais concretos em relação ao conceito de desejo.

mais subjetiva em relação a uma ação ou estado de coisas que pode ou não se realizar em um momento posterior à expressão dessa vontade – expressa por um período composto por *querer* + V2. Esse espraiamento pode ser interpretado como a expressão de um desejo físico que passa a expressar também um desejo não físico, como a proposta elaborada por nós a seguir:

físico > não físico

Quadro 9: Primeira proposta de transferência conceptual de *querer* como verbo pleno para verbo predicador

Pode ainda ser interpretado como a expressão de desejos [- subjetivos] que passa a expressar também desejos [+ subjetivos], como a proposta elaborada por nós a seguir:

- subjetivo > + subjetivo

Quadro 10: Segunda proposta de transferência conceptual de *querer* como verbo pleno para verbo predicador

Mas tanto na projeção de vontade física (ou - subjetiva) quanto na projeção da vontade - física (ou + subjetiva), a futuridade que essa projeção implica está sempre envolvida na semântica do verbo *querer*, como demonstra o quadro elaborado por nós a seguir:

Físico	> - físico	→ volitivo
↓	↓	↓
futuridade	futuridade	futuridade

Quadro 11: Proposta de demonstração da permanência do traço de futuridade em *querer*

3.2.2. Estágios de gramaticalização

Bybee et alii (1991) levam em consideração três critérios para o estabelecimento do grau de gramaticalização formal de uma cláusula: fusão, dependência e redução.

Heine (1993, p. 58) apresenta os sete estágios através dos quais a classe em processo de gramaticalização tende a ter menos elementos. No último estágio há um número mínimo de itens pertencentes à mesma classe ou paradigma. O autor explica esses estágios em relação à gramaticalização dos auxiliares, mas aponta que verbos plenos produtivos nas línguas também podem ser submetidos a processos de auxiliarização.

Os setes estágios descritos pelo autor estão resumidos a seguir:

1º: Situação de esquemas fontes concretos, em que o verbo tem seu sentido lexical pleno e o complemento se refere geralmente a objetos concretos.

2º: O verbo ainda é pleno, mas o complemento se refere a uma situação dinâmica. Há uma situação de ambigüidade. O verbo já inicia a rota de auxiliarização, mas ainda não é um auxiliar, pois, nas construções que integra, ainda há presença de complementos nominais e infinitivos.

3º: O sujeito não tem mais referência humana, passando a ter função formulaica. Adquire marcas gramaticais de tempo, aspecto ou modalidade. O complemento aparece na forma não-finita, indicando uma atividade. A oração finita já não é mais aceita como um complemento possível. O verbo já não pode mais ser considerado um auxiliar prototípico.

4º: A característica mais evidente é o *status* decategorizado do verbo, ou seja, ele tende a perder sua habilidade de formar a passiva, o imperativo, ser nominalizado; não admite nomes como núcleo de seu complemento, e sim verbos não-flexionados.

5º: O verbo não pode mais ser negado separadamente, nem ocorrer em outras posições na cláusula. São híbridos por combinarem características de verbos lexicais e marcas gramaticais. Geralmente, cliticização e erosão são desencadeados. O verbo perde, então, substância fonológica e, possivelmente, a nominalização e/ou adverbialização do complemento.

6º: O verbo perde todas as propriedades verbais remanescentes. Dessa forma, está morfológica e sintaticamente como um elemento gramatical (mas ainda mantém resíduos que possibilitam identificar sua origem) e seu complemento é reinterpretado como verbo principal. O verbo muda de clítico para afixo.

7º: O verbo é puramente gramatical, reduzido, geralmente, a um afixo impossibilitado de carregar tom e *stress* distintivos. Seu complemento perdeu os traços nominais ou adverbiais, transformando-se em um verbo principal pleno.

É importante destacar que as etapas descritas por autores como Bybee et alii (1991) não se aplicam da mesma forma para todos os elementos. Um dos grandes problemas de identificar as propriedades dos itens lexicais é que não se consegue especificar quando a gramaticalização começa. Tal processo está ligado à cognição, uma vez que queremos ser mais expressivos, bem entendidos e predominar nas situações. Usamos, para isso, nossa criatividade. A inovação que se instaura baseia-se no princípio da economia: utilizamos significados pré-existentes para novos propósitos.

Embora não seja possível neste trabalho, em virtude do tempo, interessa-nos, em uma etapa futura de continuidade deste trabalho, aprofundar nosso estudo sobre o processo de gramaticalização das construções, pois entendemos que o assunto trabalhado até agora aponta para uma gramaticalização das construções, como podemos observar pelas três conseqüências apontadas por Traugott (2003, 2009) para o processo de gramaticalização de construções:

- a) mudança entendida como um processo dinâmico, uma vez que a emergência de novos padrões construcionais se dá através do tempo e dos usuários da língua, ou seja, o uso reiterado de padrões construcionais leva à sua gramaticalização;
- b) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais;
- c) incorporação das micro-construções em uma rede, o que permite estabelecer redes construcionais de gramaticalizações integradas/interligadas.

Entendemos que a análise da distribuição das ocorrências das construções com *querer* contribui para ratificar estas três premissas, pois verificamos:

- i) a emergência de novos padrões construcionais já que, ao longo do tempo, tais construções têm tido seu escopo de uso ampliado;
- ii) o alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais em novos contextos caracterizados por uma maior expressão das crenças e atitudes do usuário da língua tem como resultado a emergência de novas construções gramaticais;

Mas as diferentes construções possíveis com *querer* + V2 não deixam de estar intimamente relacionadas entre si, estabelecendo a gramaticalização de construções integradas/interligadas.

Outro ponto destacado nessa perspectiva teórica é o parâmetro referente ao entrelaçamento de orações. Trata-se de um parâmetro de averiguação para detectar o grau de integração entre duas proposições. No entrelaçamento, está presente o aspecto semântico, no qual as orações compartilham alguns elementos em relação ao significado, e o aspecto sintático, no qual é expresso esse compartilhamento, através da não especificação destes elementos que se sobrepõem semanticamente.

A anáfora é um exemplo da expressão sintática do entrelaçamento de orações. Quanto mais as partes da construção estão entrelaçadas, maiores são as possibilidades de ocorrer anáfora do sujeito, que pode ser zero ou pronominal, em V2. Nos casos das construções com volitivo em que há coincidência de sujeitos, essa anáfora de sujeito de V2 é obrigatória. Já para os casos em que não há coincidência de sujeitos, é possível encontrar um sujeito pronominal para V2, mas não encontraremos um sujeito zero, pois este traria problemas de interpretação do conteúdo da construção.

3.2.3. Mudança semântica

Para Traugott (1995), no processo de gramaticalização, certas propriedades (semânticas, inclusive) podem ser reduzidas, dando lugar a um fortalecimento pragmático (assumindo novas funções pragmáticas). Esse fortalecimento pragmático seria uma tentativa de o usuário da língua aumentar a informatividade para o interlocutor acerca do que está sendo dito, ou seja, o usuário da língua atribui expressividade ao que diz ao indicar suas crenças e atitudes em relação ao conteúdo proposicional.

Segundo Traugott (2003), o fortalecimento pragmático, em geral, e a subjetivização, em particular, surgem das relações pragmáticas envolvidas em parâmetros cognitivos e comunicativos da interação entre os usuários da língua e das práticas discursivas.

O primeiro passo para a mudança semântica é, portanto, a generalização, que diz respeito à possibilidade de serem usados itens em gramaticalização em contextos selecionados a partir de menores especificidades, ou seja, estes contextos tornam-se mais abrangentes, a que os autores chamam de *semantic generalization*. Nesse processo, certos componentes do sentido são perdidos, o que caracteriza a redução semântica (*semantic reduction* ou *bleaching*). Pode haver, nesse momento, um paralelo com a redução fonológica (*erosion*), processo pelo qual os elementos em gramaticalização podem passar também.

Na medida em que os elementos são reduzidos fonológica e semanticamente, eles se tornam mais dependentes do contexto e, por isso, se fundem a outros morfemas lexicais ou gramaticais nesse ambiente. Paralela a essa dependência fonológica, existe também uma dependência semântica do material circundante. Como o item em gramaticalização perde seu conteúdo semântico original, sua interpretação é mais dependente do conteúdo semântico do contexto, sendo afetada por ele. Com a redução semântica e fonológica, a posição sintática do item se torna fixa e seu escopo se relaciona com outros elementos.

Acreditamos que *querer*, diante de algumas configurações morossintáticas e semânticas específicas do V2 que o acompanha, esteja passando por processo de redução de traços morfológicos caminhando para a cristalização na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como defendemos que ocorra diante de *dizer* e das estruturas que denominaremos adiante como falsos encaixamentos. Assim, o sentido e as características morfológicas do volitivo, nessas construções, tornam-se altamente dependentes do material circundante.

Podemos agrupar as características que definem o *status* gramatical em uma língua como: *paradigmatization*, que trata da organização paradigmática de formas gramaticalizadas;

obligatorification, que diz respeito à tendência de formas opcionais tornarem-se obrigatórias; *condensation*, que trata da diminuição da forma; *coalescence*, colapso de formas adjacentes, e, por fim, *fixation*, que é a ordem linear livre tornando-se fixa. Quando todos esses estágios são identificados em um processo, a gramaticalização é claramente definida (LEHMANN, 1988).

Para Hopper (1987), a gramática de uma língua é sempre emergente, deve ser vista como um fenômeno social, sempre em tempo real e cuja estrutura é sempre provisória. Por isso, estão sempre surgindo novos fatores, funções ou usos. Devido a essa gramática emergente, é possível reconhecer os estágios de gramaticalização.

Heine (1993, p. 53) introduz o conceito de *grammaticalization chain* (cadeia de gramaticalização). O primeiro passo para sua ocorrência é a existência de uma forma lingüística com dois usos: um sobrepondo-se ao outro. Um elemento refere-se à fonte e o outro à meta. A existência do elemento fonte é historicamente primeira e menos gramaticalizada que a do elemento meta. Dentro desse fenômeno, todos os componentes da forma lingüística são afetados, desde sua forma semântica, passando pela sua forma sintática, até sua forma fonológica.

Devido à sobreposição de formas, as categorias gramaticais são inerentemente ambíguas em certos usos. Além disso, a cadeia de gramaticalização é tradicionalmente abordada como unidirecional, se estendendo de um uso historicamente primeiro, menos gramatical, ligado a um conceito mais concreto, para um uso historicamente secundário, mais gramatical, ligado a um conceito menos concreto. A rede de gramaticalização tem a dimensão sincrônica e diacrônica e é definida pelo autor como uma família de categorias linearmente estruturadas (HEINE, 1993, p. 53).

Nesse *continuum*, um item pode “deslizar” de uma categoria gramatical para outra. Traugott (1988) aponta que, de um mesmo *continuum*, tem-se o desenvolvimento de advérbios ou preposições em conectivos oracionais e de concessivos a partir de temporais. Outro “deslizamento” possível é o que se observa em categorias semânticas, como a passagem de um valor locativo a temporal ou de um valor temporal a causal.

Hopper e Traugott (1993) retomam a perspectiva tradicional acerca da unidirecionalidade para propor o *continuum* demonstrado no quadro retomado a seguir para facilitar nossa discussão, com destaque para os níveis que interessam-nos para este trabalho: “Sintaxe” e “Semântica”.

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	mais material fonológico > menos material fonológico	redução fonológica
Morfologia	lexical > gramatical (forma livre > forma presa)	recategorização (morfologização)
Sintaxe	menor coesão > maior coesão	reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	processos metafóricos
Pragmática	estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	sintatização

Quadro 6: Proposta de Hopper e Traugott (1993) para a unidirecionalidade

Em trabalho posterior, Traugott (1995) acrescenta que a gramaticalização não opera em uma simples dimensão e que a subjetificação estaria presente, até mesmo, em estágios iniciais do processo de gramaticalização. A subjetificação seria, então, resultado da necessidade que tem o usuário da língua de expor a relevância acerca do que é dito.

3.3. Volição

De acordo com Heine (1993), há uma série de esquemas cognitivos capazes de gerar os auxiliares presentes nas línguas. Esses auxiliares descrevem determinadas noções como localização, movimento, atividade, desejo, etc. O esquema da volição que é expressa através do verbo *querer* permite o surgimento do *querer* com uso modal. Além do modal, o mesmo esquema permite o surgimento do *querer* como marcador discursivo diante de *dizer: quer dizer*. Em outras línguas, esse esquema gera auxiliares de tempo, como o verbo inglês *will*, que passou a auxiliar de tempo futuro através desse esquema de volição.

Dentre os valores modais, a volição pode aparecer associada a outros valores semânticos próximos a ela. Pode-se constatar que valores como vontade, desejo, intenção, esperança e promessa estão muito próximos ou podem mesmo aparecer associados, pois designam algum tipo de intenção do usuário da língua com relação a um fato possível (CASIMIRO, 2007).

Palmer (1986), além das modalidades alética, epistêmica e deôntica, acrescenta ainda o que ele chama de modalidades “temporal”, “bulomaica”, “avaliativa” e “causal”. A modalidade bulomaica é a modalidade relacionada ao desejo, denominada posteriormente de

volitiva. Le Querler (1996, p. 41-42) fala em modalidade volitiva, como aquela que marca a vontade do sujeito. Adotaremos aqui a volição como constituindo um tipo de modalidade, como observam Rescher (1968), Palmer (1986) e Le Querler (1996).

No português, de acordo com Casimiro (2007), a volição pode ser expressa por meio de itens lexicais (verbos, substantivos e adjetivos) ou gramaticais (morfemas de modo e de tempo), além do modo subjuntivo, imperativo e do futuro – chamado de futuro volitivo por Lozano (1990)⁵⁰.

Segundo Travaglia (1985, p. 314-316), vista como uma noção modal, a volição é expressa por verbos como *querer*, usados principalmente como auxiliares, em perífrases com o verbo principal no infinitivo, e também no subjuntivo. Seguem-se alguns exemplos do autor.

(e) Quero ler este livro.

Travaglia (1991) nos dá exemplos em que há volição, mesmo sem o uso dos chamados verbos volitivos:

(f) Que ele seja bem sucedido em seu novo trabalho (volição: opção);

(g) Hei de ajudar meus irmãos (volição: intenção).

A volição “pura”, ainda segundo o autor, é expressa pelo volitivo:

(h) Quero muito ir à sua casa (volição).

A volição, portanto, pode ser expressa: pela semântica dos verbos (volitivos) ou pela escolha modo-temporal: subjuntivo, imperativo e alguns tempos do indicativo, envolvendo, portanto, a correlação verbal entre as partes da construção. Vamos nos ater, neste trabalho, ao estudo da volição através de verbos, mais especificamente o verbo *querer*. Mas, antes, é necessária uma análise das características desse grupo de verbos para, em seguida, focar nosso estudo em um deles.

⁵⁰ Ernesto Faria (1958, p. 383), ao tratar dos subjuntivos latinos, faz a seguinte colocação: “o subjuntivo propriamente dito é empregado principalmente para exprimir a vontade, daí poder também ser denominado subjuntivo volitivo”.

3.3.1. Os volitivos entre os verbos de processos mentais

Para Cunha e Souza (2007, p. 32), os verbos transitivos podem ser subclassificados de acordo com a mudança física discernível registrada no estado do paciente.

E, entre as classificações possíveis para os transitivos em português, está a classificação de volitivos: como verbos relacionados à modalidade da vontade, quando expressam atitude subjetiva de vontade ou desejo. O sujeito desse tipo de verbo pode ainda expressar, junto com a volição, a noção de manipulação, quando o complemento expressa um evento a ser desempenhado por um outro sujeito manipulado (CEZÁRIO, 2001, p. 10).

Verbos que apresentam sujeito e objeto podem, contudo, se desviar do verbo transitivo prototípico em termos do grau em que a mudança no objeto é física, óbvia, concreta, acessível à observação ou em termos do agente-sujeito. Mas por que, então, os verbos semanticamente desviantes aparecem, em muitas línguas, incluindo o português, na mesma classe sintática do verbo transitivo prototípico? Givón (1984) fornece duas possibilidades de resposta:

- (i) transitividade é uma questão de grau, em parte porque a percepção da mudança no objeto é uma questão de grau, e em parte porque depende de mais de uma propriedade.
- (ii) Quando o verbo desviante é codificado sintaticamente como um verbo transitivo prototípico, o usuário da língua interpreta suas propriedades como semelhantes, análogas ao protótipo. Esse fenômeno é conhecido como extensão metafórica (GIVÓN, 1984, p. 98).

Alguns casos de desvio envolvem o sujeito do verbo transitivo. Isso se dá, em geral, com verbos de cognição, sensação ou volição, cujo objeto não registra nenhuma mudança ou impacto observável.

A extensão metafórica desses verbos para a classe de transitivo prototípico se explica em termos de o sujeito ser um agente ou um experienciador, isto é, um ser humano-animado cuja importância no evento é alta e cujo campo perceptual é estendido para o objeto, que é, então, metaforicamente interpretado como afetado pela ação verbal (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 35). O desvio da transitividade prototípica está, portanto, associado à semântica dos verbos (p.36).

Como *querer* está semanticamente mais próximo de um estado do que de uma ação, tem sujeito experiencial e seu objeto, mesmo não sendo um paciente afetado, é codificado como o objeto de uma oração transitiva devido a um processo de extensão metafórica

(CUNHA & SOUZA, 2007, p. 47). Mas vale lembrar que essas restrições quanto ao sujeito só se aplicam aos volitivos quando usados como verbos plenos.

Pelo sistema de transitividade, existem seis tipos de processos⁵¹ para os verbos: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais. A cada um deles associam-se participantes específicos determinados pela semântica dos tipos de processos e circunstâncias variadas para expressar informações adicionais, relevantes ao evento discursivo para construir um domínio particular da experiência.

Nessa construção dos conteúdos através do sistema de transitividade, três tipos de processo são tidos como principais: os materiais, os mentais e os relacionais; e três tidos como secundários: os comportamentais, os verbais e os existenciais (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 54-55).

Os processos mentais lidam com a apreciação humana do mundo. Através de sua análise, é possível detectar que crenças, valores e desejos estão representados em um dado texto. De acordo com Halliday (1985), esses são os processos do sentir, os quais incluem processos de percepção (ver, ouvir, perceber, etc.), de afeição (gostar, amar, odiar, assustar, agradar, etc) e de cognição (pensar, saber, compreender, perceber, imaginar, etc). Orações ou sentenças com processos mentais respondem à pergunta: o que você sente, pensa ou sabe sobre x?

Processos mentais lidam com a apreciação humana do mundo pela análise desse tipo de processo. É possível identificar que crenças, valores e desejos estão representados no discurso, por isso consideramos que os volitivos incluam-se nessa expressão de processos mentais.

⁵¹ Processos são os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir idéias e sentidos, construir o dizer e o existir; realizam-se através de sintagmas verbais.

3.3.2. Os volitivos entre as expressões de futuridade

As expressões de futuro evoluem a partir de um leque bastante restrito de fontes lexicais: construções envolvendo verbos de movimento, de marcadores de obrigação, desejo (entre eles os volitivos), habilidade e de advérbios temporais. Junto aos futuros dessas fontes, chamados futuros primários, o futuro pode surgir como uma utilização de uma forma cuja principal função é funcionar como marcação de tempo presente ou aspecto perfectivo ou imperfectivo: é chamado futuro aspectual.

A noção de futuridade pode ser, portanto, subdivida em:

- Futuro: considera-se o cerne do uso futuro como aquele que situa o evento como tomando lugar depois do momento da fala.
- Futuro imediato: o termo gramatical restrito para se referir a eventos iminentes ou prestes a ocorrer. Em muitos casos, essa designação pode, de fato, marcar uma distinção temporal. Suspeita-se que, em alguns casos, outras nuances modais ou aspectuais difíceis de descrever podem estar envolvidas (BYBEE, 1994, p. 244-245).

Bybee (1985, p. 156) define futuro como flexões que colocam a situação descrita pelo verbo em um tempo subsequente ao momento da fala.

A autora afirma que os marcadores de futuro são comumente usados em funções atemporais, especialmente em funções associadas a modo ou modalidade. De acordo com Lyons (1977), a futuridade nunca é um conceito puramente temporal, pois inclui necessariamente um elemento de predição ou alguma noção modal. Exemplos dessas combinações de modo e funções futuras incluem marcadores de possibilidade ou probabilidade, intenção, desejo ou volição e ação incompleta. O que vem ao encontro do que defendemos neste trabalho: *querer* está sendo utilizado nas construções em estudo não para marcar temporalidade (entendida como um “ponto” específico em um momento futuro), mas sim modalidade (de volição e, conseqüentemente, de *irrealis*).

A própria semântica dos verbos volitivos envolve a noção de futuridade por expressar vontade, desejo de realizar algo que será futuro, portanto, em relação à expressão dessa vontade. Mas, como defendemos que a futuridade expressa pelos volitivos se liga mais à modalidade do que a futuro com recorte temporal propriamente dito, acreditamos que as orações com *querer* expressem somente noção de futuro, e não de futuro imediato. A exceção seriam somente os casos em que *querer* expressa aspecto inceptivo, como no exemplo seguinte, mas essa acepção não foi encontrada em nossos dados.

(i) o cabelo já querendo branquear no escorrido da cara (BORBA, 1991, p. 1084).

Conforme Ultan (1978), a correlação entre os graus de incerteza das categorias modais e os elementos de incerteza dá origem à sobreposição modal e às formas que expressam a noção de futuridade. Na língua burmese, por exemplo, a distinção entre o futuro e o não futuro é modal, distingue-se entre o *realis* e o *irrealis*. O futuro insere-se na categoria *irrealis* e o presente é incluído sob *realis*. No crioulo caboverdiano, o futuro é considerado modo e sua realização se dá através de marcadores pré-verbais (SILVA, 2002).

Bybee et alii (1991), em seus estudos sobre a expressão do futuro em diferentes línguas, propõem quatro estágios indicativos do grau de gramaticalização atingido por uma forma futurizada. Um dos critérios é o dos usos modais paralelos aos do futuro. O valor de intenção (p. 25) evidencia que foi atingido grau médio de gramaticalização, enquanto os usos modais epistêmicos (possibilidade e probabilidade) e casos como os orientados para o falante (imperativo; exortativo) indicam que o processo de gramaticalização já avançou bastante. Essa hipótese torna-se muito plausível ao verificarmos que as formas sintéticas podem apresentar todos esses valores e que sua função, na língua falada, parece estar se restringindo à modalização (p. 30).

Como a volição envolve a noção de futuridade, somos levados a verificar a influência desses conceitos expressos pelos volitivos em relação a outra característica típica dos verbos do português: a aspectualidade.

3.3.3. Volitivos: relação entre volição e aspectualidade

Muitas noções presentes nos verbos, tanto em português como em outras línguas, e que são apresentadas como aspectuais, não têm relação propriamente com aspecto, pois nada dizem da duração da situação ou de suas fases. Inserem-se aí noções como: intensivo, potencial, conativo, comitativo, inferencial ou putativo, negativo, diminutivo, reflexivo, pejorativo, obrigatório, desiderativo, benefactivo, aparenial, reservativo.

Entre as noções aspectuais e aspectos expressos por perífrases apresentados por Garcia (1976), muitos não têm relação direta com aspecto: estão mais ligados à modalidade ou são apenas noções semânticas que não se ligam a categorias verbais. Estão nesse caso: causação; obrigação; compromisso; necessidade; volição (aspecto desiderativo, volitivo ou intencional);

permissão; possibilidade; capacidade; conação, iminência e resultado (TRAVAGLIA, 1985, p. 39).

Para Travaglia (1985, p. 39), não são noções ou usos aspectuais: ação próxima e decidida, promessa ou ameaça, maior realce para fatos passados, citação (para o presente do indicativo), simultaneidade, concomitância, futuro do pretérito, vontade ou desejo, discurso indireto implícito (para o pretérito imperfeito do indicativo), probabilidade, incerteza, cálculo aproximado, hipótese, observância a preceitos ou normas, ordem atenuada, pedido ou sugestão, eventual, deliberativo (para futuro do presente), desejo e esperança (para o pretérito mais-que-perfeito do indicativo).

Ainda de acordo com Travaglia (1985, p. 55),

para evitar que noções semânticas não-aspectuais, presentes no verbo, sejam arroladas entre as noções verdadeiramente aspectuais, é suficiente verificar se a noção semântica em questão é uma noção temporal não dêitica que indica a duração da situação ou uma de suas fases, pois, caso contrário, não será uma noção aspectual.

Seguindo essa proposta, a volição e, conseqüentemente a noção de *irrealis* (ação não realizada) que dela advém, não se enquadra na noção de aspecto, pois está intimamente ligada à semântica “interna”, não dêitica, do verbo.

Travaglia (1985, p. 178) classifica volição como modalidade: “vontade em todos os seus matizes (modalidade de volição)”. Castilho (1967, p. 108) vai ao encontro dessa perspectiva pois afirma que, embora não se possa falar em incompatibilidade, observa-se que as noções aspectuais nem sempre ocorrem simultaneamente às noções de volição, possibilidade e intenção. Estas são, sem dúvida, noções modais.

Logo, os volitivos – por si só – não atualizam aspecto, uma vez que, por sua semântica, não indicam a duração da situação ou de uma de suas fases, mas marcam projeção futura da realização (ou da não realização, no caso de uma construção negativa) dessa situação mediante a expressão da vontade/intenção do usuário da língua de que essa vontade se realize (ou não) – conceitos estes, que ligam os volitivos à expressão de modalidade.

Portanto, a volição caracteriza-se por dois princípios: bloquear a atualização do aspecto e aparecer ligada a uma situação cuja realização seja futura (TRAVAGLIA, 1985, p. 319).

Como assumimos a noção de volição com modalidade, passamos agora a discutir modalidade, para entender melhor como essa noção se expressa em nosso objeto de estudo.

Travaglia (1991) define modalidade como a indicação da atitude do usuário da língua em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime em uma cláusula; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz. É uma categoria verbal que reflete a atitude do usuário da língua em relação ao que é dito, bem como a atitude de outro, mas que o usuário da língua insere, por alguma razão, no que diz.

Travaglia (1991) utiliza o seguinte quadro de modalidades, que é um rearranjo das propostas de Koch (1984, p. 74-88), Guimarães (1979) e Travaglia (1985).

Imperativas	obrigação	
	permissão	
	ordem	positiva
		negativa
	proibição	
prescrição		
Deônticas	obrigatoriedade	
	permissibilidade	
Volitiva	volição	
Aléticas	necessidade	
	possibilidade	
Epistêmicas	certeza	
	probabilidade	
Ausência de modalidade		

Quadro 12: Quadro de modalidades proposto por Travaglia (1991)

Na modalidade volitiva, a “determinação” de realização da situação é originada na vontade, desejo do locutor, portanto, em sua emotividade. A volição inclui, portanto, opção e intenção (TRAVAGLIA, 1991, p. 81).

3.4. A relação entre modalidade e modo

Os conceitos de modo e modalidade não só caminham juntos nos estudos sobre verbos como, muitas vezes, se confundem, por isso a importância em discutir e delimitar essas duas categorias em nosso estudo.

Segundo a definição de Bybee (1985, cap. 8), formas optativas ou hortativas que sinalizam o ato de fala pelo qual o usuário da língua dá permissão à 2ª ou 3ª pessoa, como em *let him come in* (deixe-o entrar); expressões de desejo *Would that he were here* (seria bom que ele estivesse presente) ou um comando indireto são consideradas modo, pois a flexão verbal sinaliza um tipo de ato de fala – algo que o usuário da língua está fazendo com toda a cláusula.

Ainda segundo a autora, modalidade designa um domínio conceptual que pode englobar vários tipos de expressões lingüísticas, enquanto modo designa a expressão flexional de uma subdivisão desse domínio semântico. Como há muita consistência translingüística no que concerne às modalidades expressas flexionalmente, modo pode se referir tanto a forma de expressão quanto a domínio conceptual.

A partir das colocações da autora, a modalidade é, então, um domínio conceptual, demonstra o grau de comprometimento do usuário da língua em relação à construção; e o modo, uma expressão flexional, que aponta o desejo do usuário da língua sobre o valor de verdade agregado a uma construção (BYBEE, 1994, p. 181). Enquanto através do modo, faz-se uma asserção, ou seja, pode-se colocar uma opinião, a modalidade expressa o comprometimento em relação à asserção, embora nem sempre seja possível para o usuário da língua se isentar da opinião em uma asserção. O modo está ligado às noções de obrigação, probabilidade e possibilidade (p. 176). A modalidade liga-se a desejo, habilidade (valores semânticos).

Mateus *et alii* (1983, p. 148) falam sobre a estreita relação entre as duas categorias aqui discutidas:

O modo é uma categoria (morfológica) formal do verbo e tem função modal, ou seja, a atitude do falante (modalidade) em relação ao que diz pode ser expressa pelo modo do verbo, envolvendo, geralmente um conjunto de paradigmas verbais que variam de língua para língua. No caso do português, têm-se os modos indicativo, subjuntivo e imperativo, e é através deles que a relação modal entre o locutor e o estado de coisas se expressa.

Diante dessas colocações, assumimos como marcadores da categoria de modo aqueles que sinalizam o que o usuário da língua está fazendo com a construção: eles têm toda a

cláusula em seu escopo e são marcados flexionalmente. A noção de modo é entendida aqui como uma noção gramatical, abarcando as noções como indicativo, subjuntivo e imperativo.

Como marcadores da categoria de modalidade, entendemos aqueles que sinalizam o grau de comprometimento do usuário da língua com o valor de verdade da construção, podendo ser marcados de maneira mais ampla, lexicalmente inclusive – como ocorre nos verbos volitivos. Os marcadores de habilidade, desejo e intenção são, portanto, incluídos nessa categoria.

3.4.1. A distribuição da expressão da modalidade na expressão gramatical

A total falta de uniformidade na marcação morfológica da modalidade se deve ao fato de que as três modalidades menos uniformemente marcadas – pressuposição, *realis* e *irrealis* – podem surgir diacronicamente e ser gramaticalizadas a partir de uma ampla variedade de domínios fonte. Essa variedade se deve ao fato de que essas três modalidades proposicionais aparecem em múltiplos contextos (GIVÓN, 2001, p. 302).

Dentro de seus estudos do português, Travaglia (1991) descreve como as modalidades podem ser expressas em nossa língua por uma série de recursos lingüísticos:

- a) por verbos performativos: ordenar, proibir, permitir, obrigar, etc...
- b) por auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar, ter + que, haver + de, deixar, necessitar, desejar, etc.
- c) por predicados do tipo “é + adj”, que constituem o expressões, algumas mais cristalizadas, outras menos: é certo, é preciso, é possível, é necessário, é provável, é permitido, é obrigatório, etc.
- d) por advérbios: talvez, provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente, etc.
- e) por modos e tempos verbais: imperativo (modalidades imperativas), indicativo (certeza), subjuntivo (probabilidade, possibilidade), por usos modais de alguns tempos flexionais;
- f) por verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu penso, etc.
- g) pela entonação: que permite distinguir uma ordem de uma prescrição, conselho ou pedido, por exemplo;
- h) pelo sufixo “-vel”, formador de adjetivos, usados com o verbo “ser” no presente do indicativo, equivalendo ao auxiliar modal “poder”.

3.4.2. Tipos de Modalidade

Distinguem-se, segundo Bybee (1985), quatro tipos de modalidade: orientada para o agente, orientada para o falante, epistêmica e subordinada.

As noções semânticas específicas da **modalidade orientada para o agente** são definidas como: (a) ‘Obrigação’ (*obligation*), que se expressa como ‘obrigação forte’ (*strong obligation*) e ‘obrigação fraca’ (*weak obligation*); (b) ‘Necessidade’ (*necessity*); (c) ‘Habilidade’ (*ability*) e (d) ‘Desejo’ (*desire*). Todos esses sentidos estão relacionados ao desejo do usuário da língua orientado para o agente e à completude da ação da oração encaixada.

As **modalidades orientadas para o falante**, ao contrário, não reportam existência de condições para o agente, mas permitem ao usuário da língua impor tais condições ao endereçado, subdividindo-se nos seguintes termos:

- Imperativo: forma usada para emitir um comando direto a uma segunda pessoa⁵²;
- Proibitivo: comando negativo;
- Optativo: o desejo ou esperança do usuário da língua é expresso na cláusula principal;
- Hortativo: o usuário da língua está encorajando alguém a uma ação;
- Repreensivo (*admonitive*): o usuário da língua está emitindo um alerta;
- Permissivo: o usuário da língua garante uma permissão.

A autora coloca as formas de optativo e hortativo – que sinalizam o ato de fala pelo qual o usuário da língua garante uma permissão a uma 2ª ou 3ª pessoa ou um comando indireto – dentro da definição de modo (*mood*), porque a flexão verbal sinaliza um tipo de ato de fala: algo que o usuário da língua faz com toda a construção. Mas formas que predicam que o sujeito ou agente tem permissão ou obrigação cuja origem possa ser alguma autoridade outra do usuário da língua não se enquadra na definição de modo proposta (BYBEE, 1985, p. 167).

Já a **modalidade epistêmica** diz respeito a asserções e indica o comprometimento do usuário da língua com o valor de verdade da cláusula. As expressões comuns da modalidade epistêmica são:

48 Alguns autores se referem a *querer* em construções complexas com sujeitos diferentes para a predicadora e a encaixada como tendo valor de imperativo.

- ‘Possibilidade’ (*possibility*): indica que a proposição tem a possibilidade de ser verdadeira.
- ‘Probabilidade’ (*probability*): indica maior probabilidade de a proposição ser verdadeira do que possível.
- ‘Certeza inferida’ (*inferred certainty*): implica que o usuário da língua tem boas razões para supor que a proposição é verdadeira, indicando um sentido mais acentuado de probabilidade.

Na **modalidade subordinada**, discutem-se as formas que expressam a modalidade orientada para o falante e a modalidade epistêmica, que são sempre usadas para marcar os verbos em certos tipos de cláusulas *encaixadas*⁵³. Assim, os autores discutem sobre as cláusulas complemento, as concessivas e as de finalidade e definem as cláusulas que contêm verbos finitos como objeto de estudo tendo em vista um objetivo: entender como formas verbais especiais tornam-se associadas a certos tipos de cláusulas encaixadas.

Assim como afirmam Koch (1984) e Bybee et alii (1994), destaca-se que a *modalidade* codifica a atitude do usuário da língua acerca da cláusula. Por atitude entendem-se tipos de julgamento feitos pelo usuário da língua em relação à informação proposicional, que pode ser de dois tipos: julgamento epistêmico, feito através da expressão de verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência; julgamento avaliativo (deôntico), expresso através de preferências, intenções, habilidade, obrigação e manipulação. Esses dois tipos de modalidade não são mutuamente exclusivos, podendo se entrecruzar em algumas circunstâncias e admitem, ainda, gradação, como entendemos que ocorra nos volitivos (prevalecendo um ou outro tipo de julgamento de acordo com as características sintático-semânticas de cada construção) e abordaremos mais detalhadamente em seção específica.

Segundo Casimiro (2007), a modalidade deôntica é apontada por alguns autores como origem, no processo de gramaticalização, da modalidade epistêmica. Segundo Sweetser (1990), o valor epistêmico teria origem em um sentido mais básico e concreto, que seria a modalidade deôntica, ou *modalidade de raiz* (*Root Modality*) como ela denomina. A partir do estudo de verbos modais do inglês, Sweetser mostra que o uso dos modais apresenta uma extensão do sentido deôntico para o sentido epistêmico, em um processo de mudança lingüística. Com base no trabalho de Sweetser, Giacalone Ramat (1999) estuda o aprendizado de expressões modalizadoras durante o processo de aquisição de italiano como segunda língua por usuários de línguas diversas.

⁵³ Vale ressaltar que assumimos a nomenclatura *encaixada* ao invés de *subordinada*, como fazem os autores.

Como mostra Giacalone Ramat (1999), os modais *potere* (poder) e *dovere* (dever) apresentam primeiramente leitura deôntica para, depois de certo tempo de exposição à língua estrangeira, apresentarem leitura epistêmica em situações de uso por esses aprendizes de italiano. Tal trabalho comprova a teoria de Sweetser (1990) de que o sentido deôntico é mais básico que o sentido epistêmico, sendo mais produtivo em processos iniciais de aquisição de segunda língua.

Segundo Lyons (1977), por exemplo, a modalidade deôntica teria sua origem na função desiderativa da linguagem:

A origem da modalidade deôntica, como tem sido frequentemente sugerido, é buscada nas funções desiderativa e instrumental da linguagem: isso quer dizer que, no uso da linguagem, ela serve, de um lado para expressar ou designar vontades e desejos e, de outro, para conseguir que algo seja feito, com a imposição da própria vontade a outros agentes.

Na tentativa de explicar a ligação entre os modais epistêmicos e deônticos, Sweetser (1990) apresenta uma evidência histórica, sociolingüística e psicolingüística que justifica a afirmação de que o uso epistêmico dos modais é uma extensão de um significado mais básico de raiz ou que ambos são subconjuntos de um mesmo sentido mais geral super-ordenado: “historicamente, os modais ingleses se desenvolveram de significados não-modais (tais como força física: “ser forte”, “ser capaz”) para significados modais deônticos, e mais tarde se alargaram para leituras epistêmicas”. A explicação psicolingüística emerge do fato de as crianças adquirirem primeiro os significados deônticos antes dos epistêmicos. O raciocínio que se aplica é que o mundo externo é o parâmetro para a aplicação de conceitos no mundo interno (NEVES, 2006, p. 192).

A conclusão que se pode retirar é que existe uma ligação entre os sentidos. Tal ligação tem como ponto de partida os modais de raiz que, por extensão, chegam ao domínio epistêmico. A separação entre o domínio deôntico e o epistêmico foi sugerida pela lógica, visto que não há para os significados deônticos um tratamento sistemático paralelo ao dado aos significados epistêmicos.

Neves (1997) nos esclarece que vários autores têm tratado a questão da modalidade ora privilegiando a sintaxe, ora a semântica, ora a pragmática. A autora nos apresenta três definições de modalidade:

- a. como expressão de possibilidade e de necessidade (seja alética [que trata do estado das coisas], seja epistêmica [que trata do conhecimento], seja deôntica [que trata da obrigação]);
- b. como expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva);

- c. como expressão de atitudes do usuário da língua (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o usuário da língua faz de um estado de coisas) (KIEFER, 1987, *apud* NEVES, 1997, p. 172).

Assumimos aqui a postura adotada por Neves (2006, p. 160): de que a modalidade volitiva (denominada também de bulomaica) diz respeito à necessidade e à possibilidade, relacionadas aos desejos do usuário da língua, o que seria, no fundo, uma necessidade deôntica. O que encontra apoio também em Cezário (2001), ao afirmar que a modalidade deôntica representativa de um nível mais concreto relacionado a enunciados mais diretivos, avaliativos ou volitivos. Neste caso, um referente procura atuar sobre outro. Neste grupo, está o verbo *querer* (embora somente com sujeito diferente para V2, como demonstraremos na análise de dados).

Sem deixar de lado a possibilidade de que julgamento epistêmico e deôntico podem se entrecruzar, entendemos que o julgamento epistêmico também se faz presente nas construções com volitivo através da expressão de probabilidade, certeza, crença e evidência que também estão presentes nessas construções, mais perceptíveis, nas construções em estudo, quando o volitivo e V2 compartilham o mesmo sujeito.

Ainda segundo Neves (2006, p. 160), modalidade deôntica é condicionada por traços lexicais específicos ligados ao usuário da língua (como [+controle]) e implica ainda que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo. Essa proposta vai ao encontro do que é descrito por Cezário (2001) para o volitivo *querer* – descrito como manipulativo⁵⁴.

A modalização epistêmica se refere ao modo de uso da língua, pelo qual o falante expressa sua avaliação, sobre o valor de verdade do conteúdo proposicional. Trata-se de marcar o conteúdo comunicado por meio de um conhecimento, crença ou mesmo, uma opinião pessoal (SANTOS, 2007).

Nosso interesse em estudar as marcas lingüísticas veiculadoras de pontos de vista do falante nasceu da observação da língua em situação de uso, ou seja, na interação. Percebeu-se que o falante tem a necessidade de marcar o seu enunciado com “pistas”, que revelam sua posição a respeito do que acredita. Constantemente, lança mão dos recursos veiculadores de modalização, disponíveis na língua, para tentar influenciar o comportamento do outro, ou mesmo fazer com que o outro compartilhe de determinadas opiniões suas. (SANTOS, 2007)

De acordo com Hattner (1995), a modalidade epistêmica subjetiva difere da objetiva pelo fato de que uma proposição modalizada subjetivamente não pode ser questionada, uma vez que o falante se revela como a fonte da informação e apresenta, com diferentes graus de adesão, o seu comprometimento a respeito da

⁵⁴ Mas fazemos aqui uma ressalva: acreditamos que a noção de manipulação só se aplica aos verbos em estudo nos casos em que não haja coincidência de sujeitos entre oração predicadora e V2; quando há coincidência, defendemos que haja somente expressão de volição.

verdade do conteúdo proposicional. Já a modalidade epistêmica objetiva, por situar-se no nível da predicação, proporciona ao falante a possibilidade de furtar-se à responsabilidade de garantir a veracidade de seu enunciado. (SANTOS, 2007)

Embora os trechos destacados mencionem somente a modalidade epistêmica, defendemos que a modalidade deôntica também esteja presente nas construções em estudo, além, claro, da própria volição. E defendemos ainda que, de acordo com a configuração sintática de V2, possamos ver mais claramente uma ou outra modalidade atuando em conjunto com a própria volição inerente ao verbo: julgamento epistêmico, feito através da aproximação do *realis*, do campo da ceteza, que se apresenta de maneira mais marcada quando V2 e *querer* compartilham o mesmo sujeito; julgamento deôntico, expresso através da manipulação, quando V2 e *querer* não compartilham o mesmo sujeito, como trabalharemos melhor na análise dos dados.

3.4.3. A modalidade *irrealis* e a volição

A categoria de *irrealis* é, tradicionalmente, vinculada ao modo subjuntivo. Portanto, desvincular a categoria de modo subjuntivo da categoria de modalidade de incerteza (como faremos aqui a fim de associar *irrealis* à semântica do volitivo *querer*) implica situar a modalidade como uma categoria funcional que abrange o campo pragmático/discursivo interacional e situar o modo subjuntivo como uma categoria subordinada a essa modalidade.

O *irrealis*, como uma categoria funcional, apresenta, mediante determinados mecanismos formais, um subjuntivo gramaticalizado, mas não condiciona o aparecimento de tal modo. Nesses termos, uma vez instaurado o eixo *irrealis*, a inserção de um indicativo gramaticalizado (na flexão do volitivo) não alteraria o valor pragmático de incerteza epistêmica do discurso interacional, embora possamos traçar gradações de intensidade desses valores diante de diferentes apresentações morfológicas.

O *irrealis* estaria, segundo essa definição, mais próximo da modalidade que do modo por não se dar através de uma expressão flexional, e sim por vários tipos de expressões lingüísticas, mas, quando se diz que modo pode se referir também a domínio conceptual, aproxima-se o *irrealis* mais uma vez desta noção. Mas, ainda assim, defendemos que o *irrealis* se aproxime mais da categoria de modalidade por incluir a expressão através de flexão, mas não ocorrer exclusivamente por esse critério. Por isso, a noção de *irrealis* estaria mais próxima da modalidade que do modo, conforme as definições de Givón (1984/1985), embora, como já dissemos, ambas as categorias estejam intimamente ligadas.

De acordo com Pimpão (2008), quando os termos gramaticais são descritos como *realis* ou *irrealis*, essa alegação é feita com base no fato de esses termos categorizarem eventos atuais ou não-atuais, como ocorrendo ou não no mundo real, pois o conceito da escolha do usuário da língua de um modal depende do valor de verdade atribuído a uma determinada cláusula. Evidências consideráveis sugerem que isso não é do domínio da verdade ou fato – que é de domínio relevante para a modalidade, mas do domínio da asserção e da não-asserção que é relevante (HOPPER, 1975; KLEIN, 1975). O usuário da língua está, portanto, desinteressado do valor de verdade da construção, o que lhe interessa é demonstrar o modo como ele percebe o evento.

Ainda de acordo com Pimpão (2008), a modalidade não indexa o valor de verdade de uma construção em um sentido abstrato, mas nos mostra a extensão em que o usuário da língua está disposto a declarar a verdade da construção. Inerente na função da modalidade epistêmica é a expressão do nível de comprometimento que o usuário da língua está disposto a admitir com relação à verdade da cláusula, o que nos leva novamente à discussão sobre o entrecruzamento entre volição e modalidade epistêmica.

Ainda segundo a autora, as modalidades orientadas para o falante também não são sobre verdade, mas sobre a função da expressão no contexto: um imperativo tem uma função diferente de uma assertiva e, portanto, são marcadas diferentemente. Mesmo os subjuntivos não são apontados como eventos atuais *versus* não-atuais. As concessivas expressam proposições de verdade e ainda estão frequentemente no subjuntivo porque suas proposições não estão com a existência confirmada (p. 236-239).

A modalidade, portanto, não está relacionada a valor de verdade, mas às escolhas do usuário da língua entre a asserção e as funções contrastantes (BYBEE et alii, 1994), o que nos leva à hipótese de que o volitivo expressa *irrealis*, mas marca comprometimento do usuário da língua com relação àquilo que deseja. A ação futura expressa pelo V2 que se segue ao volitivo é perspectivizada mais próxima do *realis* por ser tratada como fortemente possível, ou seja, o uso do volitivo marca o evento – pertencente ao campo do *irrealis* – perspectivizando-o como próximo do *realis* através do comprometimento em realizá-lo.

A categoria *irrealis* apresenta uma distribuição cognitivo-comunicativa e também uma distribuição gramático-tipológica. Nesses termos, tal modalidade efetiva-se como uma categoria funcional marcada discursivamente por elementos formais.

A definição comunicativa de modalidade distribui-se, entre outras atitudes, na atitude pragmática de *irrealis*, que, conforme apresentada por Givón (1984/1995), resume dois traços definidores: o de futuridade e o de incerteza epistêmica (com o entrecruzamento do

juízo deontico). Esses dois traços interpretam o discurso em termos de projeção futura, e essa projeção de tempo futuro assinala um grau de incerteza aos objetivos comunicacionais do usuário da língua na interação.

Essa definição de *irrealis* vai ao encontro do que observamos ocorrer nas orações volitivas em estudo: a projeção para um momento futuro expressa por V2 em relação ao volitivo que o encabeça em virtude da noção de desejo, do não realizado.

Para Bybee et alii (1994, p. 300), a modalidade tem por função codificar a atitude do usuário da língua sobre o que se expressa em uma dada cláusula. Temos, então, dois tipos de juízo feitos pelo usuário da língua a respeito da informação proposicional transmitida pela cláusula:

- Juízo epistêmico: verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência.
- Juízo avaliativo/deontico: conveniência, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

A modalidade *irrealis* assinala, então, essas duas atitudes: uma epistêmica e uma deontica, assim como defendemos que estejam presentes nos volitivos. A primeira dessas atitudes caracteriza-se, como já mencionado, pela baixa certeza, compreendendo graus de verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência; a segunda, de caráter avaliativo, assinala desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação. Enunciados que apresentem recursos formais indutores de *irrealis* têm o escopo da modalidade *irrealis* (PIMPÃO, 2008, p. 4-5), como defendemos que se expresse nas orações com *querer*, embora com gradações da expressão dessas noções de acordo com as configurações morfossintáticas apresentadas, como será verificado na análise de dados.

Como Givón (1984/1985) afirma que essas duas submodalidades (epistêmica e deonticas) não são sempre mutuamente excludentes e podem se entrecruzar em alguns contextos, e Pimpão (2008) as coloca juntas na modalidade *irrealis*, voltamos a frisar que acreditamos que essas submodalidades se entrecruzam no volitivo em estudo, pois encontramos em *querer* probabilidade – de um lado – conveniência, preferência, intenção – de outro.

3.4.4. Modalização

A modalização aponta a atitude do usuário da língua em relação ao conteúdo proposicional do enunciado, “distinguindo o *dictum* do *modus*. O *dictum* é o conteúdo proposicional e o *modus* é o que determina a atitude ou o modo como aquilo que se diz é dito” (SILVA, 2002, p. 482, 2º §), envolvendo, dessa maneira, “gradações semânticas indicativas de dúvida, hipótese, certeza, intenção, desejo, obrigação, nuanças que fazem parte da estruturação do discurso e são importantes do ponto de vista pragmático” (SILVA, 2002, p. 482, 2º §).

Ainda segundo Silva, “o conteúdo de verdade em um ato de fala vem sempre mesclado com o conhecimento e julgamento do falante”, e, portanto, “toda verdade contida em um ato de fala traz consigo a avaliação do falante acerca das coisas do mundo” (p. 484, 5º §; p. 489, 4º §).

Ainda de acordo com Silva (2002, p. 481, 3º §), seguindo Weinrich (1970, p. 40), “a linguagem está completamente desinteressada da realidade ou não-realidade dos eventos”, ela se liga ao modo como seus usuários consideram esses eventos. Portanto, o universo de referências para a interpretação de um enunciado depende do conhecimento de mundo, das expectativas e observações dos participantes do discurso. O que vem confirmar que, a partir do momento em que o usuário da língua se projeta para o universo criado por seu discurso, torna-se possível falar sobre seqüências de acontecimentos dentro desse universo criado como se tivessem, de fato, acontecido, levando em consideração a posição assumida pelo usuário da língua em relação ao enunciado proferido (SOUSA, 2007).

Por fim, Bybee et alii (1994) tratam a modalização em relação à gramaticalização. Ressaltam o papel do contexto na interpretação dos itens em gramaticalização, uma vez que o contexto interfere no sentido do item na medida em que este vai se distanciando de seu sentido original. No campo da modalidade, a inferência aparece como um mecanismo presente no desenvolvimento do sentido epistêmico. Além disso, um item modal em gramaticalização tem seu sentido harmonizado com o contexto ao invés de fazer uma contribuição independente.

3.5. Relação entre sequências tipológicas e traços lingüísticos

De acordo com Marcuschi (2005, p. 22), a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, de natureza funcional e interativa, e, por isso, deve ser tratada em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais. Como existem diferentes modos de interação ou interlocução comunicativa, existem também diferentes gêneros e tipos (ou seqüências) textuais resultantes dessa interação.

Os chamados gêneros textuais são entendidos como componentes da interação social e caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis e dinâmicos. Travaglia (2007, p. 104) apresenta alguns gêneros textuais, como: correspondência (epistolar); notícia (reportagem); didático; oratório.

Os gêneros caracterizam-se antes por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais que por suas particularidades lingüísticas. São quase inúmeros tanto em diversidade quanto forma, com nomenclaturas nem sempre padronizadas e podem desaparecer com a mesma rapidez com que surgem (MARCUSCHI, 2005, p. 19-20).

Já as seqüências tipológicas são esquemas de interação dentro de um gênero, no qual se realizam mediante pressões discursivas. São definidas pela natureza lingüística de sua composição⁵⁵ e abrangem categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção (MARCUSCHI, 2005, p. 22). Mas não há uniformidade entre os autores quanto a essa categorização ou sobre o número de seqüências.

Bronckart (1999, p. 233-234) afirma que a forma assumida pelas seqüências é motivada pelas representações que o usuário da língua tem das propriedades dos destinatários de seu texto, assim como do efeito que neles pretende produzir. Por isso, assume que as seqüências tipológicas têm um estatuto fundamentalmente dialógico.

Travaglia (2007, p. 101-103) estabelece quatro tipologias com base em perspectivas e objetivos do enunciador:

- Descrição – enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer; função de caracterização;
- Dissertação – enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço; busca-se a reflexão, explicação, avaliação, conceituação, exposição de idéias;

⁵⁵ Aspectos sintáticos, lexicais, tempos verbais e relações lógicas.

- Injunção – enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação; ação requerida, desejada; incita-se à realização de uma ação;
- Narração – narrador na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo; objetivo de contar os fatos, acontecimentos, entendidos como episódios; é a ação/fato em sua ocorrência.

Vale ressaltar que um texto tende a ser construído por um só tipo textual, mas pode haver intercâmbio tipológico, ou seja, transição de um tipo para outro, em que as seqüências podem, inclusive, se cruzar, articulando-se (TRAVAGLIA, 2002, p. 445). Por isso, um tipo textual é dado por um conjunto de traços lingüísticos que formam uma seqüência e não um texto como um todo. Define-se cada seqüência conforme seus traços lingüísticos predominantes.

Observa-se que Travaglia (2007) abarca em “dissertação” o que outros autores descrevem como duas seqüências tipológicas: seqüência expositiva e argumentativa. Os documentos por nós selecionados apresentam essas duas seqüências. Há nos textos a descrição de fatos, locais, acontecimentos e o juízo de valor que se faz a partir dessas exposições.

Por isso, elegeremos como guia para nossa pesquisa a divisão proposta por este autor acrescida dessa subdivisão no item dissertação por acreditarmos que cada um desses pontos mereça uma atenção diferenciada a fim de verificarmos se estes seriam ou não fatores influenciadores do fenômeno aqui estudado. Elencaremos, a seguir, portanto, cinco seqüências tipológicas (ARENA, 2008), que nos ajudarão na questão do contexto lingüístico para o uso de *querer*: narrativa, descritiva, explicativa (ou expositiva), argumentativa, injuntiva (ou instrucional).

a) Seqüências narrativas:

- Apresentam uma sucessão de fatos reais ou imaginários, tendo como fundamento as ações e as pessoas que deles participam;
- As ações são apresentadas de modo a criar tensão, criando um suspense que manterá presa a atenção do destinatário;
- Os tempos verbais e os advérbios marcadores de tempo e espaço apresentam-se como essenciais para a manutenção da coesão e da coerência, o que permite a ordenação temporal e referencial dos fatos.

b) Seqüências descritivas:

- Têm o objetivo de oferecer ao leitor/ouvinte a visualização do cenário em que a ação se desenvolve e os personagens que dela fazem parte;
- Podem ter função subsidiária na construção de outros tipos de texto, quando funcionam como pano de fundo, explicando e situando a ação dentro da narração, por exemplo, ou comentando e justificando a narração;
- Os objetos e seres são considerados em sua simultaneidade;
- Os tempos verbais mais presentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato.

c) Seqüências expositivas (ou explicativas):

- Apresentam idéias de forma simultânea, como na descrição;
- Consistem no isolamento de um elemento (considerado problemático ou difícil) do tema tratado para apresentá-lo de modo adaptado às características presumidas do destinatário (conhecimentos, atitudes, sentimentos, etc.);
- Apresentam estruturas sintáticas complexas para expressar relações lógicas de causa/conseqüência, contraposição, explicação, comparação, definição, comprovação, etc.;
- Colocam-se na perspectiva do conhecer, abstraindo-se de tempo e espaço.

d) Seqüências argumentativas:

- Têm o objetivo de apresentar e justificar hipóteses com base em argumentos, estabelecer relações lógicas entre argumentos e contra-argumentos, exemplificar e encaminhar conclusões;
- Direcionam a atividade para convencer o destinatário ou para modificar a visão do outro sobre determinado fato ou objeto;
- Constroem-se com base em um “já-dito”, em pressupostos e inferências;
- Há a presença de recursos lingüísticos que criam estruturas mais complexas do que as observadas nas seqüências narrativas ou descritivas, com as estruturas subordinadas; apresentam conectores de causa/efeito, contradição e conseqüência, vocabulário abstrato, uso do modo subjuntivo.

e) Seqüências injuntivas (ou instrucionais):

- Detalham os passos necessários para gerar uma ação;
- Vêm representadas por verbos no modo imperativo, que podem ser substituídos por uma estrutura mais longa com uma indicação do que se “deve” fazer ou de como executar uma ação;
- O texto geralmente divide-se em duas partes: na primeira apresenta-se aquilo que será utilizado; na segunda aparecem as instruções propriamente ditas;
- Apresentam ações indistintamente (simultâneas ou não) e o tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.

Essas seqüências compõem, portanto, um conjunto de processos cognitivos (percepção no tempo e no espaço, análise, síntese, julgamento, planejamento) co-responsáveis pela produção do texto (BONINI, 2005, p. 211). Por isso, a teoria dos tipos textuais será empregada de forma subsidiária, mas importante para nosso estudo, pois verificaremos se algum desses contextos favorece algum dos usos possíveis dentre os levantados para *querer*.

4. ANÁLISE DE DADOS

Passamos, a partir de agora, a discutir, em nossos *corpora*, a evolução semântica do verbo em estudo desde o Latim para entender os valores possíveis no Português atual, pois acreditamos que é a partir da semântica que as demais características – sintáticas e morfológicas – se desenvolvem nas construções em discussão.

Os valores semânticos possíveis para este verbo em português serão atrelados a diferentes características morfossintáticas observadas, que nos auxiliarão na discussão sobre os diferentes níveis de gramaticalização possíveis nas cláusulas com verbo *querer* + V2.

Cada um dos tópicos a seguir representa um subitem a ser trabalhado dentro deste capítulo:

- Realização formal e diferentes valores semânticos apresentados por *querer* no Português, subdividida em:
 - Valores semânticos apresentados por *querer*;
 - Apresentação do volitivo explícito ou não explícito;
 - Apresentação de V2 como explícito ou não explícito;
 - *Querer* e o Princípio da Dessentencialização;
 - Relação entre a possibilidade de negação de V2 e o Princípio da Dessentencialização.
- Características argumentais do sujeito do volitivo, subdivididas em:
 - Sujeito (+/- experienciador +/- animado);
 - Sujeito (controle / manipulação);
- Entrelaçamento de orações: correlação modo-temporal, subdividida em:
 - Expressão de futuridade e irrealis através das construções com *querer*;
 - Relação entre escala modal de *irrealis* e a configuração morfossintática de *querer* e de V2;
 - Volição e a capacidade de aproximação do campo do *realis* nas diferentes configurações morfossintáticas com *querer*;
 - Modalidade nas construções com *querer*: volição e as modalidades epistêmica e deôntica;
 - Verificação da noção de tempo como uma categoria gramatical para o volitivo.
- Explicitude do elemento de ligação entre as orações;
- Relação entre os valores semânticos, características sintáticas do volitivo e estágios de gramaticalização, subdividido em:

- Verificação da reanálise em processo;
- Relação entre diferentes usos de *querer* e sequências tipológicas;

Nesses tópicos, as características levantadas serão trabalhadas para cada um dos diferentes tipos de *querer*. Utilizaremos, sempre que possível, exemplos do *corpus* exclusivamente sincrônico seguidos do *corpus* pancrônico, a fim de demonstrar como os tipos de *querer* se realizam na língua portuguesa através do tempo. As reflexões sobre esses fatores nos ajudarão a: propor os diferentes níveis de integração das orações com *querer*; discutir a reanálise que defendemos estar em processo em algumas das construções analisadas.

4.1. Evolução semântica do verbo em estudo⁵⁶

Antes de averiguar os valores semânticos encontrados para *querer* nas construções em estudo, julgamos necessário fazer um breve levantamento da semântica deste verbo a fim de melhor compreender cada um dos usos que verificarmos nos *corpora* e sua relação de proximidade com a semântica do verbo latino a partir do qual se desenvolveu⁵⁷. Para isso, os exemplos utilizados neste capítulo incluem trechos retirados da obra “Estico” do autor latino Plauto, conforme justificado no Capítulo 2, a fim de traçar um *continuum* de gramaticalização entre os usos encontrados desde o *quaero* latino até *querer* português.

Os valores lexicais, estudados segundo Bueno (1968), Faria (1958; 1967) Ernout e Meillet (1951), Saraiva (1993), Borba (1991), seguidos de suas origens nos ajudarão a refletir melhor sobre as características de projeção que defendemos que estejam presentes nos usos de *querer* no português como “herança” semântica desde o verbo latino que lhe precede. Por isso, a partir dessas leituras, propomos a seguinte sinopse da semântica do verbo em estudo e de seu antecessor morfológico latino.

Querer: verbo transitivo – procurar por algo ou alguém, ambicionar possuir alguma coisa, ter a intenção de, desejar, aspirar a, amar, gostar de. Do latim *quaerere* por *quaeri*, propriamente, procurar, buscar, por extensão: quem procura alguma coisa ou busca alguma coisa é porque a ambiciona, a deseja para si, ou seja, quer.

Quaero, -is, -ere: verbo transitivo – meio para buscar, procurar, pesquisar ou investigar, encontrar, pedido, pretensão de adquirir, vencer, obter. Em uma derivação de sentido, pode significar: a fim de buscar o dinheiro, relacionado a empresas e a ganhar, a

⁵⁶ Agradecemos pelas contribuições ao longo desta seção, sobretudo nas questões sobre língua latina, à Professora Dra. Neiva Ferreira Pinto.

⁵⁷ Não temos aqui a pretensão de esgotar o assunto. Faremos apenas uma explanação a fim de melhor ilustrar as diferentes possibilidades de matizes semânticos que os verbos em estudo podem apresentar no *corpus*.

lucro, daí então algo benéfico, rentável; procurar ou fazer lucro. Acrescenta-se: investigar, fazer um inquérito, procurar saber, reclamar, na língua jurídica: demandar, perseguir.

É preciso esclarecer que, de acordo com Faria (1958, p. 418), na língua latina, “os principais verbos volitivos (*uerba uoluntatis*) que mais frequentemente se constroem com as orações infinitivas objetivas diretas são: *cogo, cupio, decerno, desidero, peto e expeto, impero, iubeo, opto e exopto, postulo, prohibeo, sino, studeo, uolo, malo e nolo, urgeo*”. *Quaero* (que dá origem ao *querer* português) não está entre eles, apesar de Saraiva (1993) apontar sentido possível como *aspirar a / desejar* e de *quaero* apresentar a mesma raiz de *quaestio (quaesito)*, *-onis*: substantivo feminino com sentido de busca, pergunta.

O mais comum, com base no texto observado, é a volição ser expressa em latim pelo verbo *volo, vis, vult*, o que se verifica em nosso *corpus* auxiliar latino pelo largo uso que se apresenta desse verbo, cuja ocorrência é muito mais frequente que a dos demais volitivos encontrados: 40 ocorrências, em sua forma afirmativa (*volo*), além de 08 ocorrências de sua forma negativa (*nolo*).

Volo apresenta ainda configurações sintáticas variadas, como encontramos atualmente para *querer*, com diferentes níveis de encaixamento: encaixadas infinitivas e finitas; além de usos como verbo pleno: com complemento nominal e sentido de *desejar, pretender* – volição. Portanto, embora *volo* não tenha passado para o português como verbo – mas apenas dado origem a nomes, como *volição, vontade, volúpia* – parece-nos que *querer* assumiu características sintáticas e semânticas que antes eram de *volo*, já que, como apontado, *quaero* não apresenta essa variedade de construções e sentidos⁵⁸.

Volo como verbo pleno⁵⁹:

(I) ANTI. minime, **nolo turbas** (*não quero confusões*), sed hoc mihi optimum factu arbitror: (actus I, linha 82)

Volo com encaixada infinitiva:

(II) PAN. Nosque **ab eis abducere uolt** (*quer separar-nos deles*). (PLAUTO, actus I, linha 09)

Volo com encaixada finita:

⁵⁸ A questão específica sobre os motivos pelos quais houve a manutenção morfológica de *quaero* em *querer*, mas com características sintáticas e semânticas ligadas a *volo*, que não passou para o português como verbo, merecerá um estudo específico.

⁵⁹ As traduções de trechos da obra latina apresentadas nesta seção são de nossa responsabilidade.

(III) PAN. Quid vis tibi dicam (*queres que diga a ti*), pater? (actus I, linha 115)

Os exemplos demonstram *volo* com acepção ligada à volição, mas o mesmo não se verifica para *quaero*, mesmo assim entendemos que os sentidos encontrados para *quaero*, como *procurar* e *perguntar* nos exemplos seguintes, já apontam para projeção, futuridade, *irrealis*, portanto. Este verbo foi encontrado em nosso *corpus* auxiliar latino em 06 ocorrências, sempre como verbo pleno somente, como demonstram as traduções.

(IV) PAN. Igitur **quaeramus** (*perguntamos*), nobis quid facto usus sit. (PLAUTO, actus I, linha 57)

(V) **siquis me quaeret** (*se alguém me procura*), inde vocatote aliqui; aut iam egomet hic ero. (PLAUTO, actus I, linha 67)

As traduções possíveis para *quaero* nos exemplos destacados vão ao encontro da ressalva feita anteriormente sobre o fato de este verbo não ser classificado como um volitivo no latim, apesar de o dicionário apontar a volição como um uso possível (embora destaque-se que metafórico) para *quaerere*.

Construções com V2 não foram encontradas com *quaero*, mas é possível perceber, a partir de seus usos mesmo como verbo pleno no latim, que as noções citadas nos dicionários latinos podem ser entendidas como extensões metafóricas, com sentidos mais físicos (ter necessidade física, precisão) estendendo-se para sentidos mais experienciais, como: estender-se (no espaço, daí o uso de se estender no tempo), ter desejo, ambicionar, procurar, daí interrogar, perguntar por aquilo de que se sente falta. Defendemos que esses usos espraiam-se até contextos de uso apontados por Faria (1958) como em: petições, memoriais, requerimentos. Todos esses sentidos “jogam” com o não realizado, com a projeção e, conseqüentemente, com a expressão da vontade/desejo de obtenção, ligando-se, portanto, às noções de volição, futuridade e *irrealis*⁶⁰, que este verbo apresentará já em português.

Propomos, então, um caminho de gramaticalização possível a partir de *quaero* com sentido de **buscar**, **procurar** para os diferentes sentidos encontrados no português para demonstrar como a origem de projeção se faz presente nas diferentes acepções assumidas e o que era, em princípio, projeção e futuridade no espaço e no tempo (buscar, procurar) passa a projeção da realização de um desejo (introdutor de desejo), a introdutor de futuro próximo e

⁶⁰ A realização (ou não) desse desejo se dará sempre em um tempo futuro em relação à expressão da vontade, por isso defendemos que volição envolve projeção e, conseqüentemente, futuridade e *irrealis*.

chega à projeção e futuridade no texto, indicando algo que será melhor explicado (introdutor de avaliação/conclusão) ou reformulado (marcador discursivo) em seguida ao que acaba de ser dito. Para ilustrar esse caminho, utilizamos exemplos dos nossos *corpora* e, quando não encontrado exemplo correspondente a determinado valor semântico no português, recorreremos a exemplos de Borba (1991) para recobrir, nesse primeiro momento, as possibilidades de usos para o verbo no português de maneira mais geral, para, em seguida, focarmos nosso estudo nas acepções encontradas para *querer* com complementos formados por V2 que atuará juntamente ao volitivo estudado (formando uma oração ou perífrase) ou formará uma só unidade semântica com *querer*.

• **Querer:**

Caminho de gramaticalização

buscar, procurar > introdutor de desejo > introdutor de futuro próximo > introdutor de avaliação/conclusão > marcador discursivo

Quadro 13: Proposta de caminho de gramaticalização para *querer*

No caminho proposto, temos os usos com sentidos *buscar* e *procurar* encontrados no latim e no português como verbo pleno (conforme exemplo **V** e **j**); usos como introdutor de desejo encontrados já no português tanto como verbo pleno (conforme exemplo **01**) como em construções com V2 desde o século XIII (conforme exemplo **02**); usos como marcador inceptivo⁶¹ já no português (como exemplo **k**); usos como introdutor de avaliação/conclusão (encontrados somente no *corpus* do português no século XXI em construções com V2 (conforme exemplo **03**)) e usos como marcador discursivo (não encontrados nos *corpora* estudado, mas ilustrados no exemplo **l**).

(V) siquis me **quaeret** (*procura*), inde vocatote aliqui; aut iam egomet hic ero. (PLAUTO, actus I, linha 67)

(j) Tem gente **querendo** o Mário Ribeiro./ - Hein?/ - Lá fora, um rapaz com cara de fome. (BORBA, 1991, p. 1310)

(01, corpus pancrônico) E dizia Ao d(i)to p(ri)ol q(ue) lhe Ma~daua ((L024)) diz(er) o d(i)to fra(ncisco) m(art)j(n)z seu Mardo/sic/ q(ue) no~ **q(ue)ria** co~ elle p(rei)to´ (e) q(ue) lhe **q(ue)ria** da´r a d(i)ta palha´ da ((L025)) q(ui) Ad(e)a~t(e) (e) q(ue) no~ gahase (contra) elle Mays se(n)t(en)ça //ne~/ ne~ o Metese en Reuelia (e)

⁶¹ Exemplos desse uso não foram encontrados no *corpus*, embora sejam possíveis no estágio de língua atual, por isso, utilizamos um exemplo retirado de Borba (1991) para ilustrar seu comportamento semântico e morfossintático.

o d(i)to p(ri)ol dise ((L026)) A d(i)to Jiz/sic/ q(ue) vise o d(i)to f(ei)to (e) q(ue) fezesse o q(ue) fose d(e)r(ei)to' **(84, texto 14, sec. XIV)**

(k) O cabelo já **querendo** branquear no escorrido da cara. (BORBA, 1991, p. 1085)

(02, corpus sincrônico) O alemão levaria mais tempo para demitir as pessoas. "Isso não **quer** dizer que ele seja mais emocional que os outros. Seu objetivo é fazer tudo como mandam as leis e os regulamentos", diz Edson. A preocupação com a qualidade é a grande marca dos executivos nascidos na Alemanha. A dica para conquistá-los é buscar ser tão perfeccionista quanto eles no cumprimento de tarefas. **(11, texto 5, Você SA)**

(l) Depois daquele dia, nunca mais me procurou na cama. **Quer** dizer, fora das crises ele é normal, não é nenhum louco. (BORBA, 1991, p. 1310)

Nossa proposta de caminho de gramaticalização não é capaz de abarcar o uso de *querer* como introdutor de alternativa, que parece não se aproximar de nenhum dos outros usos levantados, a não ser de seu uso com sentido de *buscar* e *procurar*. Por isso, somos levados à hipótese de um segundo caminho de gramaticalização⁶² para esse uso.

Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para *querer*

<p>buscar, procurar > introdução de alternativa</p>
--

Quadro 14: Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para *querer*

Nesse segundo caminho proposto, partimos de usos com sentidos de *buscar* e *procurar*, encontrados no latim e no português como verbo pleno (conforme exemplo **V** e **j** anteriores), para usos como marcador optativo, encontrados somente no português a partir do século XIV.

(V) siquis me **quaeret** (*procura*), inde vocatote aliqui; aut iam egomet hic ero. (PLAUTO, actus I, linha 67)

(03, corpus pancrônico) M(a)r(avedi)s uelos ((L006)) (e) sa reuora. ca tanto a nos (e) a uos aprouge (e) do p(re)ço no~ ficou por dar pore~de ((L007)) auede uos a d(i)ta uenda p(er)a senp(re) (e) a que~ a uos aprouger se alge~ ue'ér **q(uer)** ((L008)) da nossa p(ar)te **q(ue)r** da st(ra)na q(ue)sta uenda queyra e~bargar no~ lhy seia out(or)gado ((L009)) mais q(uan)to q(ui)s(er) d(e)ma~dar ou d(e) e~bargar tanto a out(ra) p(ar)te e~ dob(ro) co~po~nha (e) a ((L010)) que~ uossa uoz derdes peytelhy #d s(oldo)s (e) a c(ar)ta ualer. **(42, 43, texto 2, sec. XIV)**

⁶² A existência desse segundo caminho de gramaticalização nos levaria à investigação sobre a possibilidade de poligramaticalização, mas, como este não é o foco do nosso trabalho, o aprofundamento dessa questão ficará para estudos posteriores.

A partir desses caminhos propostos para a semântica do verbo em estudo, passamos à análise dos valores encontrados e de como eles se relacionam com os caminhos propostos.

4.2. Realização formal e diferentes valores semânticos apresentados por *querer*

Para averiguar os diferentes níveis de gramaticalização que acreditamos existir para os usos de *querer* no Português, passamos à verificação dos valores semânticos que este verbo pode apresentar e as diferentes possibilidades de realização formal pertinentes a cada valor semântico. E, a partir dessas correlações, desenvolveremos todo o trabalho.

No subitem seguinte, faremos um inventário mais geral dos valores possíveis para *querer*, para, em seguida, focarmos nossa análise naqueles que aparecem especificamente nas construções em estudo: *querer* com complemento V2.

A partir da correlação que estabeleceremos entre semântica e configuração sintática de V2, verificaremos, nos subitens seguintes, particularidades de cada uma das configurações sintáticas possíveis de acordo com a semântica do volitivo, tais como: possibilidade de elipse de uma das partes da construção; relação entre a possibilidade de elipse de uma das partes da construção e possibilidade de inclusão de marcador de negação e os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991).

4.2.1. Valores semânticos apresentados por *querer*

Analisando os sentidos levantados por Ernout e Meillet (1951), Saraiva (1993), Faria (1967), Borba (1991) e observando os valores que se repetem e/ou “abarcam” valores semelhantes, propomos que esses valores lexicais de *querer* podem ser divididos de acordo com os traços básicos de significado e possibilidades de realizações formais em:

- **Querer 1:** introdutor da idéia de buscar, procurar:
 - Configuração sintática: *quaero* + substantivo.

(04, corpus pancrônico) E ento~ nomearo~ seus **enq(ue)redores** (e) posero~ di´a a q(ue) **enq(ue)rese.** ((L033)) e q(ue) eu tabalhio~ q(ue) esc(re)uesse p(or)r anbas as p(ar)tes (e) posero~ di´a a q(ue) **enq(ue)resse** Ento~ disse Pero m(en)diz q(ue) ssoestabelici´a ((L034)) por seu p(ro)c(ur)ador de sa~to tisso Pero p(er)ez da´ a´grela (e) D(omingo)s do(mingu)iz por vilhari~o M(a)r(tim) affon(so). soestabeleço ((L035)) por p(ro)c(ur)ador. E o di´a q(ue) posero~ p(er)a **enq(ue)rer.** eu tabalhio~ no~ ui~j (e) demais posero~ out(ro) di´a (e) ento~ no~ ue´e´ro~ (e) ((L036)) ui~j **(46, 47, 48 e 49, texto 4, sec. XIV)**

(VI) Pol ego uxorem **quaero** (*procuro*), postquam vostra mater mortuast.
(PLAUTO, actus I, linha 108)

Não nos aprofundaremos nas proporções desse tipo de ocorrência por fugir à nossa proposta de estudo, pois somente foi encontrado no latim como verbo pleno ou em formas nominais do português.

- **Querer 2:** introdutor de vontade, desejo/futuridade.

Configurações sintáticas encontradas, tanto no *corpus* pancrônico quanto no sincrônico:

- *querer* + substantivo;

(05, *corpus sincrônico*) “Os clientes não **querem** um advogado técnico, mas um parceiro que os ajude a pensar juridicamente e, no caso das empresas, a maximizar oportunidades de negócios”, diz Carlos, que entende que a baixa disposição dos colegas de profissão em adotar uma visão mais moderna está prestes a mudar. (187, **Texto 67, sec. XXI, Você SA**)

(06, *corpus pancrônico*) E dizia Ao d(i)to p(ri)ol q(ue) lhe Ma~daua ((L024)) diz(er) o d(i)to fra(ncisco) m(art)j(n)z seu Mardo/sic/ q(ue) no~ **q(ue)ria** co~ elle p(rei)to´ (75, **texto 14, sec. XIV**)

- *querer* + oração encaixada infinitiva:

(07, *corpus sincrônico*) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (veja *entrevista nesta reportagem*), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. (7, **texto 4, sec. XXI, Você SA**)

(08, *corpus pancrônico*) E se p(er) ventura meu padre do~ Affonsso **q(ui)ser** vijn ((L014)) co~tra esta ma~da Rogollj por deus q(ue) leyxe A san Johan(e) da pendorada (e) ((L015)) Ao Moesteyro de eygrejoo Jsto q(ue) lles eu ma~do. (8, **texto 5, sec. XIII**)

- *querer* + oração encaixada finita:

(09, *corpus sincrônico*) Se a pessoa realmente quisesse a sua presença, teria lhe dado um convite nominal. E, para não ser protagonista dessa ação, lembre que convite é para ser entregue a pessoas que **queremos** que estejam presentes no nosso evento e, de preferência, entregues em mãos. (156, **texto 61, Você SA**)

(10, *corpus pancrônico*) (e) que acrecentarja majs duas g(alinha)s sobre oyto cruzad(os) que dant(e)s pagaua (e) como ((L017)) **q(ue)r** q(ue) o di(c)to foro p(er)tença aa di(c)ta dona m(aria) e~ sua vida dis(er)om que as ditas Cassas era~ ((L018)) do di(c)to moest(eiro) (157, **texto 11, sec. XVI**)

- **Querer 3:** introdutor de vontade, desejo / polidez.

Exemplos localizados somente no *corpus* do português panocrônico. Configuração sintática encontrada:

- *querer* + oração encaixada infinitiva:

(11, *corpus panocrônico*) E pedem as ditas donas por merçe ao R(everendissimo) s(e)n(h)or ((L055)) arçeb(is)po (e) a seus vigairos que asy ho **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade asy ho outorgarom (174, **texto 13, sec. XVI**)

- **Querer 4:** sentido igual a *significa*. Encontrado somente no *corpus* sincrônico, apresenta uma subdivisão na construção do sentido diante de construções afirmativas ou negativas:

- *querer* + V2 (afirmativo): introdutor de conclusão

(12, *corpus sincrônico*) É que uma das principais agências de classificação de risco do mundo, a Standard&Poor's, elevou, no dia 30 de abril, a nota para investimentos no Brasil, o que **quer** dizer que mais estrangeiros, inclusive os grandes fundos de outros países, poderão colocar dinheiro em ações. (13, **texto 6, sec. XXI, Você SA**)

- não + *querer* + V2 (negativo): introdutor de sustentação de argumentação

(02, *corpus sincrônico*) O alemão levaria mais tempo para demitir as pessoas. "Isso não **quer** dizer que ele seja mais emocional que os outros. Seu objetivo é fazer tudo como mandam as leis e os regulamentos", diz Edson. A preocupação com a qualidade é a grande marca dos executivos nascidos na Alemanha. A dica para conquistá-los é buscar ser tão perfeccionista quanto eles no cumprimento de tarefas. (11, **texto 5, Você SA**)

A noção de volição, nesses casos, não está explícita na construção, mas pode ser inferida pelo contexto. O usuário da língua expressa, por meio desse tipo de *querer*, uma vontade/desejo de que se sustente determinado ponto de vista. A projeção e a futuridade também são inferidas, pois o que era projeção no tempo e no espaço, passa, nesses casos, a projeção no texto, já que essa construção anuncia uma conclusão ou sustentação de argumentação que se seguirá no discurso. É importante destacar que *querer* só tem as acepções descritas para o tipo 4 diante de *dizer*, o que nos leva a defender que essa significação deva ser atribuída, na verdade, ao complexo *quer* + *dizer*.

Como apontado anteriormente, tomamos encaixamento, segundo Halliday (1994), como um mecanismo através do qual uma oração ou um sintagma funciona como um constituinte dentro da estrutura de uma oração e assumimos que as orações introduzidas por verbos na forma não-finita indicam máxima integração entre *querer* e V2. A partir dessas colocações, entendemos que, nas construções *querer + dizer*, não podemos mais falar em encaixamento devido à integração semântica observada, pois as duas partes fundem-se e passam a “equivaler” a um só verbo: *significa*, embora, do ponto de vista sintático, sejam dois verbos, menos cristalizados que *quer dizer* como marcador discursivo, mas estamos já diante de um só bloco informacional.

Interessante também destacar que não se encontrou uso semelhante de *querer* com nenhum outro verbo *dicendi*. Esse sentido foi encontrado somente no *corpus* sincrônico.

- **Querer 5:** marcador discursivo: sentido igual a *ou seja* (sentido encontrado para *querer* somente diante de *dizer*): não encontrado no *corpus*.
- **Querer 6:** aspecto inceptivo (nomenclatura segundo BORBA, 1991, p. 1085), futuro próximo, iminente: não encontrado no *corpus*.

Acreditamos que os usos 5 e 6 não tenham sido encontrados em nosso *corpus* provavelmente por tratarem-se de usos ainda restritos ao contexto oral e mais informal de comunicação, embora não tenhamos nos aprofundado no estudo dessa questão especificamente.

- **Querer 7:** sentido optativo, igual a *ou*: sentido encontrado no *corpus* do português pancrônico.
 - Configuração sintática encontrada: *querer* + substantivo.

(13, *corpus* pancrônico) E as casas adubar de madeira grossa (e) dellgada E de paredes E as faze(r) (e) Refaze(r) aJnda ((L027)) q(ue) cay'am ou pereçam p(er) t(e)rramotos ou p(er) outro quallq(ue)r casso fu(r)tuy'to Com condiçom que ((L028)) o d(i)to ma(r)tjm a~nes (e) sua molhe(r) (e) pesoa dem (e) paguem em cada hu~u a~no ao d(i)to moest(eir)o hu~u ((L029)) tonell de vjnhu **quer** branco **quer** ve(r)melho bo~o vj'nhu (e) Reçebondo cozido e esborrado (110 e 111, texto 15, sec. XV)

Não nos aprofundaremos nas proporções desse tipo de ocorrência por fugir à nossa proposta de estudo, pois somente foi encontrado com complemento substantivo.

- **Querer 8:** sentido igual a qualquer (coisa – exemplo **14**, lugar – exemplo **15** – ou pessoa – exemplo **16**), encontrado somente no *corpus* pancrônico. Propomos que exerça função de indeterminador, pois indica indefinição acerca da porção oracional que lhe segue.

- Configuração sintática encontrada: *querer* + falso encaixamento.

(14, corpus pancrônico) E prometem(os) nos e obligam(os) nos e u ((L032)) Moesteiru de Pedroso aue´r firme e´ estauil q(ue) **quer** ((L033)) que feito fur nas cousas de susu nomeadas per esse ((L034)) nossu p(ro)c(ur)adu´r ou per aq(ue)le ou aq(ue)les a qual ous quaes ((L035)) p(ro)c(ur)adu´r ou p(ro)c(ur)adures fezer en seu loga´r. (**4, texto 2, sec. XIII**)

(15, corpus pancrônico) nem cousa algua deste prazo fazer sem consentim(ento) dos dit(os) ((L012)) p(ri)or (e) (con)ue~to, os q(ua)ees por seus d(e)rr(ei)t(os) possam penhorar (e) ma~dar penhorar em q(ua)eesq(ue)r bees dos dit(os) emprazadores honde **q(ue)r** ((L013)) q(ue) forem achad(os) (**107, texto 13, sec. XV**)

(16, corpus pancrônico) nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffenderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembargado de quem **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser (**185, texto 15, sec. XVI**)

A construção sintática encontrada para este último tipo de *querer* foge ao que havíamos previsto encontrar, em princípio, para este estudo, pois entendemos que não seja possível enquadrá-la perfeitamente entre as construções com encaixada finita, apesar de apresentar sintaxe compatível com tal estrutura: *querer* + que + oração. Mas, conforme detalharemos melhor nos subitens seguintes, algumas características morfossintáticas deste tipo de construção e as interpretações semânticas geradas por ele se diferenciarão do que encontramos para as encaixadas finitas.

Esse é um tipo de uso que tende à cristalização como expressão idiomática; apresenta uma organização das partes da construção como uma oração predicadora (*quer*) com encaixada finita (*que...*), mas o volitivo aqui se afasta de seu traço primário de volição e pode, inclusive, ser substituído por uma expressão nominal: qualquer coisa, lugar ou pessoa que (...). Esse afastamento das características semânticas volitivas próprias do verbo *querer* se

reflete na percepção da construção como um todo, em sua configuração sintática e em como esse verbo (que deveria ser o predicador da construção) é (re)interpretado, juntamente com o pronome que lhe antecede, como próximo a uma expressão de caráter nominal, mas ainda não o é, por isso, estará entre as construções analisadas por nós neste trabalho.

Nessas construções, a porção que acompanha *querer* (*quem*, *o que* ou *onde*) tem seus traços oracionais enfraquecidos e reanalisados como uma expressão de indeterminação sobre uma das informações da porção que lhe segue. Por isso, esse tipo de construção será chamado por nós como falso encaixamento, pois o que sintaticamente seria a oração encaixada passa a ser o núcleo informacional sobre o qual a oração que ocupa a posição de predadora age para agregar indeterminação de alguma das informações seguintes, com variação de função sintática da porção que acompanha o volitivo:

- no exemplo **14**, *querer* participa da porção que comporá o sujeito da construção passiva: *feito fur*; equivale, portanto a: qualquer coisa que for feita.
- no exemplo **15**, *querer* forma, junto com *honde*, a expressão locativa (com expressão adverbial) que acompanha a informação: mandar penhorar em quaisquer bens dos ditos emprazadores que forem achados em qualquer lugar (*honde q(ue)r q(ue)*).
- em **16**, *querer* participa da porção que comporá o sujeito da construção ativa: *algu~u embargo ou empedym(ento) puser*; equivale, portanto a: qualquer pessoa que lhe sobre elle (...) embargo ou empedym(ento) puser.

Autores como Neves (2000, p. 1039) e Dias (1954, p. 375) classificam construções como *quem quer que* e *o que quer que* como locuções pronominais indefinidas, o que reafirma o caráter nominal que defendemos que essas estruturas assumam, e, embora não tenhamos encontrado abordagem para os exemplos como *onde quer que*, entendemos que estes também se encaixem nessa classificação, com a observação de que seriam locuções pronominais adverbiais indefinidas, pelas particularidades geradas por *onde*. Para Walberg (1938, p. 186), essas construções são “uma classe especial de termos indefinidos”, que o autor vincula nas línguas românicas especificamente aos verbos que exprimem as idéias de ser e desejar, derivadas de *volere* e *quaerere* latinos.

Retomando Pontes (1973, p. 125), que entende a complementação como um caso de sujeito ou objeto direto oracional, em que orações se “encaixam” dentro de outras, presas às orações principais por um marcador de subordinação (que pode ser um *que* ou um morfema de infinitivo), defendemos que, diante de *querer* 8, tenhamos encaixamento do ponto de vista

formal (com marcador de subordinação *que*), mas não restrito a sujeito ou objeto oracional, pois apresenta, inclusive, um locativo (*onde quer que*).

Dentre os tipos de *querer* levantados, interessam-nos, portanto, os tipos 2, 3, 4 e 8, por apresentarem complementos com V2. As tabelas seguintes demonstram as ocorrências desses tipos de *querer* em cada século seguidas da porcentagem de cada tipo de ocorrência em relação ao total de construções com *querer* para o *corpus* pancrônico (tabela 4) e para o *corpus* exclusivamente sincrônico (tabela 5):

total	SÉCULO																		total
Tipo de querer	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	total
2	31	82	28	91	37	86	46	82	4	80	9	100	6	100	0	0	1	100	162
3	0	0	0	0	0	0	3	5	0	0	0	0	0	0	8	100	0	0	11
8	7	18	4	09	8	14	8	13	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	28
total	38	100	32	100	45	100	57	100	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 4: Frequência geral de ocorrências de cada tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

total	Você SA	
Tipo de querer	total	%
2	152	94,4
4	9	5,6
total	161	100

Tabela 5: Frequência geral de ocorrências de cada tipo de *querer* – *Corpus* Sincrônico da Revista Você SA

Embora percebamos, por esse levantamento, que a variedade de tipos de *querer* no *corpus* pancrônico documental é maior do que no *corpus* sincrônico da Revista Você SA, o que se repete em ambos é ocorrência de *querer* 2 largamente mais frequente que os demais, variando entre 80 e 100% no *corpus* pancrônico, de acordo com o século, e com 94,4% das ocorrências do *corpus* exclusivamente sincrônico.

Retomando o caminho de gramaticalização proposto para *querer* a fim de facilitar a discussão, entendemos que fazem parte do mesmo percurso *querer* 2, 3 e 4.

Caminho de gramaticalização

buscar, procurar > introdutor de desejo > introdutor de futuro próximo > introdutor de avaliação/conclusão
--

Quadro 13: Proposta de caminho de gramaticalização para *querer*

Nesse caminho de gramaticalização, a noção de buscar, procurar passa a introduzir a noção de desejo, pois quem sente falta de algo, procura, busca, deseja encontrar o que lhe falta. Desse desejo, vem a projeção de futuridade, pois a saciedade dessa vontade se dará (ou não) em um tempo futuro à expressão de sua vontade. E, da introdução de futuridade temporal, vem a noção de futuridade, projeção no texto, a antecipação de que se seguirá textualmente uma conclusão ou sustentação de uma argumentação sobre determinada idéia que vem se desenvolvendo.

Já *querer* 8 faz, segundo nossa hipótese, um caminho diferente, como demonstra o quadro retomado a seguir.

Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para *querer*

buscar, procurar > introdução de alternativa
--

Quadro 14: Hipótese de um segundo caminho de gramaticalização para *querer*

De acordo com essa hipótese de trabalho, *querer* introdutor de alternativa não se liga diretamente à vontade, pois não passa pelas semânticas ligadas a ela, mas está ligado a futuro a partir do momento em que marca uma indeterminação pela instalação de alternativas entre as quais uma somente (ainda não definida) será escolhida.

Esses percursos propostos para o valor semântico que o volitivo pode agregar à construção de que faz parte nos levam a propor também um caminho sintático percorrido pelo verbo:

Verbo pleno > verbo auxiliar > marcador discursivo > uso que tende à nominalização
--

Quadro 15: Proposta de caminho sintático para *querer*

Querer 2 ficaria como verbo auxiliar com encaixada infinitiva, mas penderia para pleno caso completado por encaixada finita; *querer* 3 também ficaria como auxiliar que pende para pleno por apresentar, na verdade, uma manipulação modalizada; *querer* 4 penderia de verbo auxiliar para marcador discursivo por apresentar um V2 que, juntamente com esse volitivo, equivale a um só verbo. A categoria de marcador discursivo propriamente dita não apareceu em nossos dados, embora esteja presente na língua (como já discutido) e por isso representada aqui para que cheguemos a *querer* 8, que, juntamente com a porção frasal que lhe acompanha, equivale a uma expressão nominal.

Defendemos, então, haver uma polissemia nos verbos modais. A polissemia refere-se a funções diferentes para uma mesma forma, sendo que a função mais antiga não é

necessariamente descartada, podendo permanecer interagindo com as novas funções. Em nosso estudo, se considerarmos a semântica desde o latim, a função mais antiga de procurar, perguntar já não é mais encontrada, mas se pensarmos na língua portuguesa, a função mais antiga, de querer, desejar permanece interagindo com as novas: desde usos que mesclam a volição à polidez de uma ordem, passando por usos que tendem a marcador discursivo introdutor de conclusão ou sustentação de argumentação, introdução de marcação de alternativa e introdutor de indeterminação.

Além disso, na nova função, há sempre traços semânticos que persistem, ou seja, traços comuns ao uso mais antigo. Em todos os diferentes usos de *querer* persistem os valores básicos de projeção, futuridade e *irrealis*, embora esses valores apareçam de maneiras diferentes em cada um dos tipos estudados: uns se distanciam mais e outros menos das idéias básicas de volição, futuridade e *irrealis*, conforme o contexto e a configuração morfossintática assumida em cada uso.

Como o fio condutor desta seção é a polissemia presente em *querer*, passaremos à verificação de três dos cinco princípios propostos por Hopper (1991) para a comprovação da gramaticalização: divergência, especialização e persistência. Os dois princípios restantes (Dessentencialização e Estratificação) serão trabalhados em seções posteriores de acordo com a proximidade entre cada um deles e as características morfossintáticas que forem sendo trabalhadas.

O Princípio da Divergência é verificado quando se tem um conjunto de formas com a mesma etimologia, mas desempenhando funções diferentes. O uso novo não acarreta o desaparecimento do uso inicial. É o que acontece com o verbo em estudo: embora *querer* 1 não tenha passado do latim para o português como verbo, os usos de 2 a 8 coexistem na língua.

O Princípio da Especialização refere-se à possibilidade de um item se tornar obrigatório pelo estreitamento de opções para codificar determinada função, à medida que uma dessas opções tem sua frequência de uso aumentada por estar mais gramaticalizada. Percebemos, entre os usos de *querer* – 2 (introdutor de vontade, desejo/futuridade), 3 (introdutor de vontade, desejo/polidez), 4 (igual a *significa*) e 8 (igual a *qualquer*) –, que esse parâmetro pode ser aplicado, embora não plenamente, justamente por coexistirem outras formas na língua para expressar as idéias indicadas entre parênteses, embora tenhamos a maior frequência de *querer* 2 para expressão de introdutor de vontade, desejo/futuridade, que parece caminhar para uma especialização para expressão dessas noções.

Já para a verificação do Princípio da Persistência, um ou mais de um dos sentidos precisam refletir o primeiro sentido dominante. Defendemos que o traço de projeção no tempo e no espaço presente no verbo aqui estudado permanece explícita ou implicitamente em todos os usos dele derivados: o que se mostra como projeção no tempo e no espaço em *querer* 2 e 3 passa a projeção no texto (introdução de uma nova seqüência de informações) em 4. Essa projeção está presente também em *querer* 8, mesmo que vinculada à imprecisão, incerteza vinculada aos contextos em que aparece com sentido de qualquer (coisa lugar ou pessoa).

O Princípio da Persistência nos leva à discussão sobre a perda da clareza semântica (presente no conteúdo semântico “fonte” dentro de nossa língua) das construções que estão passando por gramaticalização, o que leva à ampliação do seu contexto de uso, pois o verbo passa a aceitar complementos com características que não aceitava primeiramente. Por isso, dizemos que um dos mecanismos mais atuantes no processo de gramaticalização é o *esbranqueamento semântico* ou *generalização*, por meio do qual as características específicas do sentido vão sendo perdidas (FREITAG, 2003, p. 117) em função do ganho de possibilidades de V2, que entendemos que ocorra em *querer* 4 e 8.

Diante dessa polissemia, o contexto deve ser o “meio” utilizado para definir o sentido do modal naquele uso específico (NEVES, 2006). Essa polissemia se faz importante para o estudo da complementação com V2, já que sua complexidade estrutural e semântica está vinculada às diferentes configurações sintáticas que V2 pode assumir e à classe semântica do verbo que subcategoriza essas construções (CARVALHO, 2007). Por isso, faremos uma relação entre contexto sintático e valor lexical de *querer*.

Não há como negar que esses valores dividem-se de acordo com as diferentes construções sintáticas encontradas. Dentre os valores encontrados no *corpus* para *querer*: **2**, **3**, **4**, e **8**, percebemos que *querer* **2** tem maior leque de possibilidades sintáticas para sua ocorrência – com complemento substantivo ou verbal (subdividido em infinitivo e finito); *querer* **3** e **4** ocorrem somente com complemento infinitivo; *querer* **8** ocorre somente com as orações consideradas como falso encaixamento.

As frequências dessas ocorrências subdividem-se entre os diferentes tipos de *querer* da seguinte maneira:

• V2 infinitivo:

Séc.										
Tipo de querer	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	total
2	30	27	32	41	4	8	5	0	1	148
3	0	0	0	3	0	0	0	8	0	11
total	30	27	32	44	4	8	5	8	15	159

Tabela 6: Frequência de ocorrências com V2 infinitivo de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

Tipo de querer	Você SA
2	142
4	9
total	151

Tabela 7: Frequência de ocorrências de encaixadas com V2 infinitivo divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

• Encaixadas com complemento finito:

Séc.										
Tipo de querer	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	total
2	1	1	5	5	0	1	1	0	0	14

Tabela 8: Frequência de ocorrências de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

Tipo de querer	Você SA
2	10

Tabela 9: Frequência de ocorrências de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

• Construções com falso encaixamento:

Séc.										
Tipo de querer	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	total
8	7	4	8	8	1	0	0	0	0	28

Tabela 10: Frequência de ocorrências com falso encaixamento de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

Observamos que somente as construções com V2 infinitivo podem abarcar mais de uma opção semântica para *querer* (*querer* 2 e 3 para o *corpus* pancrônico e *querer* 2 e 4 para *corpus* sincrônico). Aquelas com complemento finito restringem-se a *querer* 2 e as consideradas como falso encaixamento restringem-se a *querer* 8.

Entendemos, portanto, que há uma relação entre a semântica do volitivo e a configuração sintática de V2: *querer* 2 possibilita maior leque de possibilidades para V2 (infinitivo ou finito) enquanto os demais tipos de *querer* têm suas ocorrências restritas a apenas um tipo de configuração sintática - *querer* 3 e 4 só ocorrem com V2 infinitivo e *querer* 8 só ocorre com orações consideradas como falso encaixamento.

Isso nos faz voltar à proposta de Heine (1993, p. 53), que introduz o conceito de *grammaticalization chain* (cadeia de gramaticalização). O primeiro passo para sua ocorrência é a existência de uma forma lingüística com diferentes usos, que se sobrepõem uns aos outros. A existência do elemento fonte é historicamente primeira e menos gramaticalizada (no português, a forma mais antiga é *querer* 2) que o elemento meta (como propusemos dois caminhos distintos, teríamos, não um, mas dois elementos meta: *querer* 4 e 8). Dentro desse fenômeno, os componentes da forma lingüística são afetados: sua forma semântica (o que se confirma através dos diferentes tipos de *querer* propostos) e sintática (o que se confirma através da relação entre as configurações sintáticas possíveis e os diferentes tipos de *querer* propostos).

4.2.2. Apresentação do volitivo explícito ou não explícito

A partir da correlação estabelecida entre a semântica de *querer* e a configuração morfossintática de V2, passamos a verificar as particularidades de cada uma das construções possíveis, começando pela possibilidade de elipse do volitivo. São casos em que defendemos que haja uma categoria vazia (\emptyset) que possibilite a retormada, pelo contexto, do volitivo não explícito naquele ponto da cadeia sintática.

Entendemos que haja um *querer* não explícito encabeçando V2 infinitivo, no exemplo **17** do *corpus* sincrônico: *um **quer** comprar um carro zero e o outro \emptyset fazer uma viagem*, pois o que recuperamos nesta estrutura é: *um quer comprar um carro zero e o outro quer fazer uma viagem*. Não há necessidade da repetição do volitivo pela facilidade de recuperá-lo pelo contexto.

(**17, corpus sincrônico**) Para muitos casais a palavra dinheiro soa como um problema sem solução. Se um **quer** comprar um carro zero e o outro **fazer** uma viagem para o exterior, a briga pode estar arranjada. (**106, 107, texto 35, Você SA**)

Já no exemplo **18** do *corpus* pancrônico documental, a oração introduzida por *nem, se manter* funciona como complemento infinitivo explícito de um segundo volitivo *querer* (não

explícito): *no~ qu(er)iam beu(er) ne~ Ø sse ma~tee(r) p(e)lo d(i)cto ma~tijme~to*, pois o que se recupera pelo contexto é: não queriam dever nem queriam se manter.

(18, *corpus pancrônico*) E q(ue) ora. o d(i)cto P(ri)ol vijndo cont(ra) o d(i)cto costum(e) (e) S(ente)n(ç)as. p(e)los tracta´r mal. lhi´s daua tam peq(ue)no pam aluo. (e) ca(r)ne ou pescado (e) ((L007)) tam ma~a~o/sic/ vi~ho q(ue) no~ **qu(er)iam** beu(er) ne~ sse ma~tee(r) p(e)lo d(i)cto ma~tijme~to. (e) demai´s q(ue) a boroa. q(ue) senp(re) ouu(er)om ffora. de la´r (e) q(ue) agora lha daua~ ((L008)) de fforno (e) q(ue) era tam ma´a´. (e) tam peq(ue)na. q(ue) se no~ podiam. p(er) ella ma~te´er (73, **texto 11, sec. XIV, CIPM**)

Passamos, então, a verificar a proporção de ocorrências com *querer* explícito e não explícito nos dados a fim de verificar com que frequência ocorre a elipse do volitivo:

querer	SÉCULO																total		
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%		XXI	%
explícito	32	83	29	90	41	91	56	98	5	100	9	100	6	100	7	88	1	100	186
Não explícito	6	17	3	10	4	9	1	2	0	0	0	0	0	0	1	12	0	0	15
total	38	100	32	100	45	100	57	199	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 11: Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito – *Corpus* pancrônico documental

querer	Você SA	
	total	%
explícito	147	91,3
Não explícito	14	8,7
total	161	100

Tabela 12: Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito – *Corpus* sincrônico sincrônico da Revista Você SA

Percebemos que a ocorrência de *querer* explícito é muito mais frequente (entre 83 e 100%) que não explícito (entre 17 e 0%) dentre as ocorrências com V2 infinitivo (ambiente sintático que permite essa elipse, conforme comprovaremos pelas tabelas seguintes) em ambos os *corpora*. Isso mostra que a forma prototípica para as construções aqui em estudo é com *querer* explícito.

Mesmo não sendo a forma prototípica, a possibilidade da elipse (categoria vazia (Ø)) para *querer* existe ao longo dos *corpora* e, a fim de melhor compreendê-la, verificamos em que tipos de *querer* as ocorrências não explícitas são possíveis e observamos que elas ocorrem em dois dos três tipos de *querer* encontrados diante de V2 infinitivo: *querer* 2 e 3, como demonstram as tabelas seguintes:

- Realização de *querer* diante de V2 infinitivo:

c/inf.	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
querer	expl	n. expl.	expl	n. expl.	expl	n. expl.	expl	n. expl.	expl	n. expl.									
2	30	0	24	3	28	4	41	0	4	0	8	0	5	0	0	0	1	0	148
3	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	11
total	30	0	24	3	28	4	43	1	4	0	8	0	5	0	7	1	1	0	159

- **Tabela 13:** Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito diante de V2 infinitivo – *Corpus* pancrônico documental

Você SA			
querer	Expl.	Não expl.	total
2	128	14	142
4	9	0	9
total	137	14	151

- **Tabela 14:** Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito diante de V2 infinitivo – *Corpus* Sincrônico da Revista Você SA

Entendemos que essa possibilidade de categoria vazia (\emptyset) somente diante de *querer* 2 e 3 se deva ao fato de estes serem usos mais vinculados ao sentido “fonte” de *querer*, mais diretamente ligados à volição, conforme os traços básicos de significados destes já apontados: *querer* 2: introdutor de vontade, desejo/futuridade; *querer* 3: introdutor de vontade, desejo/polidez. Por serem usos mais próximos do sentido prototípico do verbo, podem ficar não explícitos sem causar problemas de recuperação para o entendimento da construção, como explicado anteriormente. Esse sentido é facilmente recuperável em caso de elipse do verbo, pois é o sentido mais comum para ele.

Já *querer* 4 não permite a elipse do volitivo, pois isso prejudicaria a recuperação do sentido transmitido pela junção deste com *dizer*, que se afasta do sentido fonte do verbo, tornando-se um introdutor de conclusão ou de sustentação de argumentação, com sentido igual a *significa*, e por ser dependente da configuração sintática: *querer* + V2 *dizer*.

As encaixadas finitas apresentaram em nossos *corpora* somente ocorrências com *querer* 2 e somente explícito.

- Realização de *querer* na encaixada finita:

finita	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
querer	Expl	n. expl.	n. expl	n. expl.	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.							
2	1	0	1	0	5	0	5	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	14

- **Tabela 15:** Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito diante de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

encaix. finita	Você SA		
Querer tipo	Explícito	Não explícito	total
2	10	0	10

Tabela 16: Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito diante de encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Confirmamos, portanto, que as ocorrências de *querer* não explícito concentram-se, em nossos dados, nas encaixadas infinitivas. Mas, por isso não ocorrer em nossos dados também nas encaixadas finitas, mesmo diante da ocorrência do mesmo tipo de *querer* (mais próximo de seu sentido “fonte” em nossa língua), entendemos que o tamanho da encaixada também possa ter relação com a possibilidade ou não da elipse do volitivo, pela dificuldade em recuperar uma informação específica dentro de uma porção maior de informações relacionadas⁶³.

Entre as orações consideradas como falso encaixamento, encontramos apenas um exemplo com *querer* não explícito, como aponta a tabela seguinte.

- Realização de *querer* na encaixada considerada como falso encaixamento:

falso encaix.	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
querer	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.	Expl	n. expl.									
8	7	0	3	1	8	0	8	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	28

Tabela 17: Frequência de ocorrências com *querer* explícito e não explícito nas orações com falso encaixamento de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

No exemplo **19**, entendemos que haja um complemento não explícito completando a ideia de *(e) q(ue) el q(ue) os possa rrecadar (e) rezeber*, pois o que se entende do trecho destacado é que a pessoa tem direito sobre algo *hu q(ue)r q(ue) seia~ (e) Ø (onde quer⁶⁴) q(ue) el q(ue) os possa rrecadar (e) rezeber*. Embora não se faça necessário o desenvolvimento explícito da expressão “onde quer” pela proximidade e facilidade de recuperação da ideia, entendemos que ela está presente nos dois pontos do texto.

(19, corpus pancrônico) Porende de ((L004)) mha bo~a liure uoo~tade (e) sen ne~hu~u out(ro) (con)st(re)ngime~to dou (e) do'ó' a ele todol(os) h(er)dame~t(os) q(ue) eu ey ((L005)) (e) ouu(er) (e) de d(ere)yto deuo a au(er) Ant(re) Doyro (e) Mi~nho hu **q(ue)r** q(ue) seia~ (e) q(ue) el q(ue) os possa rrecadar (e) rezeber ((L006)) (e) os possoya (e) aia en todol(os) di'as de ssa uida E despos ssa mort(e).
(69, texto 7, sec. XIV)

⁶³ Embora nossos dados tenham demonstrado somente exemplos de elipse de *querer* com encaixada infinitiva, a elipse também é possível, na língua portuguesa, em construções com encaixada finita: quero que você saia e compre feijão (quero que você saia e (Ø = quero que) compre feijão).

⁶⁴ Trecho incluído por nós.

Mas, como se trata de apenas um exemplo, não acreditamos que possa ser considerado como um contra-exemplo para o que defendemos aqui: que a elipse só é possível quando *querer* está ligado mais diretamente a seu sentido de volição e diante de encaixada infinitiva.

4.2.3. Apresentação de V2 explícito ou não explícito

Dando continuidade à verificação das particularidades de cada uma das configurações sintáticas possíveis de acordo com a semântica do volitivo, a partir da correlação estabelecida entre semântica e configuração sintática de V2, passamos à discussão sobre a possibilidade de elipse de V2. São casos em que defendemos que haja uma categoria vazia (\emptyset) que possibilite a retomada, pelo contexto, do V2 que complementa a idéia expressa pelo volitivo, mas não está explícito naquele ponto da cadeia sintática.

Foram encontrados exemplos de V2 não explícito tanto na forma infinitiva quanto na finita, como apresentaremos a seguir.

- Com V2 infinitivo não explícito:

(20, corpus sincrônico) Scott insiste que até os mais sérios conseguem melhorar a imagem e se cercarem da aura de leveza. “Seus colegas vão perceber que você **quer** e pode ser uma pessoa mais divertida se começarem a notar seu interesse genuíno pelos problemas dos outros e sua vontade de enxergar pontos positivos mesmo em momentos de crise”. **(133, texto 50, Você SA)**

No exemplo **20**, entendemos que haja um verbo infinitivo não explícito completando a ideia de *querer*, pois o que se entende do trecho destacado é que você quer ser uma pessoa mais divertida e pode ser uma pessoa mais divertida se começarem a notar seu interesse genuíno pelos problemas dos outros e sua vontade de enxergar pontos positivos mesmo em momentos de crise. Embora a repetição explícita do verbo *ser* não se faça necessária pela proximidade e facilidade de recuperação da ideia, entendemos que ela está presente no texto após *querer* através de uma categoria \emptyset que representa *ser uma pessoa mais divertida*.

(21, corpus pancrônico) E q(ue) des alj adea~t(e) q(ue) o P(ri)ol (e) sseu Conue~to dessen a d(i)ta ssa h(er)dade ((L038)) a q(uem) **q(ui)sessem** (e) p(or) bem teusessem (e) fezessem dela sseu p(ro)uei~to sen e~bargo ne~hu~u **(77, texto 8, sec. XIV)**

No exemplo **21**, entendemos que haja um verbo infinitivo não explícito completando a ideia de *quisessem*, pois o que se entende do trecho destacado é que o priol e o convento

dessem a dita *herdade* a quem quisessem dar. Embora a repetição explícita do verbo *dar* não se faça necessária pela proximidade e facilidade de recuperação da ideia, entendemos que ela está presente no texto após *querer* através de uma categoria \emptyset que representa *dar*.

As ocorrências de V2 infinitivo explícito e não explícito distribuem-se da seguinte maneira nos *corpora*:

V2	SÉCULO																	
	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI	
Infinitivo		%		%		%		%		%		%		%		%		%
Explícito	20	71,42	24	92	19	58	24	62	1	25	6	100	5	100	7	87,5	1	100
não explícito	8	28,58	2	7,7	14	42	15	38	3	75	0	0	0	0	1	12,5	0	0

Tabela 18: Frequência de ocorrências com infinitivo explícito e não explícito – *Corpus* documental panacrônico

V2	Você SA	
	total	%
Infinitivo		
Explícito	145	96
não explícito	6	4
total	151	100

Tabela 19: Frequência de ocorrências com V2 infinitivo explícito e não explícito – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

A ocorrência de *querer* com V2 infinitivo explícito é muito mais frequente que com não explícito, variando entre 100 e 58% do total de ocorrências infinitivas no *corpus* panacrônico e ocorrendo em 96% das ocorrências do *corpus* sincrônico. Isso mostra que a forma prototípica é de V2 infinitivo explícito. A única exceção foi no século XVII, em que apenas 25% das ocorrências apresentam V2 explícito contra 75% não explícito, mas defendemos que se deva ao baixo número de ocorrências encontradas neste século: somente 3, o provocou o enviesamento dos dados.

Mesmo assim, a possibilidade de elipse nos leva a verificar sua relação com os tipos de *querer* e observamos que, assim como aconteceu com a possibilidade de elipse do volitivo, a elipse de V2 se concentra diante de *querer* 2 e 3, como demonstra a tabela seguinte:

V2 inf.	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
	expl	n.expl	expl	n.expl	expl	n.expl	expl	n.expl	expl	n.expl									
2	21	9	25	2	18	14	26	15	3	1	8	0	5	0	0	0	1	0	148
3	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	11
total	21	9	25	2	18	14	29	15	3	1	8	0	5	0	7	1	1	0	159

Tabela 20: Frequência de ocorrências com *querer* diante de V2 infinitivo explícito e não explícito divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* panacrônico documental

V2 infinitiva	Você SA		Total
querer	Explícita	Não explícita	
2	10	0	10

Tabela 21: Frequência de ocorrências com *querer* diante de V2 explícito e não explícito divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Novamente, defendemos que a elipse de partes da construção só seja possível quando o volitivo está mais próximo de seus valores semânticos “fontes” em nossa língua, ligados mais diretamente à volição, como ocorre com *querer* 2 e 3.

- Com encaixada finita não explícita:

(22, *corpus* sincrônico) Por resultado, entenda-se: o profissional supera a dificuldade e começa a gerar a receita que a empresa **quer**. (45, texto 15, Você SA)

No exemplo 22, entendemos que haja uma encaixada finita não explícita completando a ideia de *querer*, pois o que se entende do trecho destacado é que o profissional supera a dificuldade e começa a gerar a receita que a empresa quer que ele gere. Embora não se faça necessário o desenvolvimento explícito de uma oração com o verbo *gerar* pela proximidade e facilidade de recuperação da ideia, entendemos que ela está presente no texto após *querer* através de uma categoria \emptyset , que equivale a: empresa quer *que ele gere*.

Também há uma encaixada finita não explícita completando a ideia de *querer* no exemplo 23, pois o que se entende do trecho destacado é que o escudeiro quis (*q(ue) todo ouuesse o d(i)to Mon(steiro)*) e por isso consentiu (*q(ue) todo ouuesse o d(i)to Mon(steiro)*). Embora não se faça necessário o desenvolvimento explícito de uma encaixada finita com o verbo *querer* pela proximidade e facilidade de recuperação da ideia, entendemos que ela está presente também diante dos dois verbos que os antecedem: *outorgar* e *mandar*, através de categorias vazias que representam respectivamente a: outorgou \emptyset (*q(ue) todo ouuesse o d(i)to Mon(steiro)*) e mandou \emptyset (*q(ue) todo ouuesse o d(i)to Mon(steiro)*) e quis \emptyset (*q(ue) todo ouuesse o d(i)to Mon(steiro)*).

(23, *corpus* pancrônico) Ento~ o d(i)to scudeyro uisto os d(i)tos st(rument)os q(ue) lhj o d(i)to Priol mostrara (e) o q(ue) ffora fei'to ((L029)) p(e)lo d(i)to P(e)d(ro) loure~ço seu tí'õ;. Outorgou todo o q(ue) ff(ei)to era co~ o d(i)to P(e)d(ro) loure~ço (e) p(er) el sobr(e) ff(ei)to das ((L030)) d(i)tas h(er)dades (e) q(ui)nta~a (e) Casal dela como era co~teudo no d(i)to strom(ento) ff(ei)to p(e)lo d(i)to affon(so) p(er)iz. E outorgou (e) ((L031)) ma~dou (e) **q(ui)s** (e) co~sentiu q(ue) todo ouuesse o d(i)to Mon(steiro) como era (con)teudo (e) diuisado no d(i)to strom(ento) (74, texto 8, sec. XIV)

As ocorrências de encaixada finita explícita e não explícita distribuem-se da seguinte maneira:

encaixada	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
finita																			
explícita	1	100	0	0	2	32	2	32	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	7
não explícita	0	0	1	100	3	68	3	68	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7
total	1	0	1	0	5	100	5	100	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	14

Tabela 22: Frequência de ocorrências com encaixada finita explícita ou não explícita – *Corpus* documental pancrônico

encaixada finita	Você S A	
	total	%
explícita	9	90
não explícita	1	10
total	10	100

Tabela 23: Frequência de ocorrências com encaixada finita explícita ou não explícita – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

No *corpus* sincrônico, a maioria (90%) é de ocorrências de encaixadas finitas é explícita. No *corpus* pancrônico, as ocorrências com encaixada finita dividem-se entre explícitas e não explícitas. Acreditamos que essa oscilação no *corpus* pancrônico se deva ao baixo número de ocorrências encontradas, o que provoca enviesamento dos dados.

Há ainda o fato de termos encontrado a elipse mesmo da encaixada finita, diferentemente da elipse do volitivo, que não ocorreu neste sintático finito. Entendemos, portanto, que o tamanho da encaixada não tenha relação com a possibilidade ou não da elipse dessa parte da construção como tem com a possibilidade de elipse do volitivo.

Como todas ocorrências de *querer* com encaixada finita concentram-se em *querer 2*, não há como dividir as ocorrências explícitas e não explícitas de acordo com os valores semânticos do volitivo.

Não encontramos exemplos de construções com falso encaixamento com uma das partes não explícita (como demonstra a tabela seguinte), o que demonstra maior integração nesse tipo de construção, que não permite uma parte não explicitada.

Todas as ocorrências com falso encaixamento são com *querer* do tipo 8: sentido igual a qualquer coisa, lugar ou pessoa, o que também dispensa comparativo com outros tipos de *querer* dentro desta construção, além de confirmar a relação que vem sendo traçada entre a possibilidade de elipse e o valor semântico de *querer*, pois, como este tipo de *querer* está mais distante dos valores básicos para esse volitivo, não há possibilidade de elipse de uma das partes da construção.

f. encaix.	SÉCULO																	
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%
explícita	7	100	4	100	8	100	8	100	1	100	0	0	0	0	0	0	0	28
Não explícita	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
total	7	100	4	100	8	100	8	100	1	100	0	0	0	0	0	0	0	28

Tabela 24: Frequência de ocorrências com falso encaixamento explícito ou não explícito – *Corpus* pancrônico documental a ou não explícita – *Corpus* pancrônico documental

O que observamos com relação a V2 explícito ou não explícito é que, a exemplo do observado em relação a *querer* explícito ou não explícito, as ocorrências com V2 explícito + *querer* tipo 2 são muito mais frequentes que as demais construções com os demais tipos de *querer*. Entendemos, portanto, que a forma prototípica para construções com *querer* + V2 seja com ambas as partes explícitas e com *querer* do tipo 2, embora a possibilidade de elipse do volitivo diante de V2 infinitivo e da elipse da encaixada tanto infinitiva quanto finita mostre que as duas porções da construção não formam (pelo menos ainda) um único todo, exceto nos casos de *querer* 4 e 8, quando temos um só todo que não permite a elipse de uma de suas partes.

4.2.4. *Querer* e o Princípio da Dessentencialização

Além dos três princípios propostos por Hopper (1991) para a verificação da gramaticalização já abordados, passamos agora a discutir o Princípio da Dessentencialização nas construções com *querer*.

Entendemos dessentencialização como a mudança lingüística empreendida quando as partes da construção se fundem ou, em alguns casos, a oração predicadora passa a ter um valor adverbial ou próximo de um advérbio, gramaticalizando-se, e a encaixada deixa de funcionar como constituinte da predicadora. Quanto maior o entrelaçamento entre as orações, maior a gramaticalização, em oposição, se há explicitude da conexão entre V2 e predicadora, o entrelaçamento entre as porções é menor e, conseqüentemente, a gramaticalização também.

Dessa maneira, a dessentencialização atinge as construções com V2 infinitivo e finito, mas, nas primeiras, há maior dessentencialização e, conseqüentemente, maior gramaticalização, pois exigem coincidência de sujeitos e bloqueio a explicitude da conexão (*que*) entre V2 e predicadora. Mas, como discutiremos adiante, propomos que também haja dessentencialização nas construções com falso encaixamento. E, mesmo, dentro do grupo de

V2 infinitivo, entendemos que haja diferentes estágios de dessentencialização, com usos em que o verbo *querer* já não pode mais ser chamado de predicador.

Conforme as tabelas anteriores, nossos dados revelaram que a maioria das construções com *querer* requer V2 na forma infinitiva, indicando alta integração nessas construções, embora saibamos que as construções com V2 infinitivo não formam um grupo homogêneo, em função das particularidades de uso de acordo com a semântica assumida pelo volitivo em cada construção, o que gerará estágios diferentes de gramaticalização, mesmo dentro deste grupo, como abordaremos adiante. Ainda assim, podemos dizer que V2 infinitivo apresenta maior integração se comparado a V2 finito, com exceção das construções com falso encaixamento, como explicaremos a seguir.

Maior integração – V2 na forma infinitiva – exige coincidência de sujeito de *querer* e de V2 e bloqueia a explicitude da conexão (*que*) entre encaixada e predicadora:

(07, corpus sincrônico) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (*veja entrevista nesta reportagem*), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. **(7, texto 4, Você SA)**

(24, corpus pancrônico) porq(ue) t(ra)gi´a todos esses h(er)dam(en)t(os) danb(os) esses Moestei´ros [...] [Pe]ro ((L023)) m(en)diz q(ue) **q(ue)ri´a** p(ro)uar por santo tisso. p(er) D(omingos) do(mingu)iz de Rep(re)sas (e) p(er) D(omingo)s do(mingu)iz da ui´la (e) p(er) Joh(am) gi´mara~es (e) p(er) D(omingo)s ((L024)) (e) p(er) M(a)r(tim) do Eyro´o´ (e) p(er) D(omingo)s p(er)ez da ffonte (e) p(er) M(a)r(tim) do(mingu)iz da h(er)mi´da. **(44, texto 4, sec. XIV, CIPM)**

Além do infinitivo, encontramos V2 conjugado no modo subjuntivo – devido a restrições semânticas envolvidas nas construções em que predicadora e V2 não apresentam o mesmo sujeito. Esse segundo tipo de construção apresenta menor integração entre as partes.

Menor integração – encaixada na forma finita – bloqueia coincidência de sujeito da oração predicadora e da encaixada e exige a explicitude da conexão (*que*) entre encaixada e predicadora:

(25, corpus sincrônico) Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. **(3, Texto 2, Você SA)**

(26, corpus pancrônico) As di(c)tas suas erdades no di(c)to esca~bo co~tiudas isentas (e) sem foro q(ue) se delas page A ne~hu~a pesoa E dise q(ue) se eles **q(ui)sesem** q(ue) ele outorgase o di(c)to esca~bo q(ue) pois q(ue) ele daua As suas erdades ((L039)) Ao di(c)to mostei´ro **(98, texto 6, sec. XV, CIPM)**

Mesmo assim, entendemos que haja integração, embora em menor grau, pois *querer* nessas construções também exerce, como veremos nas próximas seções, várias restrições morfossintáticas e argumentais sobre a encaixada finita.

Resta, então, trabalhar as orações com falso encaixamento, que, apesar de apresentarem sujeitos diferentes para a posição de predicadora e de encaixada e explicitude da conexão (*que*) entre essas partes, são entendidas por nós como apresentando maior integração e conseqüente dessentencialização de *querer*.

Como a dessentencialização é entendida como a mudança lingüística em que as partes da construção se fundem ou, em alguns casos, a oração predicadora passa a ter um valor adverbial ou próximo de um advérbio, defendemos que exemplos como o seguinte também apresentem dessentencialização, pois, embora *querer* não tenha valor adverbial, se aproxima semanticamente de um nome (mais especificamente do pronome indefinido *qualquer*), como já dito, equivalendo, com a porção que lhe acompanha, aproximadamente a *qualquer pessoa, coisa ou lugar*, como demonstra o exemplo 27.

(27, *corpus pancrônico*) Rendas do di(c)to ((L049)) seu moest(eiro) a mantere~ est(e) contrauto aos di(c)t(os) foreiros nas ditas tres vidas (e) lh(e) fazerem os ((L050)) di(c)t(os) be~es seguros liures (e) de paz de que~ **q(ue)r** que lhos demande ou e~bargue sob p(e)na de lh(e) pagarem ((L051)) todas custas (e) despesas p(er)das (e) dapn(os) que por elo fezerem (193, texto 1, sec. XVI, CIPM)

Esse tipo de construção também tende à fixação como forma cristalizada na língua, uma vez que todas as suas ocorrências são com volitivo na 3ª pessoa da singular do presente do indicativo. Além disso, *querer* parece ter tido características próprias de volitivo enfraquecidas nessas construções, como características argumentais do sujeito do volitivo e a modalidade, além da própria semântica.

Por entendermos que *querer* tem várias das características que o definem como verbo predicador enfraquecidas, defendemos que também haja dessentencialização em exemplos como o acima citado. Mas, para chegarmos a propor diferentes estágios de gramaticalização para estes e os demais tipos de construção trabalhados, é necessário verificar os demais comportamentos morfossintáticos dessas construções, como a possibilidade de negação de V2 (parâmetro também relacionado à Dessentencialização) trabalhada na seção seguinte; além de abordarmos as características argumentais do sujeito do volitivo e a modalidade própria das construções com *querer*.

4.2.5. Relação entre a possibilidade de negação de V2 e o Princípio da Dessentencialização

Dando continuidade ao trabalho com a ideia de dessentencialização – e consequente gramaticalização – tanto para construções com V2 infinitivo quanto finito, embora em estágios diferentes, retomamos Haiman (1983) e Lehmann (1988), segundo os quais a possibilidade de negação separadamente somente do verbo da oração predicadora indica independência conceitual do que se expressa pelas porções da sentença enquanto, em um forte estágio de dessentencialização, não seria possível realizar a negação de apenas uma das partes da construção.

Voltamo-nos, então, para verificação da ocorrência dos diferentes tipos de *querer* com construções de negação e a frequência é baixíssima: apenas 03 de um total de 201 ocorrências do *corpus* pancrônico e 18 de um total de 161 ocorrências do *corpus* exclusivamente sincrônico. Mesmo assim, em todos os casos, a negação engloba toda a construção, e não apenas uma parte dela, conforme demonstraremos a partir da separação de acordo com os diferentes tipos de *querer*.

No *corpus* sincrônico, entre as ocorrências de negação, 09 ocorrem diante de *querer* 2 + infinitivo; 07 diante de *querer* 4 + infinitivo; 02 diante de *querer* 2 + finito, como ilustram os exemplos seguintes, um de cada tipo de *querer* e de construção.

- *querer* 2 + infinitivo:

(28, *corpus* sincrônico) Não adianta tentar salvar aqueles que não **querem** ser salvos e, com isso, penalizar o resto do time. (2, Texto 1, Você SA)

- *querer* 4 + infinitivo:

(02, *corpus* sincrônico) O alemão levaria mais tempo para demitir as pessoas. "Isso não **quer** dizer que ele seja mais emocional que os outros. Seu objetivo é fazer tudo como mandam as leis e os regulamentos", diz Edson. A preocupação com a qualidade é a grande marca dos executivos nascidos na Alemanha. A dica para conquistá-los é buscar ser tão perfeccionista quanto eles no cumprimento de tarefas. (11, Texto 5, Você SA)

- *querer* 2 + finito:

(25, *corpus* sincrônico) "Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. (3, Texto 2, Você SA)

Encontramos, ainda no *corpus* sincrônico, dois exemplos em que o infinitivo é precedido de negação, mas não os consideramos como contra-exemplos, pois não negam somente o que se expressa em V2; trata-se de negações enfáticas que envolvem toda a construção encabeçada por *querer*.

No exemplo **29**, temos a negação (*nem*) diante do infinitivo (*saber*), mas o caráter enfático da construção com essa negação se confirma pela presença de negação também antes de *querer* (*não quer*), além da negação diante do infinitivo (*nem saber*). A informação é de que tem gente jovem que não quer saber de bolsa:

(29, corpus sincrônico) Banco do Brasil, Itaú Unibanco e Icatu Hartford usam simuladores automáticos de maior alavancagem em ativos variáveis para o investidor jovem, na faixa até 35 anos, que esteja longe de sua data-alvo para resgate do dinheiro. Já Bradesco e Santander Seguros não usam esse sistema. “Cada plano é montado individualmente, considerando o perfil do investidor. Tem gente que é jovem, mas não **quer** nem saber de bolsa, e tem gente mais velha que quer correr mais risco”, diz Lúcio Flávio Condurú de Oliveira, diretor-geral do Bradesco Vida e Previdência, em São Paulo. **(146, Texto 55, Você SA)**

No exemplo **30**, temos negação (*não*) diante do infinitivo (*sanar*), mas o advérbio não está sozinho; ele forma uma expressão juntamente com *só*. O caráter enfático da negação se confirma ainda pela construção *não só ... mas também*, que completa a idéia de *querer* com a adição das duas ideias expressas pelos infinitivos (*sanar* e *transformar*). A informação é de que a pessoa em questão queria sanar as dívidas e ainda transformá-las em investimentos:

(30, corpus sincrônico) Sua renda subiu para 3 500 reais e foi daí que o executivo viu as dívidas com outro olhar: ele **queria** não só saná-las, mas transformá-las em investimentos. **(170, texto 63, Você SA)**

No *corpus* pancrônico, encontramos somente 03 ocorrências de negação, todas diante da construção de *querer* 2 + infinitivo: 01 no século XIII e 02 no século XVIII, o que gera a negação da construção como um todo, e não somente de uma parte dela. É o que confirma o exemplo seguinte:

(31, corpus pancrônico) antepondo aobem domesmo Real Ser-/viço, ahuma opinião, que não **quizesse** sofrer milhoramento/ em matéria de tanta importancia como hé a de defender/ os Dominios de Sua Magestade, bens e Vidas deSseus PaSsatos neste Estado. **(243, texto 10, sec. XVIII)**

Encontramos ainda, no *corpus* pancrônico, o que talvez possa ser encarado como um contra-exemplo à impossibilidade de ocorrência de negação entre *querer* e V2 infinitivo. Em

32, vemos a negação atuar somente sobre V2 infinitivo (*querendo não deixar*). Portanto, ao contrário do visto nos demais exemplos, aqui temos a negação que atua somente sobre uma das partes da estrutura.

(**32, corpus pancrônico**) supposto não esteja a guerra declarada com a Nação Franceza nem porisso se devem pôr em inexecução as Ordens de Sua/ Magestade, eas Suas Reaes Providencias para segurança, e/ conservação de seus Dominios, **querendo** não deixar de parte re-/ curso algum, que possa lembrar os tinha convocado a elles Chefes dos/ Regimentos pagos, e auxiliares com o Capitão Engenheiro e D^or. em/ Mathematica Joze Simoens de Carvalho (**229, texto 7, sec. XVIII**)

Mas, por se tratar de um único exemplo em todo o *corpus*, não o consideramos suficiente para contrapor a negação como parâmetro para verificação de dessentencialização e entrelaçamento de orações.

Como as ocorrências com negação encontradas nos dados foram poucas, pretendemos testar (mesmo que hipoteticamente), através de acréscimos de negativas aos exemplos a seguir, essa possibilidade ou não de negação de V2 separadamente para demonstrar integração entre as partes e se haveria uma relação mais próxima entre essa possibilidade e algum dos tipos de *querer* aqui estudados, já que defendemos diferentes estágios de gramaticalização, e consequente dessentencialização, para construções com os diferentes tipos de *querer*.

No exemplo **7**, com *querer* 2 + encaixada infinitiva, é possível fazer uma construção negativa de toda a construção: *as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que não **queira** evoluir na carreira*. Mas não há como fazê-lo negando somente a infinitiva: *as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** não evoluir na carreira.

(**07, corpus sincrônico**) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (veja entrevista nesta reportagem), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. (**7, texto 4, sec. XXI, Você SA**)

No exemplo **11**, com *querer* 3 + encaixada infinitiva, também é possível fazer uma construção negativa de toda a construção: *que asy não ho **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade* (com a negação antes do pronome oblíquo *ho* deslocado para a esquerda da sentença) ou *que asy ho não **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade* (com a negação depois do pronome oblíquo *ho* deslocado para a esquerda da sentença). Mas não há como fazê-lo negando somente a infinitiva: **que asy ho **queira** não confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade*.

(11, *corpus pancrônico*) E pedem as ditas donas por merçe ao R(everendissimo) s(e)n(h)or ((L055)) arçeb(is)po (e) a seus vigairos que asy ho **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade asy ho outorgarom (174, **texto 13, sec. XVI**)

No exemplo 12, com *querer* 4 + V2 infinitivo (*dizer*), mais uma vez é possível fazer uma construção negativa de toda a construção: *o que não **quer** dizer que mais estrangeiros*. Mas não há como fazê-lo negando somente o infinitivo: *o que **quer** não dizer que mais estrangeiros*.

(12, *corpus sincrônico*) É que uma das principais agências de classificação de risco do mundo, a Standard&Poor's, elevou, no dia 30 de abril, a nota para investimentos no Brasil, o que **quer** dizer que mais estrangeiros, inclusive os grandes fundos de outros países, poderão colocar dinheiro em ações. (13, **texto 6, sec. XXI, Você SA**)

No exemplo 33, com *querer* 2 + encaixada finita, é possível fazer uma construção negativa do tipo: *não **queremos** que a empresa contribua para a mudança do planeta*. Mas, se não consideramos impossível a negação somente da encaixada, ela nos causa, ao menos, estranhamento: *?**queremos** que a empresa não contribua para a mudança do planeta*. O que pode ser justificado pelo que atesta Braga (1999): os usuários da língua evitam negar o verbo da oração encaixada.

(33, *corpus sincrônico*) O número de inscritos caiu de 40.000 para 12.000. “**Queremos** que a empresa contribua para a mudança do planeta e, para isso, precisamos de gestores que também tenham esta inquietação”, diz Marcelo Cardoso, vice-presidente de desenvolvimento e sustentabilidade da Natura. (101, **sec. XXI, Você SA**)

Entendemos, a partir dos dados, que, se essa construção precedida de negação não é impossível, pelo menos ela é evitada pelo usuário da língua, o que evidencia a integração também das encaixadas finitas.

No exemplo 27, retomado a seguir, com *querer* 8 + falso encaixamento, é impossível fazer uma construção negativa com uma das duas partes envolvidas, tanto uma como outra possibilidade tornam as construções resultantes com sentidos diferentes daqueles associados a *querer* 8, aproximando-as novamente dos sentidos vinculados a *querer* 2: *(e) lh(e) fazerem os di(c)t(os) be~es seguros liures (e) de paz de que~ não **q(ue)r** não que lhos demande ou e~bargue; (e) lh(e) fazerem os di(c)t(os) be~es seguros liures (e) de paz de que~ **q(ue)r** que lhos não demande ou e~bargue*.

(27, *corpus pancrônico*) Rendas do di(c)to ((L049)) seu moest(eiro) a mantere~ est(e) contrauto aos di(c)t(os) foreiros nas ditas tres vidas (e) lh(e) fazerem os

((L050)) di(c)t(os) be~es seguros liures (e) de paz de que~ **q(ue)r** que lhos demande ou e~bargue sob p(e)na de lh(e) pagarem ((L051)) todas custas (e) despesas p(er)das (e) dapn(os) que por elo fizeram (193, texto 1, sec. XVI, CIPM)

Entendemos, portanto, que esta é uma estrutura muito entrelaçada, dependente da sintaxe da construção e, por isso, sensível a qualquer mudança em sua formação, o que acaba por acarretar uma mudança semântica no volitivo que a encabeça. Bybee et alii (1994) ressaltam o papel do contexto na interpretação dos itens em gramaticalização, uma vez que o contexto interfere cada vez mais no sentido do item na medida em que este vai se distanciando de seu sentido “fonte”; é o que vemos acontecer em *querer* 8: a construção é altamente dependente do contexto para a manutenção do sentido.

Por esse parâmetro da negação, todos os tipos de construções apresentam processo de entrelaçamento, com destaque para as construções com *querer* 8, que não aceitam a negação nem sequer precedendo toda a construção.

Mas vale lembrar que, de acordo com Lima-Hernandes e Casseb Galvão (2011), a negação não satisfaz plenamente como mecanismo para aferir o grau de integração entre as cláusulas, embora preste-se como auxiliar na descrição de determinados verbos. Por isso, daremos continuidade à verificação desse grau de integração através dos parâmetros: Características argumentais do sujeito do volitivo; Modalidade nas construções com *querer*; Entrelaçamento de orações; Explicitude do elemento de ligação entre as orações.

Esses parâmetros serão entrecruzados para chegarmos ao estabelecimento dos diferentes estágios de gramaticalização defendidos para as construções em estudo.

4.3. Características argumentais do sujeito do volitivo

4.3.1. Sujeito (+/- experienciador; +/- animado)

O verbo *querer*, em seu uso pleno (com complemento nominal e sentido de *desejar*, *pretender* – volição), parece aceitar somente sujeito [+ experienciador]⁶⁵ e [+ animado] (experimentador para BORBA, 1991, p. 1084), mas essa restrição parece não se verificar quando o verbo é usado como auxiliar modal – quando *querer* apresenta complemento V2, pois, nesses casos, passa a aceitar também sujeito [- experienciador] e [- animado]. Assim, podemos encontrar usos que se aproximam em maior ou menor grau a suas características como verbo pleno (sentido de *desejar*, *pretender*, com sujeito experienciador): quanto mais próximos dessas características, menos gramaticalizados; quanto mais distantes, mais gramaticalizados.

Nos exemplos **34** e **35**, *querer* mantém relação com seus valores semânticos “fontes” de expressão de desejo, vontade, com sujeito [+ experienciador] e [+ animado], classificado por nós como *querer* 2. A construção encabeçada por esse verbo é, portanto, menos gramaticalizada.

(34, corpus sincrônico) Osias tem 300000 reais aplicados em Certificado de Depósito Bancário (CDB) e **quer** fazer uma poupança para financiar a construção da casa, pagar um intercâmbio para a filha de 11 anos daqui a cinco anos e se preparar para custear os estudos da outra filha, de 1 ano. **(35, texto 12, sec. XXI, Você SA)**

(35, corpus pancrônico) E que pediam por m(er)cee ao mujto Reuerendisimo S(e)n(h)or arcab(is)po (e) a seus ((L053)) vigairos que asy o **queiram** (con)firmar (e) autorjzar; **(181, texto 14, sec. XVI, CIPM)**

No exemplo **36**, *querer* ocorre com sujeito [- experienciador] e [- animado], mas ainda assim mantém relação com suas características como verbo pleno, porém não tão próximas quanto no exemplo anterior, pois mescla a expressão de desejo e vontade à polidez, por isso classificado por nós como *querer* 3.

(36, corpus pancrônico) que no~ SeJa das que o d(e)r(ei)to defende; mas SeJa tal que ((L046)) cunpra (e) goarde todas as ditas condiço~ees (e) lh(e) pague~ dello a quore~tena ((L047)) s(egundo) o d(e)r(ei)to **q(ue)r** **(161, texto 11, sec. XVI, CIPM)**

⁶⁵ Embora Borba (1991, p. 1084) aponte um uso possível com sujeito inativo, com sentido de ter necessidade de, exigir: **(n)** Lá está o pássaro mecânico querendo gente com vísceras vivas; **(o)** o assado de porco quer uma rodela de limão.

O sentido aqui parece configurar um eufemismo com a escolha lexical de *querer*, quando, na verdade, o direito manda, exige, regulamenta. Não podemos ignorar também o fato de esse sujeito explicitado consistir, na verdade, em uma metonímia (*direito* representa aqui as pessoas que trabalham no cumprimento da lei), o que também contribui para a manutenção da relação de proximidade das características de *querer* com seu uso como verbo pleno (portador de sujeito + animado), mas não tão próxima quanto se explicitasse o próprio sujeito + animado. Propomos, então, que casos como este estejam num estágio intermediário entre o sujeito + e o - animado.

Outra situação que deixaria o sujeito da oração numa situação intermediária entre + e - animado seria o fato de ser o que chamamos de sujeito semanticamente esvaziado, como defendemos que aconteça com o exemplo **37**:

(37, corpus pancrônico) Mari~as ((L008)) Et de post u(est)ra morte. (e) de u(est)ra. Mulier. (e) de u(est)ris fili'j's. Deue a ficar. ip(s)as Mari~as. q(ui)tes (e) liberis. ad ordine ((L009)) de Donas de achellas. (e) in pace. et isti (con)uene~te. deue a' a'ndar Antre. nos. (e) uos. A bona fe. lealme~te ((L010)) Et que~ **quer**. que este (con)uene~te. falecer Anter nos (e) uos. pecte ad alia p(ar)te. quinge~tos. solidos. **(16, texto 12, sec. XIII, CIPM)**

Em **37**, (que~) refere-se ao sujeito gramatical + animado, mas forma com o verbo *querer* um sentido único equivalente a “qualquer um que”. E essa mesma estrutura também aceita sujeito - animado, como em **38, 39 e 40**, conforme veremos em seguida:

Em casos como **37**, o verbo distancia-se mais de suas características como verbo pleno. Este tipo de ocorrência também só foi encontrado no *corpus* pancrônico.

Já em casos como **38**, o volitivo tem seu sujeito gramatical preenchido por expressões que formam, na verdade, estruturas locativas ou temporais, por isso o verbo distancia-se mais ainda de suas características como verbo pleno. Em casos como os exemplos **38, 39 e 40**, a classificação de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] para os sujeitos: *q(ue)*; *honde* e *q(ua)ndo*, respectivamente, não se aplica, pois não são verdadeiramente sujeitos, embora preencham sintaticamente a posição sintática de tal função.

(38, corpus pancrônico) E no~ lhy fazer o Moestei'ro pela carreira mai's dano do q(ue) lhy ante f[...] ((L009)) (e) cada hu~a das p(ar)tes au(er) o dito canbho (e) fazer e'e'1 q(ue) **quer** q(ue) lhy plaza p(er)a senp(ri). E se algu~a das ((L010)) p(ar)tes; (con)tra esto quis(er) ui'j'r pei'te a'a' outra p(ar)te #d s(oldo)s. da bo~a moeda. (e) este Strum(en)to star firme. **(46, sec. XIV, CIPM)**

(39, corpus pancrônico) E p(er) todos outros sse(us) direitos possam penhorar p(er) si (e) mandar penhorar p(er) se(us) home~es nos be~es dos sobredi(c)t(os)

enprazadores honde **quer** q(ue) achados forem hos quaaes ((L019)) se os penhorarem como di(c)to he nom possam tolher o penhor (e) fazendoo q(ue) p(er)cam seu prazo (145, sec. XVI, CIPM)

(40, *corpus* pancrônico) (e) os outros enp(ra)zantes (e) p(essoa) depos elles pagaro~ ((L035)) tod(os) de llujtosa ao sajme~to de cada hu~a p(essoa) de llujtosa out(ro) tanto como de Re~da ((L036)) (e) serom elles emp(ra)zantes obedie~tes com a di(c)ta Renda a ell p(ri)or (e) conue~to (e) s(er)ujrom ao ((L037)) di(c)to p(ri)or (e) conue~to q(ua)mdo **q(ue)r** q(ue) os mandare~ p(er)a s(er)ujcos do di(c)to mosteJro (163, sec. XVI, CIPM)

Observamos, portanto, que também essa característica do sujeito como [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] está ligada à semântica apresentada pelo verbo em cada construção, pois a oscilação entre [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] e os exemplos em que esse fator não se aplica só se apresenta diante de *querer* 8. Por isso, dividimos, a seguir, as frequências de ocorrências de acordo com as suas características de sujeito [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] subdivididas em grupos de acordo com o tipo de V2: infinitivo, finito e com falso encaixamento, como discutiremos a seguir.

- com V2 infinitivo:

V2 infinitivo	SÉCULO																		total	
	sujeito	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI		%
+ exper.		29	97	27	100	30	94	37	86	3	75	4	50	4	80	8	100	1	100	143
- exper.		1	3	0	0	0	0	0	0	1	25	4	50	1	20	0	0	0	0	7
+/- exper.		0	0	0	0	2	6	7	14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9
total		30	100	27	100	32	100	44	100	4	100	8	100	5	100	8	100	1	100	159

Tabela 25: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] diante de V2 infinitivo – *Corpus* pancrônico documental

V2 infinitivo	Você SA	
	total	%
+ exp.	135	89,4
- exp.	8	5,3
+/- exp.	8	5,3
total	151	100

Tabela 26: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] diante de V2 infinitivo – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Entre as construções com V2 infinitivo, a maioria das ocorrências é de sujeito + experienciador, que, no *corpus* pancrônico, varia entre 50 e 100% e no *corpus* sincrônico, fica com 89,4%. O sujeito classificado como - experienciador aparece como o segundo mais frequente em ambos os *corpora*: no pancrônico, entre 50 e 20%, e no sincrônico com 5,3%. O

sujeito +/- experienciador fica com o menor número de ocorrências, entre 14 e 6%, no *corpus* pancrônico, e 5,3% no *corpus* sincrônico. Podemos dizer, então, que a forma prototípica para construções com *querer* + V2 infinitivo seja com sujeito + experienciador, embora comprovemos que as formas mais distantes do verbo pleno e, conseqüentemente, mais gramaticalizadas também sejam de uso corrente (mesmo que menos frequente) na língua ao longo do tempo.

- Com encaixada finita:

Enc. finita	SÉCULO																		total		
	sujeito	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI		%	
+ exper.	1	100	1	100	3	60	2	43	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	0	9	
- exper.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
+/- exper.	0	0	0	0	2	40	3	57	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	
total	1	100	1	100	5	100	5	100	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	0	14	

Tabela 27: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] nas encaixadas finitas – *Corpus* pancrônico documental

Enc. finita	Você SA	
sujeito	total	%
+ exp.	9	90
- exp.	0	0
+/- exp.	1	10
total	10	100

Tabela 28: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] nas encaixadas finitas – *Corpus* Sincrônico da Revista Você SA

Entre as construções com encaixada finita, a maioria das ocorrências também é de sujeito + experienciador, que, no *corpus* pancrônico, varia entre 60 e 100%, com exceção do século XVI, quando fica com 43% contra 57% de sujeito +/- experienciador. No *corpus* sincrônico, o sujeito + experienciador fica com 90%. O sujeito classificado como - experienciador não aparece nos *corpora* estudados. O sujeito +/- experienciador aparece somente nos séculos XV e XVI. No primeiro com 40% e no segundo com 57% das ocorrências, o que defendemos que seja um viesamento provocado pelo baixo número de ocorrências. Já no *corpus* sincrônico, aparece em 1 ocorrência, que representa 9,1%. Podemos dizer, então, que a forma prototípica para construções com predicadora e encaixada finita também seja com sujeito + experienciador, embora, nestas construções, também sejam possíveis as construções com sujeito +/- experienciador, mais gramaticalizadas. Já a

construção com sujeito - experienciador não está em processo de gramaticalização diante de encaixadas finitas, pois ocorrências assim não foram encontradas.

• Construções com falso encaixamento:

Falso encaix.	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
+ exper.	1	14	1	32	4	50	6	75	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12
- exper.	0	0	3	68	4	50	2	25	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	10
não se aplica	6	86	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6
total	7	100	4	100	8	100	8	100	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	28

Tabela 29: Frequências de ocorrências com sujeito de acordo com as suas características de [+ ou - experienciador] e [+ ou - animado] nas orações com falso encaixamento – *Corpus* pancrônico documental

Entre as construções com falso encaixamento, os usos oscilam, de acordo com o século, entre + experienciador, - experienciador e usos em que esse parâmetro não se aplica. Não há, portanto, como chegar a uma conclusão segura com relação ao tipo de sujeito prototípico para essa construção, o que mais uma vez acreditamos que se deva ao baixo número de ocorrências desse tipo no *corpus*. Mesmo assim, atestou-se a ocorrência dessas construções, em estágio avançado de gramaticalização. Lembramos que essa construção foi encontrada somente no *corpus* pancrônico, por isso a ausência de comparativo com o *corpus* sincrônico.

Todas as ocorrências de falso encaixamento são com *querer* do tipo 8: sentido igual a qualquer coisa, lugar ou pessoa, o que também dispensa comparativo com outros tipos de *querer* dentro desta construção.

Em nossos dados – em ambos os *corpora*, o verbo *querer* aparece mais frequentemente perto de sua característica como verbo pleno, apresentando sujeito + experienciador e + animado, mas aparecem também usos mais distantes dessas características, demonstrando que algumas construções apresentam estágios mais avançados de gramaticalização em relação às outras.

Confirmamos, portanto, a partir da verificação da possibilidade das características arumentais do sujeito que, quanto mais distante de seu uso como verbo pleno (pela semântica apresentada pelo volitivo, impossibilidade de elipse de uma das partes e características do sujeito - experienciador), mais integrado sintaticamente está o verbo em relação a seu complemento. E, segundo Hopper e Traugott (1993), as sentenças mais integradas sintaticamente estão mais gramaticalizadas. Mas, entre as características

argumentais do sujeito, falta-nos ainda verificar a possibilidade de *querer* expressar controle ou manipulação.

4.3.2. Sujeito (controle / manipulação)

Retomando Neves (2006, p. 160), a modalidade deôntica é condicionada por traços lexicais específicos ligados ao sujeito (como [+controle]) e implica ainda que o seu interlocutor aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo. Neves (2006) refere-se a controle como controle sobre o outro, o que chamamos aqui de manipulação, conforme Cezário (2001). Deixaremos o termo controle para nos referirmos a controle sobre a realização da ação desejada. Feitas as ressalvas quanto à diferença de nomenclatura, a proposta de Neves (2006) vai ao encontro do que é descrito por Cezário (2001) para o volitivo *querer* – descrito como manipulativo (quando apresenta sujeitos diferentes para *querer* e V2).

Nos exemplos seguintes, o que temos é expressão da volição. Há a expressão de uma vontade do sujeito do verbo volitivo, que é experienciador dessa vontade, sem menção à manipulação sobre outra pessoa que realizaria a vontade expressa. Nesses casos, o sujeito, além de experienciar o desejo, tem [+ controle] sobre sua realização, uma vez que aquele que sente a vontade é o mesmo que se empenhará em realizá-la, o que propomos que aproxima esses usos da modalidade epistêmica (como abordaremos mais especificamente mais adiante), pois esse controle sobre a ação implica forte probabilidade de que essa ação aconteça e aproxima esses fatos do campo do *realis* (que também será trabalhado mais especificamente adiante).

(34, corpus sincrônico) Osias tem 300000 reais aplicados em Certificado de Depósito Bancário (CDB) e **quer** fazer uma poupança para financiar a construção da casa, pagar um intercâmbio para a filha de 11 anos daqui a cinco anos e se preparar para custear os estudos da outra filha, de 1 ano. **(35, texto 12, sec. XXI, Você SA)**

(41, corpus pancrônico) A quant(os) esta ca(r)ta demprazam(ento) em tres vidas virem faço saber q(ue) luis dallmeida p(ri)or do most(ei)r(o) de ((L003)) villarinho me~vyou dizer p(er) ssua emformaça~ q(ue) sentindo por seu proveito (e) do dito most(eiro) **querja** emprazar como de f(e)cto emprazou e~ trres vydas ((L004)) o casall do out(eiro) (e) o casall do amedo **(152, texto 8, sec. XVI)**

Já nos próximos exemplos, além da expressão da vontade do sujeito do volitivo (*os chefes que e aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento*, respectivamente), essa vontade incide sobre outro sujeito (de V2: *os seus subordinados e di(c)to foreiro (e) pessoas depos lle*, respectivamente), que efetivamente realizará a vontade expressa pelo sujeito de

querer. Por isso, temos com essa construção tanto a expressão de volição do sujeito do volitivo (sujeito experienciador) quanto a manipulação sobre o sujeito de V2 para que este realize essa vontade, o que propomos que aproxima esses usos da modalidade deôntica: o que se expressa por essas construções está fortemente ligado à intenção, conveniência para o sujeito de *querer* de que o sujeito de V2 realize determinada ação, como abordaremos mais especificamente mais adiante conforme Neves (2006, p. 160).

Entendemos que o traço de [+ controle] sobre a ação a ser executada não se mostra nos casos em que *querer* e V2 não têm o mesmo sujeito, pois o sujeito do volitivo não pode dar tantas garantias de que a ação de V2 se cumpra quanto pode dar quando ele mesmo é o sujeito das duas partes da construção.

(25, corpus sincrônico) "Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. **(3, texto 2, sec. XXI, Você SA)**

(42, corpus pancrônico) E apraz aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento do di(c)to moest(eiro) (e) asy ho mandam ((L036)) E **q(ue)rem** que o di(c)to foreiro (e) pessoas depos lle acuda~ senp(re) com o di(c)to foro aa ((L037)) di(c)ta dona m(aria) valent(e) **(158, texto 8, sec. XVI)**

Mas há ocorrências em que esses traços não puderam ser verificados: construções com falso encaixamento. Isso se explica pelo fato de, nessas construções, ocorrer o *querer* 8: sentido igual a qualquer coisa, lugar ou pessoa, que se afasta mais da semântica de volição e, conseqüentemente, das características ligadas à volição desse verbo, como temos demonstrado ao longo da discussão. Entre as características que esse tipo de *querer* deixa de apresentar está, portanto, a oposição entre sujeito com [+ controle] ou manipulação.

No exemplo **37**, mesmo classificado como +/- animado, não há como dizer que o sujeito (*que~*) seja experienciador de uma vontade ou desejo e muito menos afirmar que ele tenha controle sobre a realização de algo ou manipule um outro sujeito para realizar algo.

(37, corpus pancrônico) Mari~as ((L008)) Et de post u(est)ra morte. (e) de u(est)ra. Mulier. (e) de u(est)ris fili j's. Deue a ficar. ip(s)as Mari~as. q(ui)tes (e) liberis. ad ordine ((L009)) de Donas de achellas. (e) in pace. et isti (con)uene~te. deue a' a'ndar Antre. nos. (e) uos. A bona fe. lealme~te ((L010)) Et que~ **quer.** que este (con)uene~te. falecer Anter nos (e) uos. pecte ad alia p(ar)te. quinge~tos. solidos. **(16, texto 12, sec. XIII, CIPM)**

Há ainda os exemplos de *querer* 8 em que não há um sujeito, de fato, para *querer*, o que bloqueia a verificação das características de controle e manipulação, como ilustram os

exemplos retomados a seguir, em que o sujeito gramatical do volitivo foi preenchido por expressões que formam, na verdade, estruturas que expressam indeterminação de lugar ou de tempo.

(39, corpus pancrônico) E p(er) todos outros sse(us) direitos possam penhorar p(er) si (e) mandar penhorar p(er) se(us) home~es nos be~es dos sobredi(c)t(os) enprazadores honde **quer** q(ue) achados forem hos quaaes ((L019)) se os penhorarem como di(c)to he nom possam tolher o penhor (e) fazendoo q(ue) p(er)cam seu prazo **(145, sec. XVI, CIPM)**

(40, corpus pancrônico) (e) os outros enp(ra)zantes (e) p(essoa) depes elles pagaro~ ((L035)) tod(os) de llujtosa ao sajme~to de cada hu~a p(essoa) de llujtosa out(ro) tanto como de Re~da ((L036)) (e) serom elles emp(ra)zantes obedie~tes com a di(c)ta Renda a ell p(ri)or (e) conue~to (e) s(er)ujrom ao ((L037)) di(c)to p(ri)or (e) conue~to q(ua)mdo **q(ue)r** q(ue) os mandare~ p(er)a s(er)ujcos do di(c)to mosteJro **(163, sec. XVI, CIPM)**

Após essas análises, partimos para a verificação da frequência das ocorrências com características de controle (ligado a V2 infinitivo), manipulação (ligada à encaixada finita) e casos em que a verificação desse fator não se aplica (ligados às construções consideradas como falso encaixamento).

querer	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
controle	30	78	27	87	32	74	44	73	4	80	8	86	5	83	8	100	1	100	159
manipul.	1	2	1	3	5	13	5	13	0	0	1	14	1	17	0	0	0	0	14
imposs.	7	20	4	10	8	13	8	14	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	28
total	38	100	32	100	45	100	57	100	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 30: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica – *Corpus pancrônico documental*

querer	Você SA	
	total	%
controle	142	85
manipul.	10	8
imposs.	0	0
+/- controle	09	7
total	161	100

Tabela 31: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica – *Corpus sincrônico da Revista Você SA*

Chamamos especial atenção para os exemplos do século XX. Pelo parâmetro sintático, as ocorrências deste século são classificadas como [+ controle] e sem noção de manipulação

por termos o mesmo sujeito em *querer* e em V2, mas, ao observarmos a flexão modal-temporal (presente do subjuntivo) e valor semântico agregado à construção (*querer* 3), percebemos que o traço de controle fica prejudicado e que a manipulação aparece através de uma ordem “revestida” de polidez. O sujeito de *querer* não é o experienciador do desejo, mas somente aquele que irá realizar a ação, manipulado, portanto, pelo verdadeiro experienciador, que não se mostra sintaticamente e pode ser captado somente pelo contexto.

(43, corpus pancrônico) Os Srs. Peritos **queiram** extrair o auto de pagamento feito aos Herdeiros[?] Reverend s[?] Padres[?] do Carmo e, tambem[?], a sentença que/ julgou a partilha em 5-11-1616. **(266, texto 1, sec. XX)**

Mas isso só acontece quando há uma relação hierárquica superior daquele que “pede” em relação à pessoa a quem “pede”, como no exemplo citado⁶⁶, em que o juiz escreve ao perito.

Nos casos em que há uma relação hierárquica inferior daquele que pede em relação à pessoa a quem pede, isso não ocorre e o que prevalece continua sendo a vontade [+controle] do sujeito sobre a concretização ou não do que se pede. Exemplos como o que se segue só foram encontrados no *corpus* pancrônico:

(44, corpus pancrônico) E pedem as ditas donas por merçe ao R(everendissimo) s(e)n(h)or ((L055)) arçeb(is)po (e) a seus vigairos que asy ho **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade asy ho outorgarom **(187, texto 13, sec. XVI, CIPM)**

Chamamos atenção também para a tabela de frequências do *corpus* sincrônico, em que tivemos que acrescentar um quarto parâmetro, a que chamamos de +/- controle, para classificar as construções do tipo: *quer dizer*, que consideramos em um estágio intermediário de controle, pois apresentam mesmo sujeito para *querer* e V2 infinitivo, mas apresentam sujeito - animado, que enfraquece essa capacidade de controle, além de esta construção constituir uma só unidade (equivalente a *significar*).

(45, corpus sincrônico) Como conhece a estrutura de custo, ele entra em negociações de compra com segurança e com metas claras. Apostar em pontos fortes, porém, não **quer** dizer ignorar os fracos". Um executivo precisa reconhecer seus próprios limites", diz o consultor Marcelo de Lucca, da Michael Page, empresa de seleção de executivos, de São Paulo. **(33, texto 12, Você SA)**

⁶⁶ Exemplos como este só foram encontrados no século XX.

Mais uma vez, essa característica do sujeito está ligada à semântica apresentada pelo verbo em cada construção (*querer* 4). Por isso, dividimos, a seguir, as ocorrências de sujeito + ou - controle de acordo com os diferentes tipos de *querer* encontrados.

sujeito	SÉCULO																			total
	querer	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
+ controle	2	30	78	27	87	32	74	41	70	4	80	8	86	5	83	0	0	1	100	148
+/- controle	3	0	0	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	8	100	0	0	11
manipul.	2	1	2	1	3	5	13	5	13	0	0	1	14	1	17	0	0	0	0	14
imposs.	8	7	20	4	10	8	13	8	14	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	28
total		38	100	32	100	45	100	57	100	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 32: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

sujeito	Você S A		
	querer	total	%
controle	2	142	87,6
+/- controle	4	9	6,13
manipul.	2	10	6,8
	total	161	100

Tabela 33: Frequência dos traços de controle, manipulação e casos em que a aplicação desses traços não se aplica de acordo com os tipos de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Querer com sujeito + controle mostrou-se a forma prototípica em ambos os *corpora*, variando entre 70% e 100% no *corpus* pancrônico e com 87,6% do *corpus* sincrônico. Mas as demais classificações de ocorrências também ocorrem na língua ao longo do tempo, embora com frequência bem menor: com +/- controle – variando entre 3% e 100% no *corpus* pancrônico⁶⁷ e com 6,13% no *corpus* sincrônico; com manipulação varia entre 2% e 17% no *corpus* pancrônico e com 6,8% no *corpus* sincrônico; as formas em que não se pôde aplicar esse parâmetro variam entre 10% e 20% no *corpus* pancrônico.

⁶⁷ O século XX apresenta 100% de ocorrências com +/- controle, mas atribuímos essa discrepância ao baixo número de ocorrências encontradas e às especificidades dos textos desse século: em sua maioria formados por despachos de juízes ordenando medidas a serem tomadas para o andamento dos processos.

4.4. Entrelaçamento de orações: correlação modo-temporal

4.4.1. Expressão de futuridade e *irrealis* através das construções com *querer*

As noções de volição e futuridade estão presentes desde a formação das expressões de futuro nas línguas: as nuances modais, como a intenção, o desejo ou a obrigação, que são algumas vezes associadas aos tempos futuros, são resíduos do significado originalmente expresso pela construção a partir da qual o futuro evoluiu, pois os futuros comumente evoluem de construções que expressem obrigação, necessidade, desejo e movimento ou intenção (ULTAN, 1978; FLEISCHMAN, 1982; BYBEE & PAGLIUCA, 1994). Mesmo como verbo modal, mais gramaticalizado que o uso como verbo pleno, entendemos que *querer* mantém sempre o vínculo com essas noções de futuridade e volição, embora de maneiras diferentes de acordo com o valor semântico e a configuração morfossintática que apresente em cada construção, pois, como afirma Travaglia (2007, p. 18), há uma ligação entre valores lexicais e gramaticais dentro de cada verbo, conforme temos trabalhado ao relacionar essas características semânticas e morfossintáticas de cada tipo de *querer*.

Entre os verbos de modalidade, a proporção daqueles inerentemente *irrealis* é bem alta, pois esse grupo constitui a reserva a partir da qual operadores modais, de tempo e aspecto são gramaticalizados. Isso confirma nossa hipótese de expressão do *irrealis* através do volitivo *querer*, agrupado aqui entre os auxiliares modais (CUNHA & SOUZA, 2007).

Givón (2001, p. 367) afirma que, semanticamente, um pequeno grupo de verbos “fonte” se gramaticalizam primeiro como marcadores de qualquer aspecto ou modalidade, uma fase que pode ser considerada sua gramaticalização primária. Só mais tarde, se for o caso, eles sofrem uma gramaticalização secundária como marcadores de tempo, como entendemos que aconteça para *querer*. A partir disso⁶⁸, propomos que o percurso mais comum de gramaticalização *translinguística* para esse verbo seria:

origem lexical	implicação semântica	objetivo primário	objetivo secundário
<i>querer</i>	volição	<i>irrealis</i>	futuro

Quadro 16: Proposta de percurso de gramaticalização do verbo *querer* para expressão de futuridade

Pontes (1973) afirma que verbos como *querer* têm a capacidade de “jogar para frente” a ação expressa no verbo no infinitivo que os acompanha, o que entendemos que aconteça a

⁶⁸ Além de leituras de: GIVÓN, 1971a; 1973a; 1975a; 1979a; HEINE, 1993; BYBEE et alii, 1994.

partir da expressão da volição, levando essa ação para o campo do *irrealis*, futura em relação ao momento da enunciação.

Em **46**, alguém que deseja obter algo, portanto, não o tem ainda, precisa tomar algumas providências para chegar a seu objetivo. Esse objetivo está no campo do *irrealis*, à frente, no tempo, da expressão dessa vontade.

(46, corpus sincrônico) Diante de um problema como esse, o americano demite pessoas e reorganiza os planos sem pestanejar. Trata-se de um profissional totalmente focado em resultados. Nessa cultura, quem **quer** obter sucesso precisa ter pulso. **(12, texto 5, sec. XXI, Você SA)**

Em **47**, mesmo com o volitivo no passado, a ação expressa no infinitivo deve se realizar em um momento posterior à expressão da vontade. Portanto, embora esse desejo seja passado no momento da escrita do documento do qual faz parte, a realização (ou não) do desejo se deu depois da expressão deste.

(47, corpus pancrônico) A quant(os) esta ca(r)ta demprazam(ento) em tres vidas virem faço saber q(ue) luis dallmeida p(ri)or do most(ei)r(o) de ((L003)) villarinho me~vyou dizer p(er) ssua emformaça~ q(ue) sentindo por seu proveito (e) do dito most(eiro) **querja** emprazar como de f(e)cto emprazou e~ tres vydas ((L004)) o casall do out(eiro) (e) o casall do amedo **(165, texto 8, sec. XVI, CIPM)**

Esses exemplos demonstram que o volitivo *querer* projeta as ações sob seu escopo para o campo do *irrealis* mas, a partir dos exemplos **46** e **47**, observamos que, mesmo no *irrealis*, nem todos os exemplos podem ser interpretados da mesma maneira com relação à expressão dessa noção. Por isso, proporemos, na seção seguinte, uma escala modal de *irrealis*, que será relacionada a diferentes configurações morfossintáticas do volitivo e de seu V2.

4.4.2. Relação entre escala modal de *irrealis* e a configuração morfossintática de *querer* e de V2

Nesta seção, demonstraremos como as modalidades que expressam noções de futuridade predicam condições ao sujeito da cláusula e à configuração morfossintática do volitivo e de V2. Essas modalidades se desenvolvem a partir dos marcadores de futuro, que mudam para se aplicar menos especificamente ao sujeito da cláusula e começam a englobar toda a cláusula em seu escopo, como entendemos que aconteça nas construções trabalhadas. Por isso, trabalharemos com a proposta de que o verbo em estudo envolve noção de futuridade e *irrealis* em diferentes graus dentro de uma escala ligada ao nível de certeza do usuário da língua sobre a realização da ação, o que gera diferentes restrições à configuração morfossintática de V2.

Givón (2001, p. 324) propõe uma escala modal das cláusulas adverbiais de *irrealis*, que adaptamos aqui a fim de relacionar essa escala do nível de certeza do usuário da língua às configurações sintáticas encontradas para as orações em estudo e dar continuidade a nossa proposta de demonstrar diferentes níveis de aproximação do campo do *realis* de acordo com a configuração morfossintática da construção, como ilustra o quadro elaborado por nós. Este quadro inclui as construções com V2 finito, pois defendemos que a proposta de Pontes (1973) – de que *querer* tem a capacidade de “jogar para frente” a ação expressa no verbo no infinitivo que o acompanha – também pode ser aplicada a V2 finito:

nível de certeza	forma gramatical do volitivo	forma de V2
maior certeza	presente, perfeito ou imperfeito do indicativo	infinitivo
menor certeza	presente	presente do subjuntivo
certeza mais baixa	imperfeito do subjuntivo	infinitivo
não se aplica	tempos do subjuntivo	infinitivo

Quadro 17: Proposta de escala modal de *irrealis* de acordo com a aproximação do *realis* para construções com volitivo elaborada a partir de Givón (2001)

Discutiremos, a seguir, cada nível proposto seguido, sempre que possível, de um exemplo de cada um dos *corpora*.

- *Querer* no presente + V2 infinitivo (que formam uma perífrase indicativa de futuridade) marcam maior certeza do usuário da língua sobre o que é dito, ou seja, dentro da noção de *irrealis*, esse tipo de construção seria o que estaria mais próximo do *realis*, marcando maior certeza sobre a realização do desejo.

(46, corpus sincrônico) Diante de um problema como esse, o americano demite pessoas e reorganiza os planos sem pestanejar. Trata-se de um profissional totalmente focado em resultados. Nessa cultura, quem **quer** obter sucesso precisa ter pulso. (12, texto 5, sec. XXI, Você SA).

(48, corpus pancrônico) As di(c)tas erdades q(ue) Asy ho di(c)to Joha~ de basto **quer** dar e~ esca~bo Ao di(c)to mostei´ro Eso medes As q(ue) Asy ho ((L008)) di(c)to mostei´ro de A ese Joham de basto (92, texto 6, sec. XV, CIPM)

Embora tenhamos usado o tempo verbal do presente para a elaboração do quadro, acreditamos que também se enquadre aqui *querer* no gerúndio (encontrado somente no *corpus pancrônico*), perfeito ou imperfeito do indicativo, desde que não indiquem hipótese.

Em 49, temos uma construção maior formada por *estou + querendo + conhecer*, que equivale aproximadamente a uma construção de presente + infinitivo, também próximo do *realis*.

(49, corpus pancrônico) E boas obras q(ue) senp(r)e Reçebj E entendo Reçeb(e)r ao adeant(e) ((L005)) de liono(r) gomez morador na d(i)cta Cidade (e) **q(ue)rendo** lhe esto conhoçer ((L006)) de mjnha pura liu(r)e voo~tade sem out(ra) p(rei)ma ne~coctre~gime~to ne~ ((L007)) e~gano ne~hu~u faço pura (e) liu(re) doaçõ~ p(er)a todo senp(r)e ant(re) os viuos ((L008)) (90, texto 3, sec. XV, CIPM)

Em 50, Rogério quis conhecer o projeto da e empresa e, quando os fatos são contados na revista, ele já tomou as providências necessárias para que seu desejo se tornasse realidade. O volitivo no passado aproximou as ações do *realis* a ponto de, mais adiante, o sujeito já ter mesmo feito as ações necessárias e tirado essas ações do campo do *irrealis* para o *realis*.

(50, corpus sincrônico) Rogério tinha planos de voltar um dia para Recife, mas não imaginava quando nem como. No fim do ano passado, como gerente de *trade marketing* da Danone, recebeu o convite para ser gerente regional da Construtora BS no Nordeste, que estava montando uma base na capital pernambucana. Propenso a aceitar, ele **quis** conhecer melhor o projeto da empresa e buscou muita informação sobre o setor com seus contatos em São Paulo e no Nordeste (65, texto 18, sec. XXI, Você SA)

Em 51, a pessoa citada não quis dar a parte devida ao mosteiro e, quando os fatos são contados no documento, já tomou as providências necessárias para que seu desejo se tornasse realidade: não dar a parte do mosteiro. O volitivo no passado aproximou as ações do *realis* a ponto de, mais adiante, o sujeito já ter mesmo feito as ações necessárias e tirado essas ações do campo do *irrealis* para o *realis*.

(51, corpus pancrônico) E como Eu d(i)to p(ri)ol lhe pedise (e) Ma~dase pedir A d(i)ta ((L012)) palha (e) hu~ fejxe Asj como´ A senp(re) dero~ os q(ue) Moraro~

nas d(i)tas hrdades/sic/ (e) no~ mha **q[(u)is]/?/** ((L013)) dar A q(u)al pitiçon o d(i)to fra(ncisco) m(art)j(n)z co~testou dela p(er) Negaço~ (e) dela p(er) [...] no~ sabia ne~ ((L014)) Cria E sobello Negado foj filhada enq(ue)riço~ (e) dada hu~a se(n)t(en)ça q(ue) se Ade(a)nt(e) ((L015)) sege **(82, texto 14, sec. XIV, CIPM)**

O mesmo ocorre em **52** e **53**, quando os fatos são contados, os sujeitos das ações já tomaram as atitudes necessárias para transformar seus desejos em realidades. Os volitivos no passado aproximaram as ações do *realis* a ponto de, mais adiante, os sujeitos já terem tirado essas ações do campo do *irrealis* para o *realis*.

(52, corpus sincrônico) Luís Guilherme abandonou a carreira de atleta no auge, em 1991, quando tinha 23 anos. Tinha a opção de ir jogar na Europa, mas preferiu ser trainee na Brahma. Eu **queria** ser um profissional de marketing e vendas, diz. **(125, texto 46, Você SA)**

(53, corpus pancrônico) sseg(undo) as elle senpre trouxera porqua~to as o d(i)cto abade **queri'a** enprazar a outra p(er)ssoa E q(ue) ora elle era (con)certado (com) o d(i)cto abade p(er) a lhas auer de e~prazar por p(re)ço de viijo alq(ueire)s de t(ri)goo **(100, texto 10, sec. XV, CIPM)**

- *Querer* no presente + V2 no presente do subjuntivo (o que ocorre quando volitivo e V2 têm sujeitos diferentes) marcam menor certeza por parte do usuário da língua, já que o sujeito da ação expressa por V2 é outro, por isso, esse tipo de construção não estaria tão próximo do *realis*, pois o sujeito de *querer* não pode dar tantas garantias da realização da ação como poderia se ele mesmo fosse o sujeito também de V2;

(25, corpus sincrônico) Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. **(3, texto 2, Você SA)**

(54, corpus pancrônico) E apraz aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento do di(c)to moest(eiro) (e) asy ho mandam ((L036)) E **q(ue)rem** que o di(c)to foreiro (e) pesoas depos lle acuda~ senp(re) com o di(c)to foro aa ((L037)) di(c)ta dona m(aria) valent(e) **(158, texto 8, sec. XVI, CIPM)**

- *Querer* no imperfeito do subjuntivo + V2 infinitivo. Nessas construções, mesmo com V2 infinitivo, a ação descrita em V2 é tida como de certeza mais baixa, pois indica hipótese não mais concretizável: contra-factual, pois os fatos não ocorreram nem podem mais ocorrer. Esse tipo de construção estaria mais distante do *realis*;

(55, corpus sincrônico) Ele desenvolveu desde cedo a disciplina e a constância para poupar e isso o ajuda a planejar sua independência financeira. "Como morava no

interior com meus pais, não tinha como gastar muito dinheiro quando era jovem, nem que **quisesse**⁶⁹, então me acostumei a poupar", diz ele. (28, texto 11, Você SA)

(56, *corpus pancrônico*) os di(c)t(os) veedores disserom ((L026)) q(ue) se o di(c)to Joha~ de basto **q(ui)sese** leuar (e) Au(er) As di(c)tas erdades q(ue) ele dese e~ esca~bo p(er)a senp(re) todos os di(c)t(os) d(inhei)ros q(ue) ele Asy Auja (96, texto 6, sec. XV, CIPM)

- *Querer* no presente ou futuro do subjuntivo + V2 infinitivo. Nesses casos, a escala modal de aproximação da ação de V2 não se aplica, pois nem o desejo de que a ação expressa se realize ou não pode ser verificado no momento da expressão; o próprio desejo ainda está no campo do *irrealis*.

(07, *corpus sincrônico*) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (veja entrevista nesta reportagem), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. (7, texto 4, Você SA)

(57, *corpus pancrônico*) as pesoas q(ue) ao dyamte vyerem nom podera~o dar nem doar trocar nem ((L031)) esca~ybar nem obryguar nem ffazer nhu~u partydo das ditas casas salvo ((L032)) q(ue) se as vemder **quyserem** q(ue) sera~o obryguadas de ho fazer sab(e)r ao ((L033)) dyto most(eiro) (182, texto 15, sec. XVI, CIPM)

A escala modal também não se aplica às construções com falso encaixamento, pois se afastam da semântica de volição e, conseqüentemente, da junção desta ao nível de certeza do usuário da língua sobre a possível realização deste desejo, conforme ilustra o exemplo retomado a seguir.

(14, *corpus pancrônico*) E prometem(os) nos e obligam(os) nos e u ((L032)) Moesteiru de Pedroso aue´r firme e´ estauil q(ue) **quer** ((L033)) que feito fur nas cousas de susu nomeadas per esse ((L034)) nossu p(ro)c(ur)adu´r ou per aq(ue)le ou aq(ue)les a qual ous quaes ((L035)) p(ro)c(ur)adu´r ou p(ro)c(ur)adures fezer en seu loga´r. (4, texto 2, sec. XIII)

As ocorrências de cada um dos níveis de certeza distribuíram-se em nossos dados como demonstram as tabelas seguintes:

⁶⁹ Encaixada não explícita: gastar.

escala de certeza	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
maior	2	6	17	53	19	42	11	19	2	40	2	22	2	33	0	0	1	100	56
menor	1	3	1	3	5	11	5	9	0	0	1	11	1	17	0	0	0	0	14
mais baixa	0	0	1	3	4	9	1	2	0	0	1	11	3	50	0	0	0	0	10
não se aplica	35	91	13	41	17	38	40	70	3	60	5	56	0	0	8	100	0	0	121
total	38	100	32	100	45	100	57	100	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 34: Distribuição dos níveis de certeza propostos – *Corpus* pancrônico documental

escala de certeza	Você SA	
	total	%
maior	133	82,6
menor	10	
mais baixa	2	1,2
não se aplica	17	10,6

Tabela 35: Distribuição dos níveis de certeza propostos – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Esperávamos encontrar a maioria das ocorrências classificadas como expressando maior certeza do usuário da língua⁷⁰, como ocorre no *corpus* pancrônico nos séculos XIV, XV, XXI e no *corpus* sincrônico. Mas surpreendeu-nos encontrar ns séculos XIII, XVI, XVII, XVIII e XX a maioria das ocorrências classificadas como “não se aplica”⁷¹ e, no século XIX, a maioria das ocorrências classificadas como “mais baixa”⁷². Atribuímos esse resultado de maior ocorrência de V2 infinitivo classificado como “não se aplica” ou como escala de certeza mais baixa ao fato de o *corpus* destes séculos ser formado de textos que tentam “prever” o que pode acontecer futuramente e já deixar registrado em contrato o que deverá ser feito nestes casos. Como a projeção, nesses casos, aponta para um futuro que pode ser muito distante, a escala de certeza não pode ser aplicada ou fica o mais baixo possível.

Após essa justificativa, pautada em especificidades dos textos encontrados, para os resultados que diferem do que esperávamos, defendemos que a forma prototípica para as construções em estudo seja com volitivo no presente do indicativo e V2 no infinitivo, agregando ao enunciado maior certeza por parte do usuário da língua sobre aquilo que ali se expressa. Essa forma prototípica só não terá sua possibilidade de ocorrência privilegiada em casos específicos em que outras características textuais peçam conjugações morfossintáticas

⁷⁰ Ligada a volitivo no presente, perfeito ou imperfeito do indicativo e V2 no infinitivo.

⁷¹ Ligada a volitivo em algum dos tempos do subjuntivo + V2 infinitivo e aos casos com falso encaixamento.

⁷² Ligada a volitivo no imperfeito do subjuntivo + V2 infinitivo.

diversas desta, o que demonstra que as demais construções e sentidos também são produtivas na língua, embora com menor frequência.

4.4.3. Volição e a capacidade de aproximação do campo do *realis* nas diferentes configurações morfossintáticas com *querer*

Apesar de *querer* projetar as ações sob seu escopo para o campo do *irrealis*, essa projeção não ocorre da mesma maneira para todos os usos de *querer*, como trabalhado ao classificarmos os exemplos de acordo com a escala modal de certeza do usuário da língua sobre aquilo que se expressa através do volitivo. Essa diferenciação aproxima algumas construções do campo do *realis*, como trabalharemos nesta seção a partir da seguinte divisão entre *realis* e *irrealis* proposta por Givón (2001, p. 301-302):

- Asserção de *realis*: a proposição é fortemente reconhecida como verdade, o usuário da língua tem provas ou outros motivos fortes para defender suas fortes convicções;
- Asserção de *irrealis*: a proposição é fracamente reconhecida como possível provável ou incerta (*sub-modes* epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (avaliativos deônticos *sub-modes*).

A partir dessa proposta e do que foi discutido na seção anterior sobre maior certeza por parte do usuário da língua, afirmamos que construções com *querer* 2 + V2 infinitivo tratam de fatos pertencentes ao campo do *irrealis* (por serem ações/estados ainda não realizados), mas perspectivizados próximos do *realis* por serem tratados como fortemente possíveis e desejados.

Outro fator que converge para essa análise é o fato de o infinitivo ser um tempo gramatical aspectualmente neutro, pois apresenta a situação em potência, não atualiza por si só qualquer noção aspectual (TRAVAGLIA, 1985, p. 193).

De acordo com Bybee e Pagliuca (1994), o senso de obrigação de *have to*, *be to* e *have got to* (ter que) deriva, em parte, do senso resultante das formas verbais infinitivas.

Em termos temporais, há três maneiras pelas quais se pode tomar uma atividade: como completada, com engajamento na atividade ou com projeção para se engajar na atividade. Em algumas línguas, como o português, essa dimensão temporal é expressa pela forma verbal principal: o particípio passado transmite o sentido de completude; o gerúndio ou o particípio presente o senso progressividade; e o infinitivo, o senso projeção.

Diante desse tipo de projeção gerada pelo infinitivo, é preciso considerar por que o senso resultante é uma obrigação antes de algum tempo futuro. Alguma parte da construção

que sinaliza, portanto, obrigação tem o senso de não-passado e de não-presente, o senso de uma atividade começando a ser projetada (BYBEE, 1994).

Defendemos que o que a autora afirma acerca de um senso de obrigação pode ser aplicado neste trabalho como um senso de comprometimento pela vontade, desejo assumido de realizar algo em decorrência da “soma” com os valores semânticos do volitivo envolvido nas construções com V2 infinitivo. Nos períodos estudados, como comprovam os exemplos a seguir, o infinitivo se torna, portanto, um fator a mais na construção de projeção gerada pela construção com *querer* em virtude da correlação verbal⁷³ que se estabelece entre este e o verbo flexionado.

(58, *corpus sincrônico*) **Quer** seguir carreira no exterior? Então saiba que seu principal desafio será de adaptar a uma nova cultura. (10, texto 5, sec. XXI, Você SA)

(59, 60, *corpus pancrônico*) ((L020)) sobre (e) p(er) Razom dhu~u ff(e)cto (e) demanda q(ue) me vaasco affom(so) p(ri)oll do Moesteiro de villari'ngo (e) co~uento do d(i)cto Moesteiro **querem** fazer (e) demandar nouame~te p(er) Razom de fforos (e) Rendas (e) Sanhoaneiras (e) tomadas q(ue) os d(i)ctos affom(so) Ro(drigu)jz (e) sua ((L021)) Molher leuam (e) dizem q(ue) ham de leuar dos casaes daldea de lagoas q(ue) iazem (e) som nas f(re)iguesias de s(an)cto adra~a~o (e) de sam Mig(ue)ll das caldas q(ue) som do d(i)cto Moesteiro, os quaaes casaes som estes co~uem a saber o casal q(ue) chama~ de ci'ma de vlla/sic/ (e) tres casaes ((L022)) q(ue) chamam das q(ui)nta~as q(ue) he todo em as d(i)ctas f(re)iguesias a qual dema~da me faze~ (e) **querem** fazer p(er)ante o Arçeb(is)po de bragaa (e) seus vigairos (e) p(er)a sobre todo por mj~ (e) em meu nome pareçerem p(er)ante o d(i)cto Arçeb(is)po ou vigai'ros (89, 90, texto 5, sec. XV, CIPM)

A vontade/intenção explicitada através do volitivo implicaria, portanto, comprometimento por parte do usuário da língua em “tirar” essa ação/estado do campo do *irrealis* e aproximá-la o máximo possível do campo do *realis*, considerando que se trata de uma ação ainda por vir. Como percebemos pelos exemplos, as pessoas se comprometem a realizar várias ações para garantir o cumprimento daquilo que é desejado. Há, portanto, manifestação de empenho do usuário da língua em algum momento para que isso aconteça. Já as construções com encaixada finita não têm essa capacidade de aproximação do *realis*, por não compartilharem o mesmo sujeito do volitivo.

⁷³ Entendemos correlação verbal aqui em um sentido amplo, ou seja, refletindo um processo sintático e explanatório das relações entre os verbos das orações combinadas no período. Nesse âmbito, a correlação compreende uma *ligadura* entre duas orações ou, ainda, entre uma oração e uma porção maior de informação, constituída por várias orações. (DIAS & LIMA-HERNANDES, inédito)

- aproximação do *realis* através do comprometimento do usuário da língua:

(34, *corpus sincrônico*) Osias tem 300000 reais aplicados em Certificado de Depósito Bancário (CDB) e **quer** fazer uma poupança para financiar a construção da casa, pagar um intercâmbio para a filha de 11 anos daqui a cinco anos e se preparar para custear os estudos da outra filha, de 1 ano. (35, texto 12, sec. XXI, Você SA)

(61, *corpus pancrônico*) os d(i)ctos affom(so) Ro(drigu)jz (e) sua ((L021)) Molher leuam (e) dizem q(ue) ham de leuar dos casaes daldea de lagoas q(ue) iazem (e) som nas f(re)iguesias de s(an)cto adra~a~o (e) de sam Mig(ue)ll das caldas q(ue) som do d(i)cto Moesteiro, os quaaes casaes som estes co~uem a saber o casal q(ue) chama~de ci~ma de vlla/sic/ (e) tres casaes ((L022)) q(ue) chamam das q(ui)nta~as q(ue) he todo em as d(i)ctas f(re)iguesias a qual dema~da me faze~ (e) **querem** fazer p(er)ante o Arçeb(is)po de bragaa (e) seus vigairos (e) p(er)a sobre todo por mj~ (e) em meu nome parecerem p(er)ante o d(i)cto Arçeb(is)po ou vigai~ros (99, texto 5, sec. XV, CIPM)

- não aproximação do *realis*:

(25, *corpus sincrônico*) Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. (3, texto 2, Você SA)

(62, *corpus pancrônico*) E apraz aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento do di(c)to moest(eiro) (e) asy ho mandam ((L036)) E **q(ue)rem** que o di(c)to foreiro (e) pessoas depos lle acuda~ senp(re) com o di(c)to foro aa ((L037)) di(c)ta dona m(aria) valent(e) (171, texto 8, sec. XVI, CIPM)

Não foi possível de verificar o fator em três construções idênticas do século XIX, devido à contrafactualidade existente nessas construções, como ilustra o exemplo:

(63, *corpus pancrônico*) nos recordamos da exclamação de S. Leão Magno_ Que cousa mais insólita,e, ao mesmo tempo,/ mais assustadôra do que confiar-se o trabalho ao fraco, a sublimidade ao humilde, e a dignidade/ a quem não merece?/ **Quiseramos** ter recusado[?] a subida honra, com que se nos distinguia; mas o voto de obediência, que solenemente prestamos ao transpôr as portas da vida claustral, exigia de nós o sacrifício. (261, texto 6, sec. XIX, AN)

A verificação desse fator também não se aplicou às construções com falso encaixamento, pelo distanciamento da semântica de volição:

(64, *corpus pancrônico*) E no~ lhy fazer o Moestei~ro pela carreira mai~s dano do q(ue) lhy ante f[...] ((L009)) (e) cada hu~a das p(ar)tes au(er) o dito canbho (e) fazer e~e~l q(ue) **quer** q(ue) lhy plaza p(er)a senp(ri). (46, texto 3, sec. XIV, CIPM)

As tabelas seguintes mostram a quantidade de ocorrências de *querer* com capacidade de aproximação ou não da ação do campo do *realis*, além de ocorrências em que não foi possível fazer essa verificação.

	SÉCULO																		
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
aprox.	30	78	27	87	32	74	44	73	4	80	8	86	5	83	8	100	1	100	159
não aprox.	1	2	1	3	5	13	5	13	0	0	1	14	1	17	0	0	0	0	14
Não se aplica	7	20	4	10	8	13	8	14	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	28
total	38	100	32	100	45	100	57	100	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 36: Frequência de ocorrências com aproximação ou não do campo do *realis* – *Corpus* pancrônico documental

	Você S A	
	total	%
aproxim.	151	94
Não aprox.	10	6
Não se aplica	0	0
total	161	100

Tabela 37: Frequência de ocorrências com aproximação ou não do campo do *realis* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Como a grande maioria das ocorrências com *querer* 2 apresenta V2 infinitivo, a maior parte do *corpus* pancrônico e do sincrônico apresenta capacidade de aproximação da ação do campo do *realis*, com variação entre 73% e 100% no *corpus* pancrônico e com 94% do *corpus* sincrônico.

Embora tenhamos observado que essa aproximação do campo do *realis* esteja vinculada a V2 no infinitivo, entendemos que, mesmo dentro do grupo de V2 infinitivo, as diferentes conjugações modo-temporais do volitivo impõem gradações a essa aproximação, por isso propomos a seguinte classificação: construções com *querer* no presente do indicativo, como os exemplos **34** e **61** destacados anteriormente, aproximariam mais a ação do campo do *realis*, por isso serão classificadas como: maior aproximação do campo do *realis*. O volitivo conjugado em outros tempos verbais não teria o mesmo efeito.

Essa relação entre configuração sintática, características semânticas e expressão do valor de verdade da construção através da aproximação do *realis* vai ao encontro da proposta de Kiparsky & Kiparsky (1970) de que é a pressuposição que o usuário da língua tem da verdade sobre o complemento que determina a forma sintática desse complemento (NEVES,

2002, p. 153), o que aproxima forma e função das construções, como entendemos que ocorra nos dados analisados.

A partir dessas observações, elaboramos um quadro gradativo para essa capacidade de trazer o que se expressa através dessas construções do campo do *realis* a partir da desinência modo-temporal do volitivo.

aproximação do <i>realis</i>	forma gramatical do volitivo
maior aproximação	presente, perfeito ou imp. do indicativo
menor aproximação	futuro do ind. ⁷⁴ , presente ou futuro do subj.
aprox. mais baixa	imperfeito do subjuntivo

Quadro 18: Proposta da divisão dos níveis de aproximação do campo do *realis* elaborada a partir de Kiparsky & Kiparsky (1970) e Neves (2002)

- Maior aproximação do *realis*, pois a vontade se expressa no tempo presente, o que nos leva a entender que as medidas necessárias para que ela se cumpra serão tomadas em um futuro próximo:

(34, *corpus sincrônico*) Osias tem 300000 reais aplicados em Certificado de Depósito Bancário (CDB) e **quer** fazer uma poupança para financiar a construção da casa, pagar um intercâmbio para a filha de 11 anos daqui a cinco anos e se preparar para custear os estudos da outra filha, de 1 ano. (35, texto 12, sec. XXI, Você SA)

(61, *corpus pancrônico*) os d(i)ctos affom(so) Ro(drigu)jz (e) sua ((L021)) Mulher leuam (e) dizem q(ue) ham de leuar dos casaes daldea de lagoas q(ue) iazem (e) som nas f(re)iguesias de s(an)cto adra~a~o (e) de sam Mig(ue)ll das caldas q(ue) som do d(i)cto Moesteiro, os quaaes casaes som estes co~uem a saber o casal q(ue) chama~ de cí~ma de vllla/sic/ (e) tres casaes ((L022)) q(ue) chamam das q(ui)nta~as q(ue) he todo em as d(i)ctas f(re)iguesias a qual dema~da me faze~ (e) **querem** fazer p(er)ante o Arçeb(is)po de bragaa (e) seus vigairos (e) p(er)a sobre todo por mj~ (e) em meu nome parecerem p(er)ante o d(i)cto Arçeb(is)po ou vigairos (99, texto 5, sec. XV, CIPM)

- Menor aproximação do *realis*, pois a vontade se expressa em um tempo futuro, o que não nos dá garantia da certeza do desejo e impede o entendimento de que as medidas necessárias para que ela se cumpra sejam tomadas em um futuro próximo:

(65, *corpus pancrônico*) se então, que vivião sugeitos ao governo Monarquico nadavão nestes/ dezejos e talves onão purião em execução em respeito/ ao seu Monarca o **quererão** / agora pôr, pois não tem/ Lei nem Rei como hé Constante eSendo aSsim opo~/dem fazer tanto pela Ilha dos flexas como Saindo/ de Cayenna em Pequenas Embarçaoens, bem sei/ que isto nos não pode assustar, se o valor Portugues a~/ acompanhar avigilancia eSerá preciso maior Socorro/ na quella Parte para o que V Exª. tem dado as mai~/ores providencias./ (248, texto 13, sec. XVIII, AN)

⁷⁴ Encontrado somente no *corpus* pancrônico.

(66, *corpus sincrônico*) Na churrascaria, se não for rotina, coma sem exageros. Recuse as entradas, a polenta frita e o carrinho de sobremesas, a não ser que você **queira** finalizar com uma fruta. (117, texto 36, sec. XXI, Você SA)

(67, *corpus pancrônico*) as Sabias providencias que V Ex^a. tem deliberado/ premitem que em poucos instantes se percebão dos Sig-/naes o numero de Embarçoens inimigas, que nos/ **queirão** invadir sem que possão avistar esta Cidade an-/tes do descanço de tres dias dos individuos do Regimento/ de Cameté (246, texto 1, sec. XVIII, AN)

(68, *corpus sincrônico*) Noivou, ganhou um carro novo ou ganhou uma bolada na loteria? Vale o mesmo. Se você **quiser** comemorar entre seus mais próximos, chame todos para um almoço e conte a novidade. Mas não fique fazendo festa a cada minuto. (87, texto 29, Revista Você SA)

(69, *corpus pancrônico*) No que diz razão ao Segundo ponto parece que/ a Artilheria que temos esta montada nos lugares em que/ deve estar, por que ella seacha em Baterias sobre o Mar/ disposta não so para impedir o desembarque dos Inimigos, Senão para bater as Embarçoens que o **quizerem** fazer/ hé mais Propria alli do que nas trincheiras da parte de/ Terra aonde tem muito pouco uzo, pois só Sendo necessaria/ em/em algum flanco supre ado Parque. (245, texto 12, sec. XVIII, AN)

- Aproximação mais baixa do *realis*, por apresentar a vontade expressa em um tempo verbal que remete à contrafactualidade:

(70, *corpus sincrônico*) Ele desenvolveu desde cedo a disciplina e a constância para poupar e isso o ajuda a planejar sua independência financeira. "Como morava no interior com meus pais, não tinha como gastar muito dinheiro quando era jovem, nem que **quisesse**⁷⁵, então me acostumei a poupar", diz ele. (27, texto 11, sec. XXI, Você SA)

(71, *corpus pancrônico*) os di(c)t(os) veedores disserom ((L026)) q(ue) se o di(c)to Joha~ de basto **q(ui)se** leuar (e) Au(er) As di(c)tas erdades q(ue) ele dese e~ esca~bo p(er)a senp(re) todos os di(c)t(os) d(inhei)ros q(ue) ele Asy Auja (105, texto 6, sec. XV, CIPM)

Não fixamos os casos em que o volitivo se apresenta conjugado no gerúndio em um nível específico de aproximação, por entendermos que, de acordo com a noção envolvida na construção, o gerúndio penda ora para “menor aproximação”, por expressar hipótese e, conseqüentemente, futuridade, ora para “maior aproximação”, por expressar noção de presente.

- Gerúndio com menor aproximação do *realis* por apresentar interpretação que o aproxima do tempo futuro (exemplo encontrado somente no *corpus pancrônico*):

⁷⁵ V2 não explícito: gastar.

(72, *corpus pancrônico*) E Recrecendosse algu~u~a demanda ((L022)) ou con//d//tenda sobre este enprazam(ento) ou sobr(e) cousa q(ue) a elle p(er)tença que has ditas partes SeJam citadas (e) demandadas p(er)ante hos vig(airos) desta igreJa de bragaa (e) por hy se começar ((L023)) ho f(e)cto fenir (e) acabar (e) nom ante out(ro) algu~u Jui'z nem Justica E **querendo** cada hu~u~a destas partes vir Cont(ra) este enprazam(ento) p(er)a o britar em parte ou em todo q(ue) nom ((L024)) possam nem Seiam a ello Recebydos em Jui'zo (147, texto 1, sec. XVI)

- Gerúndio com maior aproximação do *realis* por apresentar interpretação que o aproxima do tempo presente (exemplo somente no *corpus pancrônico*):

(73, *corpus pancrônico*) E boas obras q(ue) senp(r)e Reçebj E entendo Reçeb(e)r ao adeant(e) ((L005)) de liono(r) gomez morador na d(i)cta Cidade (e) **q(ue)rendo** lhe esto conheçer ((L006)) de mjnha pura liu(r)e voo~tade sem out(ra) p(rei)ma ne~coctre~gime~to ne~ ((L007)) e~gano ne~hu~u faço pura (e) liu(re) doaçõ~ p(er)a todo senp(r)e ant(re) os viuos ((L008)) (90, texto 3, sec. XV)

Em exemplos como 12, essa gradação não se aplica em função da significação que este tipo de construção adquire ao unir o volitivo a seu V2 infinitivo, o que só ocorre diante do verbo *dizer* (*querer* 4). Exemplos como este só foram encontrados no *corpus* da Revista Você SA. Por isso, também acrescentamos à tabela referente aos dados da Revista Você SA um quarto parâmetro para as construções do tipo: *quer dizer*, pois acreditamos que esse tipo de construção não se encaixe em nenhuma das gradações propostas por não se tratar propriamente de uma aproximação do *realis*, mas de uma expressão que tende à cristalização com sentido igual a *significa*, por isso, essas construções foram classificadas por nós como “não se aplica”.

(12, *corpus sincrônico*) É que uma das principais agências de classificação de risco do mundo, a Standard&Poor's, elevou, no dia 30 de abril, a nota para investimentos no Brasil, o que **quer** dizer que mais estrangeiros, inclusive os grandes fundos de outros países, poderão colocar dinheiro em ações. (13, texto 6, sec. XXI, Você SA).

encaix.	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
infinitiva																			
maior aprox.	1	4	20	74	19	59	18	40	1	25	0	0	1	12	0	0	1	100	61
menor aprox.	29	96	6	22	11	34	26	60	3	75	6	75	1	12	8	100	0	0	90
mais baixa	0	0	1	4	2	7	0	0	0	0	2	25	3	76	0	0	0	0	8
total	30	100	27	100	32	100	44	100	4	100	8	100	4	100	8	100	1	100	159

Tabela 38: Frequência de ocorrências de acordo com a aproximação da ação do campo do *realis* e com a desinência do volitivo – *Corpus pancrônico* documental

encaix.	Você S A	
	total	%
infinitiva		
maior aprox.	133	86
menor aprox.	8	6
mais baixa	1	1
não se aplica	9	7
total	151	100

Tabela 39: Frequência de ocorrências de acordo com a aproximação da ação do campo do *realis* e com a desinência do volitivo – *Corpus* sincrônico da Revista SA

As tabelas elaboradas demonstram, no *corpus* pancrônico, diferentemente do que esperávamos: predominância de ocorrências com maior aproximação do *realis*, que a maioria das ocorrências varia entre maior e menor aproximação do *realis*, como exploraremos a seguir. Já o *corpus* sincrônico apresentou predominância de ocorrências com maior aproximação do *realis*, com 86% das ocorrências com V2 infinitivo.

No século XIII, entendemos que a maior ocorrência de V2 infinitivo com menor aproximação do *realis* justifica-se por tratar-se de textos que tentam “prever” o que pode acontecer futuramente e já deixar registrado em contrato o que deverá ser feito nestes casos, como demonstram os exemplos seguintes.

(74, 75, corpus pancrônico) Go~salu me´e´ndiz ((L028)) damusli ainda pude´r de compue´r se uir miste´r e dapela´r ((L029)) e de faze´r. outro p(ro)c(ur)adu´r e a outros p(ro)curadures se fur mester ((L030)) e de reuoga´r eles e ffilla´r en si u preitu candu **q(ui)se´r** ((L031)) e q(ua)ntas uees **q(ui)se´r**. (2 e 3, séc. XIII, CIPM)

(76, corpus pancrônico) na dita petição conteudas em nome do Senhor go/vernador lopo de Souza pellos larguos poderes q^e delle tenho estam/ nas Camaras desta villa duas legoas de terras asim e da maneira que/ nesta pitição as pede na parte [q]ue as pede e sendo dadas por quem po-/der tivese p^a as dar as tomara adomde **quizer** em parte q^e ate oje não/foram dadas oje vimte e coatro do mez de Julho (204, séc. XVII, AN)

Acreditamos que o mesmo justifique a inversão do que esperávamos para o século XVI.

(77, corpus pancrônico) Rendas do di(c)to ((L049)) seu moest(eiro) a mantere~ est(e) contrauto aos di(c)t(os) foreiros nas ditas tres vidas (e) lh(e) fazerem os ((L050)) di(c)t(os) be~es seguros liures (e) de paz de que~ q(ue)r que lhos demande ou e~bargue sob p(e)na de lh(e) pagarem ((L051)) todas custas (e) despesas p(er)das (e) dapn(os) que por elo fezerem (e) Receberem (e) co~ cinquenta ((L052)) R(eae)s de p(e)na en cada hu~ dia E que pediam por m(er)cee ao mujto Reuerendisimo S(e)n(h)or arcab(is)po (e) a seus ((L053)) vigairos que asy o **queiram** (con)firmar (e) autorjzar; (194, séc. XVI, CIPM)

O mesmo acontecerá nos séculos XIII, XVII, XIX e XX. Após essa análise, que justifica a inversão do que esperávamos, mesmo com os resultados controversos do *corpus* pancrônico para esse fator, defendemos que a forma prototípica para V2 infinitivo seja com maior aproximação do *realis* através do uso do tempo verbal presente, perfeito ou imperfeito do indicativo.

4.4.4. Modalidade nas construções com *querer*: volição e as modalidades epistêmica e deôntica

De acordo com Longo (1999, p. 17), seguindo Bybee et alii (1991), o futuro tem valor epistêmico, pois o usuário da língua “prevê” que o estado de coisas expresso na cláusula será verdadeiro em algum tempo. Assim, o valor preditivo está intimamente ligado ao uso do futuro. Por essa aproximação, julgamos necessário traçar uma discussão entre volição e modalidade epistêmica (e posteriormente também à deôntica) em virtude da futuridade e projeção que defendemos que esses verbos também carreguem justamente em função da projeção gerada pela expressão da vontade.

Bybee et alii (1991), em seus estudos sobre a expressão do futuro em diferentes línguas, propõem quatro estágios indicativos do grau de gramaticalização atingido por uma forma futurizada. Um dos critérios é o dos usos modais paralelos aos do futuro. O valor de intenção (p. 25) evidencia que foi atingido grau médio de gramaticalização, enquanto os usos modais epistêmicos (possibilidade e probabilidade) ou orientados para o falante (imperativo; exortativo) indicam que o processo de gramaticalização já avançou bastante, o que vai ao encontro do que defendemos: diferentes estágios de gramaticalização para as construções em estudo.

De acordo com Givón (2001, p. 304), muitos verbos destacados como inerentemente *irrealis* podem aceitar complementos verbais e, assim, estender seu escopo modal para toda a cláusula que lhe serve de complemento, ou seja, “contaminá-la” com esse matiz de *irrealis*⁷⁶. É o que defendemos que aconteça com *querer* com complementos formados por V2 (seja como uma oração, perífrase ou quando forma uma só unidade semântica com *querer*). Apesar de trabalharmos com *irrealis* entendido como dúvida, incerteza, não realizado, marcado de diferentes maneiras – o que consiste em uma noção mais ampla que a de Givón, que entende *irrealis* como intimamente ligado ao modo subjuntivo – entendemos que a classificação

⁷⁶ Com as ressalvas de gradação de *irrealis* e aproximação do *realis* propostas.

proposta pelo autor de verbos inerentemente *irrealis* se adéqua a *querer*, pois aquilo que se quer ainda não foi conseguido e, por isso, é *irrealis* (como defendemos) e essa característica do verbo contamina o que se segue a ele no texto (conforme propõe Givón).

(07, corpus sincrónico) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (veja entrevista nesta reportagem), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. **(7, texto 4, Você SA)**

(09, corpus sincrónico) Se a pessoa realmente quisesse a sua presença, teria lhe dado um convite nominal. E, para não ser protagonista dessa ação, lembre que convite é para ser entregue a pessoas que **queremos** que estejam presentes no nosso evento e, de preferência, entregues em mãos. **(156, texto 61, Você SA)**

(78 corpus pancrónico) E a esse di'a o dito don Abbade ue~o p(er) ssy (e) p(er)gu~tou esse Jui'z porq(ue) o hj ffez(er)a ui'~j'r ca el ui'~j'a p(er)da~t(e) ((L074)) el com(o) p(er)dant(e) Jui'z del Rey (e) q(ue) lhj **q(ue)ri'a** se'é'r ben ma~dado (e) ento~ disse o vogado de uilhari~o todo o ffeyto ((L075)) (e) ffez ao Jui'z a ffronta de susu dicta. **(62, texto 6, sec. XIV, CIPM)**

(79 corpus pancrónico) e tendo-se pago perto de duzentos contos deve-se a quantia de cento e tan-/tos contos, divida, que não é para desanimar-vos, uma vez que vos deixeis ardentemente pos-/ suir d'aquelle espirito, de que o Immortal S. Elias **quer** que seus Eliseus sejam animados./ **(264, texto 6, sec. XVI, CIPM)**

Nos exemplos acima, o escopo da modalidade *irrealis* se estende para os verbos que complementam as ideias expressas pelo volitivo em virtude da relação sintático-semântica que desenvolvem ao se unirem a *querer*.

Pimpão (2008) defende que se discuta a visão de incerteza da doutrina gramatical, considerando-a como uma categoria discursiva e não somente morfológica, que imprime a situações reais de fala traços de modalidade/traços pragmáticos. Outro aspecto a ser verificado é a maneira como essa categoria de modalidade se realiza no discurso enquanto interação comunicativa. Desmembram-se, portanto, as categorias: modalidade (nível discursivo) e modo (nível morfológico).

A partir dos exemplos:

(80, 81, corpus pancrónico) It(em) ma~da nosso ((L020)) Senhor El Rej q(ue) sse Caua(ei)ros fore~ a Mon(esteiro). ou a Ejj(re)ia assi como d(i)to e. e no~ **q(ui)sere~** a eles dar a comer eles filhe~ ((L021)) aq(ue)la cousa te~p(er)adam(en)t(e) assi como lhis deuia a sse'é'r dada. se essa cousa' hj achare~. e no~ saque~ essa cousa do corpo da Ejj(re)ia. ((L022)) \$ It(em) defende nosso Senhor El Rej q(ue) depoi's q(ue) a Ejj(re)ia for Abbadada p(er) Arçeb(is)po ou p(er) B(is)po. ou p(er) vig[ai]ros [...] p(er) ap(re)sentaçon ((L023)) dos padroejros de la'. ou p(er) maior p(ar)te daq(ue)l(e)s q(ue) chamad(os) son, e **q(ue)ren** (e) pode~ ente~dejs como o der(ei)to encom[...] Caualej'ro ((L024)) ne~ out(ro) home~ no~ defenda' a Ejj(re)ia ne~ as h(er)dades dessa Ejj(re)ia ne~ os Testados dela'. **(29, 30, texto 23, sec. XIII, CIPM)**

observamos que, enquanto a modalidade se realiza através da construção perifrástica e da semântica do próprio volitivo nos dois usos destacados em negrito, o modo é marcado morfológicamente pela desinência modo-temporal de tempo futuro do modo subjuntivo {-re-} (**q(ui)sere~**) – que marca as ações como mais distantes do real – em oposição ao uso do presente do modo indicativo {Ø} (**q(ue)ren**) – que “prende” essas ações ainda não realizadas mais próximas do real – característica comumente ligada ao modo indicativo. Isso vai ao encontro do que discutimos anteriormente: a escolha do modo (entendido aqui como um recurso no nível morfológico) é um item a mais na construção da modalidade.

Retomando Pimpão (2008) – ao dizer que a modalidade não indexa o valor de verdade de uma construção em um sentido abstrato, mas nos mostra a extensão em que o usuário da língua está disposto a declarar a verdade da construção – podemos dizer que essas colocações vão ao encontro do que foi proposto, quando afirmamos que o volitivo trata de fatos pertencentes ao campo do *irrealis* (por serem ações/estados ainda não realizados), mas perspectivizados mais próximos do *realis* por serem tratados como fortemente possíveis e desejados. Trata-se do comprometimento do usuário da língua em relação à ação/estado, trazendo-a do campo do *irrealis* e aproximando-a do *realis*, assegurando “empenho” na sua realização.

Retomando Givón (1984/1985), que afirma que as duas modalidades (epistêmica e deôntica – chamadas pelo autor de submodalidades) podem se entrecruzar em alguns contextos, e Pimpão (2008), que as coloca juntas na modalidade *irrealis*, defendemos que elas se entrecruzam no volitivo em estudo, justamente pela capacidade que defendemos que esse verbo tenha de expressar ambas as noções, sobressaindo uma ou outra de acordo com o tipo de V2 que lhe siga, como explicaremos adiante. Encontramos em *querer*, portanto, probabilidade (que o liga à modalidade epistêmica) – de um lado – conveniência, preferência, intenção (que o liga à modalidade deôntica) – de outro; sem, no entanto, deixar de lado a expressão da vontade (modalidade volitiva⁷⁷).

Nos exemplos seguintes, temos tanto a expressão da intenção do desejo quanto da grande possibilidade de que esse desejo se concretize, embora entendamos que, quando *querer* e V2 compartilham o mesmo sujeito, o que prevaleça seja grande possibilidade de que esse desejo se concretize, o que aproxima construções como os exemplos seguintes mais fortemente da modalidade epistêmica:

⁷⁷ Nomenclatura adotada a partir das leituras de: Rescher (1968), Palmer (1986) e Le Querler (1996).

(28, *corpus sincrônico*) Não adianta tentar salvar aqueles que não **querem** ser salvos e, com isso, penalizar o resto do time. (2, **Texto 1, Você SA**)

(82, *corpus pancrônico*) disse o d(i)to scudeiro q(ue) o d(i)to Priol p(or) ssi (e) p(or) sseu co~uento fosse aa d(i)ta Qui~ta~a da Ramada ((L016)) (e) aas h(er)dades dela (e) q(ue) aq(ue)lo q(ue) achassem q(ue) era do d(i)to Mon(steiro) q(ue) o no~e~bargaua ne~ **q(ue)ri'a** embargar (e) q(ue) abri'a ((L017)) ende ma~o ao d(i)to Mon(steiro)⁷⁸ (65, **texto, 8, sec. XIV**)

Já em construções como as seguintes, o que prevalece, além da volição própria do verbo *querer*, é a conveniência, preferência, manipulação, o que as aproxima mais fortemente da modalidade deôntica:

(25, *corpus sincrônico*) Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. (3, **texto 2, Você SA**)

(83, *corpus pancrônico*) E apraz aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento do di(c)to moest(eiro) (e) asy ho mandam ((L036)) E **q(ue)rem** que o di(c)to foreiro (e) pessoas depos lle acuda~ senp(re) com o di(c)to foro aa ((L037)) di(c)ta dona m(aria) valent(e) (171, **sec. XVI, texto 8**)

Os julgamentos: epistêmico e deôntico, ainda segundo Givón (1984/1985), não só sobrepõem-se como, muitas vezes, partilham a sua codificação gramatical, o que os aproximaria das orações encabeçadas pelo volitivo *querer*: em que se demonstra, além do próprio desejo, a possibilidade de que o ato desejado se concretize e a intenção de concretizá-lo por parte do usuário da língua ou daquele que é por ele manipulado para concretizar.

Heine (1995), retomando Vater (1970), adota, em seu estudo para distinguir os “verdadeiros modais” dos demais, o fato de o verbo poder ou não exibir distinção entre usos epistêmicos e não epistêmicos. Através desse critério, podemos atestar que *querer* está entre os “verdadeiros modais” no português, pois pode expressar tanto noções epistêmicas (ligadas ao traço de + controle da ação) quanto não epistêmicas (ligadas à manipulação⁷⁹).

E, por entendermos que os volitivos compartilhem características tanto de modalidade epistêmica como de deôntica, entendemos, como exemplificado, que os usos de *querer* se aproximem mais de cada uma delas de acordo com as características morfossintáticas apresentadas.

⁷⁸ Merece atenção a repetição enfática de embargar: não embarga nem quer embargar (como se dissesse: não o faz porque não quer).

⁷⁹ Conforme já apontado, segundo Neves (2006, p. 160), a expressão da manipulação sobre o sujeito da encaixada aproxima a construção da modalidade deôntica.

Por isso, partimos para a verificação da relação entre configuração sintática da construção e a predominância da expressão da modalidade epistêmica ou deôntica. Como defendemos que essas modalidades se vinculam à modalidade de volição expressa pelo verbo *querer*, julgamos necessário dividir as ocorrências também de acordo com os diferentes tipos de *querer* encontrados, que podem ou não apresentar o valor semântico de introdutor de vontade/desejo.

Na análise das orações com V2 infinitivo, ao verificar a relação entre os diferentes tipos de *querer* e a predominância da expressão da modalidade epistêmica ou deôntica, surpreendeu-nos o fato de que, mesmo entre as ocorrências de V2 infinitivo, foi possível encontrar a predominância da modalidade deôntica sobre a epistêmica, desde que diante de *querer* do tipo 3: introdutor de vontade, desejo/polidez, quando temos, na verdade, uma ordem de alguém em posição hierárquica superior sobre outro subordinado a ele, mas com revestimento de polidez.

(11, corpus pancrônico) E pedem as ditas donas por merçe ao R(everendissimo) s(e)n(h)or ((L055)) arçeb(is)po (e) a seus vigairos que asy ho **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade asy ho outorgarom **(174, texto 13, sec. XVI)**

Deparamo-nos ainda com casos em que a verificação da predominância de uma ou outra modalidade não se aplica – diante de *querer* 4: introdutor de conclusão ou sustentação de argumentação, sentido igual a *significa*, pois *querer* afasta-se da expressão da volição e, conseqüentemente das demais modalidades que dela se aproximam.

(02, corpus sincrônico) O alemão levaria mais tempo para demitir as pessoas. "Isso não **quer** dizer que ele seja mais emocional que os outros. Seu objetivo é fazer tudo como mandam as leis e os regulamentos", diz Edson. A preocupação com a qualidade é a grande marca dos executivos nascidos na Alemanha. A dica para conquistá-los é buscar ser tão perfeccionista quanto eles no cumprimento de tarefas. **(11, Texto 5, Você SA).**

As tabelas resultantes desta verificação demonstram a predominância da aproximação da modalidade epistêmica nas construções com V2 infinitivo em ambos os *corpora*, com exceção, como justificado, diante de *querer* 3, que aproxima-se, pela interpretação, da modalidade deôntica, e de *querer* 4, em que julgamos que essa aproximação não possa ser verificada:

infin.	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
	epist.	deôn.																	
2	30	0	27	0	32	0	41	0	4	0	8	0	5	0	0	0	1	0	148
3	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	8	0	0	11
total	30	0	27	0	32	0	41	3	4	0	8	0	5	0	0	8	1	0	159

Tabela 40: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica em V2 infinitivo divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

Você SA				total
querer	epistêmica	deôntica	não se aplica	
2	142	0	0	142
4	0	0	9	9
total	142	0	9	151

Tabela 41: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica em V2 divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Defendemos, portanto, que construções de *querer* 2 com V2 infinitivo estão mais próximas da modalidade epistêmica, enquanto construções de *querer* 2 com V2 finito estão mais próximas da modalidade (ou sub-modalidade) deôntica, seguindo a redefinição proposta por Givón (2001). Para essa divisão, seguimos a proposta do autor, segundo a qual a asserção de *realis* seria uma característica da modalidade epistêmica, enquanto a asserção de *irrealis* caracterizaria o que o autor chama do subgrupo deôntico.

Na análise das orações com encaixadas finitas, verificamos uma relação mais direta entre a configuração sintática destas encaixadas e a expressão da modalidade deôntica, mesmo porque nossos dados só apresentam encaixadas finitas diante de *querer* 2, portanto todas as ocorrências expressam, além da volição, a predominância da modalidade deôntica, como mostram as tabelas seguintes, representando ambos os *corpora*:

desenv	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
	epist.	deôn.																	
2	0	1	0	1	0	5	0	5	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	14

Tabela 42: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica nas encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

Encaix. finita	Você SA		total
	Epistêmica	deôntica	
2	0	10	10

Tabela 43: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica nas encaixadas finitas divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Há ainda as construções com falso encaixamento, em que consideramos que não se aplique o parâmetro de verificação da predominância de uma ou outra modalidade como proposto. Além desse problema de verificação de ordem semântica, há ainda o fato de essas construções ocorrerem somente com *querer* 8: sentido igual a qualquer (coisa, lugar ou pessoa), mais distante da noção de volição. Por isso, todas as ocorrências desse tipo de construção foram consideradas como “não se aplica” para essa verificação, como demonstra a tabela seguinte.

falso encaix.	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		XXI		total
querer	epist./deon.	não se aplica																	
8	0	7	0	4	0	8	0	8	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	28

Tabela 44: Frequência das modalidades epistêmica e deôntica nas construções com falso encaixamento divididas de acordo com o tipo de *querer* – *Corpus* pancrônico documental

Concluimos, portanto, que a predominância da modalidade epistêmica ou deôntica nas orações com *querer* depende, além da configuração morfossintática da construção, da clara expressão da volição através da semântica do volitivo. Por isso, mesmo que a configuração sintática propicie a predominância de uma dada construção, a semântica do verbo *querer* naquela construção pode inverter a expressão da modalidade esperada ou mesmo impedir que esse fator seja verificado.

4.4.5. Verificação da noção de tempo como uma categoria gramatical para o volitivo

Câmara Jr. (1972) propõe uma distinção binária para a categoria tempo: passado e presente, alegando que se exprimem no presente os fatos vindouros em que não há uma tonalidade modal. Essa proposta de distribuição binária pode ser confirmada pelos estudos posteriores de Bybee (1985), que mostram que as línguas tendem a estabelecer distinções bidirecionais para tempo: futuro/não-futuro; passado e não-passado; anterior e não-anterior. Postura semelhante adota também Corôa (2005), ao afirmar que a distinção relevante para a maioria das línguas ocidentais é entre passado e não passado.

Com relação a *querer*, fica difícil encaixá-lo nessa divisão binária, já que a volição é sempre uma projeção, seja no indicativo ou subjuntivo, com o verbo no presente (projeção de uma realização futura), no futuro (projeção para uma realização + futura) ou mesmo no passado (em que a projeção já é passado em relação ao momento da fala, mas futura em

relação à expressão daquela vontade), como podemos observar nos exemplos abaixo, retirados de nosso *corpus*:

- Presente do indicativo – projeção de uma realização em um futuro próximo:

(58, corpus sincrônico) Quer seguir carreira no exterior? Então saiba que seu principal desafio será de adaptar a uma nova cultura. **(10, texto 5, Você SA)**

(84, corpus pancrônico) eu tabaljom (e) t(estemunha)s Adea~te esc(ri)tas vimos co~tar (e) Receb(er) Ao di(c)to mjgel esteuez (e) ha di(c)ta sua molh(er) (e) se derom dos ((L009)) di(c)t(os) d(inhei)ros po(r) bem pagos (e) e~t(re)ges (e) ha di(c)ta g(ui)omar L(ouren)ço (e) se(us) bees po(r) q(ui)te (e) ljure p(er)a senp(re) (e) heu di(c)to mjgel esteuez co~ mjnha molh(er) m(argarida)fon(so) **q(ue)remos** (e) houto(r)ga~mos ((L010)) (e) p(r)ometemos so pena de t(re)s Mil l(i)br(a)s A no~rmos co~tra esta c(ar)ta de ue~da **(81, texto 2, sec. XV)**

- Presente do subjuntivo – projeção para uma realização em um futuro não tão próximo:

(07, corpus sincrônico) O livro é destinado a vendedores, mas, segundo o próprio Ram Charan (*veja entrevista nesta reportagem*), as lições apresentadas na obra podem ser aplicadas por todo profissional que **queira** evoluir na carreira, independentemente de sua área de atuação. **(7, texto 4, Você SA)**

(11, corpus pancrônico) E pedem as ditas donas por merçe ao R(everendissimo) s(e)n(h)or ((L055)) arçeb(is)po (e) a seus vigairos que asy ho **queira** confirmar (e) em t(e)s(temunho) de verdade asy ho outorgarom **(174, texto 13, sec. XVI)**

- Futuro do subjuntivo – projeção para uma realização em um futuro mais distante:

(85, corpus sincrônico) Segundo Mario Saggia, gerente de farmacoeconomista da Roche, não há, no Brasil, mais do que dez especialistas na área. "Quem **quiser** ingressar no setor precisa ser capaz de avaliar um novo medicamento em todos os aspectos epidemiológico, clínico, econômico, de sistema de saúde", diz. **(21, texto 9, sec. XXI, Você SA)**

(86, corpus pancrônico) E o d(i)to logar de soutello com sas p(er)te~e~ças ((L018)) daq(ui) em deant(e) p(er)a todo senpre E faça dell(e)s (e) em ell(e)s o q(ue) **q(ui)ser** ((L019)) (e) por bem teu(er) como de sua h(er)dade (e) coussa p(ro)pi'a **(83, texto 2, sec. XV, CIPM)**

- Perfeito do indicativo – projeção passada em relação ao momento da fala, mas futura em relação à expressão da vontade:

(87, corpus sincrônico) Rogério tinha planos de voltar um dia para Recife, mas não imaginava quando nem como. No fim do ano passado, como gerente de *trade marketing* da Danone, recebeu o convite para ser gerente regional da Construtora BS no Nordeste, que estava montando uma base na capital pernambucana. Propenso a aceitar, ele **quis** conhecer melhor o projeto da empresa e buscou muita informação sobre o setor com seus contatos em São Paulo e no Nordeste. **(65, texto 189, sec. XXI, Você SA)**

(88, corpus pancrônico) E as di(c)tas partes todo Esto ou ((L033)) torgarom E **qi'serom** q(ue) page q(u)alquer delles p(ar)tes q(ue) contra Esto ((L034)) for (e) o nom compri'r a parte tente (e) agardante q(u)atro mjll rr(eae)s ((L035)) da di(c)ta moeda E pera Esto hobrigarom todos seus bees asy movees ((L036)) como de Rai'j'z E ma~darom asy seer fejt(os) dous Estrom(entos) de ((L037)) p(ra)zo anbos de hu~ tehor (e) pi'j'diu cada hu~ seu testemunhas ((L038)) **(105, texto 11, sec. XV, CIPM)**

- Imperfeito do subjuntivo – projeção contrafactual; o desejo não se manifestou nem pode mais se manifestar:

(55, corpus sincrônico) Ele desenvolveu desde cedo a disciplina e a constância para poupar e isso o ajuda a planejar sua independência financeira. "Como morava no interior com meus pais, não tinha como gastar muito dinheiro quando era jovem, nem que **quisesse**⁸⁰, então me acostumei a poupar", diz ele. **(28, texto 11, Você SA)**

(89, corpus pancrônico) E q(ue) des alj adea~t(e) q(ue) o P(ri)ol (e) sseu Conue~to dessen a d(i)ta ssa h(er)dade ((L038)) a q(uem) **q(ui)sessem** (e) p(or) bem teussesem (e) fezessem dela sseu p(ro)uei'to sen e~bargo ne~hu~u ca lha no~ q(ue)ri'a mais au(er) ((L039)) ne~ trag(er). **(71, 72, texto 8, sec. XIV)**

- Imperfeito do indicativo – projeção passada em relação ao momento da fala, mas futura em relação à expressão da vontade:

(90, corpus sincrônico) Fernando analisou o mercado de consultoria, no qual **queria** trabalhar, e elegeu a Bain como seu alvo. Então, ele reuniu suas experiências profissionais e preparou uma boa apresentação de suas competências. **(82, texto 24, sec. XXI, Você SA)**

(91, 92, corpus pancrônico) E q(ue) des alj adea~t(e) q(ue) o P(ri)ol (e) sseu Conue~to dessen a d(i)ta ssa h(er)dade ((L038)) a q(uem) q(ui)sessem (e) p(or) bem teussesem (e) fezessem dela sseu p(ro)uei'to sen e~bargo ne~hu~u ca lha no~ **q(ue)ri'a** mais au(er) ((L039)) ne~ trag(er). **(71, 72, texto 8, sec. XIV, CIPM)**

⁸⁰ V2 não explícito: gastar.

Essa dificuldade de inserção do volitivo estudado na divisão binária para tempo estritamente dito, aproxima esse verbo ainda mais da noção de modalidade, pois futuridade e, conseqüentemente, projeção estariam mais próximas de modalidade do que de tempo. Por isso, não há como concordar com Câmara Jr. (1972), quando diz que se exprimem no presente os fatos vindouros em que não há uma tonalidade modal. Para nós, a própria escolha do presente para expressar fatos vindouros já demonstra uma tonalidade modal, por aproximar algo que ainda não se realizou do presente, perspectivizando esse fato como próximo do real.

Corôa (2005) formula a hipótese de que o futuro – qualquer que seja sua ligação com o possível, o virtual ou o incerto – expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza. Como o movimento do futuro vai de um conjunto de mundos possíveis (futuro modal) para um mundo que é ou será realizado (futuro temporal), mesmo interpretações modais se orientam para a certeza e esta certeza cresce à medida que se aproxima dos empregos puramente temporais, como verificamos nas seções anteriores através das diferentes escalas modais propostas e aplicadas a nossos *corpora*.

Como abordamos no Capítulo 3, ao usar o volitivo, temos as noções de futuridade, *irrealis* e volição, mas, ao mesmo tempo, se identifica um esforço de aproximação do evento – que se encontra nesse universo do hipotético – com o mundo real, em um movimento, portanto, orientado para o campo da certeza: *querer* realizar algo é se comprometer, de alguma maneira, com a sua realização.

Nos exemplos anteriores, seja com verbo no presente do indicativo, no presente do subjuntivo, futuro do subjuntivo, perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo ou do indicativo, verifica-se a projeção para uma realização que se dará em um tempo futuro, posterior à expressão dessa vontade, mesmo que essa expressão já tenha ficado no passado. Mas entendemos que haja diferentes instâncias de projeção futura de acordo com o tempo verbal do volitivo, demonstrando novamente a relação entre forma e função das construções em estudo. Por isso, propomos, a partir da análise de dados, o seguinte quadro de correlação entre a conjugação modo-temporal do volitivo e as diferentes instâncias de projeção que podem ser verificadas.

conjugação modo-temporal do volitivo	instância	futuro
presente do indicativo	1	próximo
presente do subjuntivo	2	distante
futuro do subjuntivo	3	mais distante

Quadro 19: Proposta de correlação entre a conjugação do volitivo e instâncias de projeção para tempos futuros

Com o volitivo no presente do indicativo, temos o que propomos chamar de projeção futura de instância 1 (futuro próximo); com presente do subjuntivo, instância 2 (+ futuro / futuro distante); e com futuro do subjuntivo, instância 3 (++) futuro / futuro mais distante).

Os pretéritos ficam como instâncias negativas, uma vez que mesclam futuridade em relação à volição e passado em relação à narração do evento, como propomos no quadro a seguir. Quanto mais se afastam do que consideramos como instância prototípica da volição⁸¹ (presente do indicativo), mais negativas propomos que sejam consideradas: perfeito do indicativo, instância -1 (pouco distante); imperfeito do indicativo; instância -2 (- futuro / distante); e imperfeito do subjuntivo, instância -3 (- - futuro / muito distante do momento de referência da fala).

conjugação modo-temporal do volitivo	instância	projeção/passado
perfeito do indicativo	1	pouco distante
imperfeito do indicativo	2	distante
imperfeito do subjuntivo	3	muito distante

Quadro 20: Proposta correlação entre a conjugação do volitivo e instâncias de projeção para tempos passados

A frequência de cada uma das instâncias de projeção apresenta-se nos *corpora* da seguinte maneira:

V2 infinitivo projeção	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
instância 1	1	3	0	0	11	30	10	23	1	25	1	12	2	50	0	0	0	0	26
instância 2	0	0	3	11	2	6	7	16	0	0	3	38	0	0	8	100	0	0	23
instância 3	29	97	3	11	5	17	19	43	2	50	3	38	1	25	0	0	0	0	63
instância -1	0	0	1	4	4	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
instância -2	0	0	19	70	7	25	5	11	1	25	0	0	0	0	0	0	1	100	33
instância -3	0	0	1	4	3	9	3	7	0	0	1	12	1	25	0	0	0	0	9
total	30	100	27	100	32	100	44	100	4	100	8	100	4	100	8	100	1	100	159

Tabela 45: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas construções com V2 infinitivo – *Corpus* pancrônico documental

⁸¹ Assim considerada por representar a grande maioria em nossos *corpora*.

V2 infinitivo projeção	Você S A	
	total	%
instância 1	126	83,4
instância 2	4	2,6
instância 3	5	3,3
instância -1	2	1,3
instância -2	13	8,65
instância -3	1	0,75
total	151	100

Tabela 46: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas construções com V2 infinitivo – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA⁸²

Esperávamos encontrar a maioria das ocorrências com infinitivas classificadas como instância de futuridade 1 para todos os séculos, como ocorre no *corpus* pancrônico nos séculos XV, XIX e no *corpus* sincrônico. Mas surpreendeu-nos encontrar no século XIII, a maioria classificada como instância 3; no XIV, instância -2; no XVI, instância 3; no XVII, instância 3; XVIII, instâncias 2 e 3; no XX, instância 2; e XXI, instância -2.

Até o século XVI, são os mesmos séculos que contrariaram o que esperávamos para a verificação de ocorrências com volitivo em diferentes formas verbais. Por isso, atribuímos a mesma justificativa anterior para o resultado do cruzamento do tempo verbal do volitivo e seu V2 nesses séculos: a maior ocorrência de V2 infinitivo assim classificadas deve-se ao fato de o *corpus* destes séculos ser formado de textos que tentam “prever” o que pode acontecer futuramente e já deixar registrado em contrato o que deverá ser feito nestes casos. Como a projeção, nesses casos, aponta para um futuro que pode ser muito distante, ou mesmo uma hipótese contrafactual, no caso da instância de futuridade -2, a escala de certeza não pode ser aplicada ou fica o mais baixo possível.

Após essa justificativa, pautada em especificidades dos textos encontrados, para os resultados que diferem do que esperávamos, defendemos que a forma prototípica seja com o volitivo no presente do indicativo, agregando ao enunciado futuridade de instância 1, que garante ao enunciado maior aproximação do presente e, conseqüentemente, maior aproximação do campo do *realis*. Essa forma prototípica só não terá sua possibilidade de ocorrência privilegiada em casos específicos em que outras características textuais peçam conjugações morfossintáticas, e conseqüente instanciamento futuro, diversos desta instância prototípica.

⁸² Faz-se necessário explicar que, em alguns séculos, temos poucas células em virtude da quantidade de dados disponíveis, mas, mesmo poucas, representam a maioria dentre as instâncias apresentadas para aquele século.

finita projeção	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%		%	XXI	%	
instância 1	1	100	0	0	1	20	4	80	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	8
instância 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
instância 3	0	0	0	0	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
instância -1	0	0	1	100	1	20	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
instância -2	0	0	0	0	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
instância -3	0	0	0	0	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
total	1	100	1	100	5	100	5	100	0	0	1	100	1	100	0	0	0	0	14

Tabela 47: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas encaixadas finitas – *Corpus* pancrônico documental

finita projeção	Você S A	
	total	%
instância 1	8	80
instância 2	1	10
instância 3	0	0
instância -1	0	0
instância -2	1	10
instância -3	0	0
total	10	100

Tabela 48: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade nas encaixadas finitas – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Já para as construções com encaixada finita, todas as ocorrências apresentaram futuridade de instância 1, demonstrando ser essa a forma privilegiada para tais construções. Mas, por serem construções com sujeitos diferentes para volitivo e V2, embora possamos falar em futuridade de instância 1, não podemos falar em aproximação do *realis*, como discutido anteriormente (pois essa aproximação restringe-se a *querer* + V2 infinitivo).

projeção	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
instância 1	7	100	4	100	8	100	8	100	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	28
instância 2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
instância 3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
instância -1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
instância -2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
instância -3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
total	7	100	4	100	8	100	8	100	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	28

Tabela 49: Frequências de ocorrências de cada instância de futuridade proposta nas construções com falso encaixamento – *Corpus* pancrônico documental somente

Já para as construções com falso encaixamento, as ocorrências não puderam ser classificadas quanto à instância de futuridade, devido ao afastamento da semântica básica de volição, que, conseqüentemente, as afasta da projeção e futuridade. Há projeção nessas construções, mas ela não é gerada pelo verbo *querer*, e sim pela construção que lhe segue conjugada sempre no futuro do subjuntivo (*puser embargo ou empedimento*), como ilustra o exemplo seguinte. Por isso consideramos que também o fator “instância de futuridade” não se aplica a este tipo de construção.

(16, corpus pancrônico) nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de quem **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser **(185, texto 15, sec. XVI)**

4.5. Explicitude do elemento de ligação entre as orações

Conforme abordado no Capítulo 3, nos casos de construções com volitivo em que há coincidência de sujeitos, a anáfora de sujeito de V2 é obrigatória: é o que ocorre nas construções com V2 infinitivo. Por isso não encontraremos opções como “*no qual (Fernando) queria que ele (Fernando) trabalhasse*” e “*que eles queriam que eles escambassem*” respectivamente para os exemplos seguintes.

(90, corpus sincrônico) Fernando analisou o mercado de consultoria, no qual **queria** trabalhar, e elegeu a Bain como seu alvo. Então, ele reuniu suas experiências profissionais e preparou uma boa apresentação de suas competências. **(82, texto 24, sec. XXI, Você SA)**

(93, corpus pancrônico) A uos Johane esteuez c(re)rigo co~firmado e~ A jg(re)ia de sam Ju(r)go do di(c)to noso Arcabispado saude e~ d(eu)s sabede q(ue) o Releg(i)oso dom Abade (e) p(ri)ol (e) co~uento do di(c)to mostei'ro nos e~viarom diz(er) ((L006)) q(ue) eles **q(ui)riom** esca~bar huas erdades **(91, texto 6, sec. XV, CIPM)**

Já para os casos em que não há coincidência de sujeitos – como os próximos exemplos, é possível encontrar, em substituição aos sujeitos lexicalmente expressos, sujeitos pronominais para V2 “*que seu filho cresça sem disciplina financeira*” e “*que eles acudam*” – se houver possibilidade de recuperação da referência desses pronomes sem causar ambigüidade, mas não encontraremos um sujeito zero (sem uma “pista” que o ligue a um

sujeito diferente de *querer*), pois esta construção traria problemas de interpretação de seu conteúdo.

(94, corpus sincrônico) Se você não **quer** que seu filho cresça sem disciplina financeira, faça com que participe das decisões sobre dinheiro em sua casa. **(114, texto 35, sec. XXI, Você SA)**

(95, corpus pancrônico) E apraz aa di(c)ta S(enhora) p(ri)oresa (e) donas (e) (con)uento do di(c)to moest(eiro) (e) asy ho mandam ((L036)) E **q(ue)rem** que o di(c)to foreiro (e) pessoas depos lle acuda~ senp(re) com o di(c)to foro aa ((L037)) di(c)ta dona m(aria) valent(e) **(158, texto 11, sec. XVI, CIPM)**

Nas construções com falso encaixamento, também temos a explicitude do elemento de ligação entre as porções da oração (*que*), como demonstra o exemplo **19** retomado a seguir.

(19, corpus pancrônico) Porende de ((L004)) mha bo~a liure uoo~tade (e) sen ne~hu~u out(ro) (con)st(re)ngime~to dou (e) do' o' a ele todol(os) h(er)dame~t(os) q(ue) eu ey ((L005)) (e) ouu(er) (e) de d(ere)yto deuo a au(er) Ant(re) Doyro (e) Mi~nho hu **q(ue)r** q(ue) seia~ (e) q(ue) el q(ue) os possa rrecadar (e) receber ((L006)) (e) os possoya (e) aia en todol(os) di'as de ssa uida E despos ssa mort(e). **(69, texto 7, séc. XIV, CIPM)**

Essa explicitude ou não da conjunção está, portanto, diretamente ligada à forma de realização de V2. Na forma finita, V2 exige a conjunção “que”, já na forma infinitiva, a *repele*. Esse comportamento sintático tem relação, inclusive, com o tamanho das partes conectadas: a presença da conjunção se vincula à conexão de porções maiores de texto, o que comprovamos com relação a V2 no subjuntivo: há, além do sujeito de V2 necessariamente explicitado, a maior extensão da forma verbal pelas desinências modo-temporais e número-pessoais exigidas em tais construções, como ilustram os exemplos seguintes.

(25, corpus sincrônico) Uma das grandes barreiras para o empreendedorismo nas empresas são os chefes que não **querem** que os seus subordinados brilhem. **(3, texto 2, sec. XXI, Você SA)**

(10, corpus pancrônico) (e) que acrecentarja majs duas g(alinha)s sobre oyto cruzad(os) que dant(e)s pagaua (e) como ((L017)) **q(ue)r** q(ue) o di(c)to foro p(er)tença aa di(c)ta dona m(aria) e~ sua vida dis(er)om que as ditas Cassas era~ ((L018)) do di(c)to moest(eiro) **(157, texto 11, sec. XVI, CIPM)**

Essa relação entre a explicitude ou não do elemento de ligação entre V2 e *querer* e a forma gramatical de V2 nos leva novamente à divisão dos dados entre V2 infinitivo, finito e com falso encaixamento, conforme a tabela seguinte:

V2	SÉCULO																		total
	XIII	%	XIV	%	XV	%	XVI	%	XVII	%	XVIII	%	XIX	%	XX	%	XXI	%	
Infin./sem conector	30	78	27	87	32	74	44	73	4	80	8	86	5	83	8	100	1	100	159
finita com conector	1	2	1	3	5	13	5	13	0	0	1	14	1	17	0	0	0	0	14
Falso enc. com conector																			28
	7	20	4	10	8	13	8	14	1	20	0	0	0	0	0	0	0	0	
total	38	100	32	100	45	100	57	100	5	100	9	100	6	100	8	100	1	100	201

Tabela 50: Frequência de V2 no infinitivo, finito ou com falso encaixamento – *Corpus* pancrônico documental

V2	Você S A	
	total	%
infin. / sem conector	151	94
finita com conector	10	6
imposs. com conector	0	0
total	161	100

Tabela 51: Frequência de V2 no infinitivo, finito ou com falso encaixamento – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

A maioria das ocorrências em ambos os *corpora* nos mostra que a forma prototípica para construções com volitivo *querer* e V2 é sem explicitude do elemento de ligação entre essas duas porções, justamente porque a forma prototípica para este tipo de construção é com V2 infinitivo; uma configuração sintática diferente desta pedirá a explicitude do elemento de ligação entre *querer* e V2.

4.6. Relação entre os valores semânticos, características sintáticas do volitivo e estágios de gramaticalização

Passamos ao entrecruzamento das características analisadas até agora para chegarmos ao estabelecimento dos diferentes estágios de gramaticalização defendidos para as construções com *querer*.

Lehmann (1988) postula seis parâmetros semântico-sintáticos para o estudo da articulação de orações e a formulação de uma tipologia de frases complexas, dentre os quais retomamos os quatro com os quais trabalharemos (numerados como 3, 4, 5 e 6, conforme proposta completa de LEHMANN, 1988) por julgamos importantes para discutir as características morfossintáticas e semânticas das construções em estudo:

3. Dessentencialização da subordinada;
4. Gramaticalização do verbo principal;
5. Entrelaçamento das duas orações;
6. Explicitude da articulação.

Os parâmetros selecionados serão analisados a partir da proposta de Lehmann (1988, p. 217) de um *continuum* que vai de um pólo de máxima elaboração a outro de máxima compressão da informação lexical e gramatical.

Como a dessentencialização é entendida em nossos dados como a mudança lingüística em que as partes da construção se fundem ou, em alguns casos, *querer* passa a ter um valor adverbial ou próximo de um advérbio, defendemos que exemplos como o seguinte também apresentem dessentencialização, pois, embora a *querer* não tenha valor adverbial, se aproxima semanticamente de um nome (mais especificamente do pronome indefinido *qualquer*), como já dito, equivalendo aproximadamente a *qualquer pessoa, coisa ou lugar*.

Retomando a proposta de um *continuum* que vai de um pólo de máxima elaboração a outro de máxima compressão da informação lexical e gramatical, defendemos que as construções com falso encaixamento estariam mais próximas da máxima compressão pela aproximação de *querer* de uma expressão nominal, seguidas pelas construções com V2 infinitivo (*querer* 4) – por equivaler a um só verbo – depois pelas construções com encaixada infinitiva (*querer* 2 e 3). Mais distantes das primeiras ficariam as encaixadas finitas.

O parâmetro da Explicitude da articulação reforça a idéia de que as encaixadas finitas ficam mais à esquerda nesse *continuum* de entrelaçamento de orações que as infinitivas, pois, enquanto as primeiras precisam explicitar o elemento de articulação entre predicadora e encaixada (devido a não coincidência de sujeito), as segundas não precisam (devido à coincidência de sujeito entre as partes). Mas, quando o parâmetro é aplicado às construções com falso encaixamento, não acusa para estas alto grau de gramaticalização pois elas apresentam elemento de articulação (*que*), como mostra o exemplo retomado a seguir.

(16, corpus pancrônico) nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de quem **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser **(185, texto 15, sec. XVI)**

Observamos, portanto, que construções com encaixada finita apresentam menor gramaticalização, enquanto construções com encaixada infinitiva apresentam maior

gramaticalização, com destaque para *querer* 4, pela fusão semântica com o V2 que o acompanha.

Já as orações com falso encaixamento oscilaram de acordo com os parâmetros como mais ou menos ligados à gramaticalização, pois ficaram junto das encaixadas infinitivas no parâmetro de Dessentencialização, mas aproximaram-se das finitas no parâmetro da Explicitude do elemento de ligação.

Portanto, para comprovar que o falso encaixamento é uma construção com forte gramaticalização, voltamos a discutir a relação entre valor semântico e estágio de gramaticalização de *querer*. Assim, comprovamos que as construções sintáticas em que *querer* mantém relação com seus valores semânticos “fontes” encontram-se em um estágio menos gramaticalizado que as construções que se distanciam desses valores, ou seja, quando *querer* tende a ficar esvaziado de sentido semântico e assume configurações morfossintáticas mais específicas, a gramaticalização está em um estágio mais avançado.

Propomos, então, uma gradação, entre as construções em estudo, desde usos que consideramos menos gramaticalizados até os mais avançados nesse processo, retomando, para isso, os Princípios propostos por Hopper (1991) da Divergência, Persistência e Dessentencialização (este último coincide com o parâmetro proposto por Lehmann (1988) Dessentencialização).

Elaboramos uma tabela para demonstrar quais princípios se verificam para cada tipo de *querer* estudado. O Princípio da Especialização não foi incluído, pois não se verificou a possibilidade de um dos itens se tornar obrigatório pelo estreitamento de opções para codificar determinada função, embora *querer* tenda a se tornar modalizador diante de V2 infinitivo em virtude da alta frequência observada desse tipo de ocorrência.

		princípios verificados					
		divergência	persistência			dessentencialização	
			forte	intermediária	fraca	forte	intermediária
querer							
2	x	x			x	x	
3	x	x			x		
4	x		x		x		
8	x			x	x		

Tabela 52: Verificação dos princípios de gramaticalização selecionados nos diferentes tipos de *querer* de acordo com ambos os *corpora*

A tabela demonstra que o Princípio da Divergência é verificado para todos os tipos de *querer* em estudo, pois os usos novos de *querer* coexistem na língua com seu uso mais antigo.

Já para a verificação do Princípio da Persistência, foi necessário criar uma gradação para demonstrar que alguns tipos de *querer* refletem o primeiro sentido dominante de modo mais claro e outros menos. O traço de projeção no tempo e no espaço permanece mais explícito nos usos 2 e 3. Mas esse traço passa à projeção no texto (introdução de uma nova sequência de informações) em 4, o que consideramos uma persistência intermediária. Essa projeção está presente também em *querer* 8, mesmo que vinculada à imprecisão, incerteza vinculada aos contextos em que aparece com sentido de qualquer, por isso foi considerada uma persistência mais fraca. Esse parâmetro aponta as construções com falso encaixamento como as mais gramaticalizadas, por estarem mais distantes das características semânticas “fontes” do volitivo.

As construções com V2 infinitivo estariam, então, em um estágio mais avançado de gramaticalização que as com complemento finito. Isso confirma o que foi discutido na seção 3.1.2, indicando uma propriedade de cláusulas gramaticalizadas. Como as formas não-finitas predominaram nos dados, concluímos que estas estão perdendo seus traços de orações prototípicas, como modo, tempo, aspectos, tornando-se dependentes do volitivo.

Mas, diante da possibilidade de elipse de uma das partes dessa combinação, criamos no quadro a demonstração de um estágio intermediário para os casos em que uma das partes da construção com V2 infinitivo pode não estar explícita. Para *querer* 8, incluímos um item “não se aplica”, pois ele não pode ser totalmente excluído desse parâmetro por não se tratar propriamente de uma encaixada finita, mas também não pode ser colocado junto com a construção com V2 infinitivo.

Ao reunir os resultados da aplicação dos parâmetros de Lehmann (1988), retomando-os a partir do parâmetro da Gramaticalização do verbo da oração predicadora, percebemos que o tipo menos gramaticalizado entre os estudados é *querer* 2, com persistência mais forte dos traços semânticos mais básicos do verbo e apresentação de possibilidade de dessentencialização intermediária, pela possibilidade de elipse de uma das partes da construção e por aceitar tanto V2 infinitivo quanto finito. Em seguida, temos *querer* 3, com persistência dos traços semânticos básicos do verbo, mas sem possibilidade de dessentencialização intermediária e aceitando somente V2 infinitivo. *Querer* 4 encontra-se em processo de gramaticalização mais avançado, pois apresenta a persistência intermediária dos traços de futuridade, além de ocorrer somente com forte dessentencialização e também somente com V2 infinitivo. *Querer* 8 apresenta a persistência mais fraca de traços semânticos e também apresenta-se somente em um tipo de construção: com falso encaixamento.

Por isso, defendemos que este seja o uso mais gramaticalizado para o verbo no banco de dados em estudo devido à perda da clareza semântica que nele se percebe mais fortemente e que leva à ampliação do seu contexto de uso para situações que não envolvem propriamente volição e o verbo passa a aceitar complementos com características que não aceitava primeiramente, inclusive elementos locativos na posição de sujeito, como *onde* e *quando*. Embora esse *esbranqueamento semântico* ou *generalização* também esteja presente no tipo 4, são as construções com o tipo 8 que mais se distanciam semântica, morfológica e sintaticamente das características consideradas como “fontes” para *querer*.

Recorremos, então, à possibilidade ou não de negação de V2 separadamente de *querer* como teste para verificação de entrelaçamento e consequente dessentencialização e gramaticalização entre as orações para demonstrar que *querer* 8 encontra-se em processo mais avançado de gramaticalização. Ao aplicarmos esse mecanismo, todos os tipos de construção estudados encontram-se em processo de dessentencialização, pois construções com V2 infinitivo, finito e com falso encaixamento repelem a negação somente de V2. Mas as construções com falso encaixamento apresentaram comportamento destacado em relação a esse fator, pois repelem mesmo a negação que envolva toda a construção, o que é aceito pelas demais construções, como testamos na seção 4.2.5.

Vale lembrar ainda que os tipos 4 e 8 só foram encontrados conjugados na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. O que demonstra uma restrição de ocorrência também no âmbito morfológico. *Querer*, nesses contextos, está passando por um processo de redução de traços morfológicos a fim de atingir a cristalização efetiva na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Dessa forma, seu sentido torna-se dependente do sentido do material circundante.

O processo de gramaticalização de *querer* ao lado de *dizer* (*querer* 4) continua, inclusive, em outros contextos e vai além do que se apresenta em nossos dados, como demonstra o exemplo de Cezário et alii (1996):

(m) a gente vai pro shopping ... também ali de Campo Grande ... e ... *quer dizer* ... lá é bom... sabe ... mas mesmo assim ainda tem um pouco de tumulto ..." (José Augusto)

Em exemplos como este, os verbos *querer* e *dizer* deixam de ser uma locução verbal e passam a ter uma função gramatical, atuando como uma fórmula para o usuário da língua se corrigir ou explicar melhor o que havia dito. A expressão *quer dizer* tem função semelhante às

fórmulas *isto é* e *ou seja*. A perda do sentido de verbo pode ser percebida também pela impossibilidade de usar o verbo *querer* em outro tempo senão o presente.

Cezário et alii (1996) propõem usos intermediários para esta nova função de *querer*:

- Eu *quero* dizer;
- Isso (que acabo de dizer) *quer* dizer....

A expressão *quer* *dizer* semelhante aos marcadores discursivos *isto é* e *ou seja* não foi localizada em nosso *corpus*, o que acreditamos se dever ao fato de ser um *corpus* de língua escrita e esses estágios mais avançados estejam ligados a contextos informais de fala. Acreditamos que, por isso, tenhamos encontrado somente os usos propostos pela autora como intermediários.

Ainda de acordo com Cezário et alii (1996), provavelmente, este uso de *querer*, na expressão *quer* *dizer*, seja um fenômeno paralelo à gramaticalização. É o que vem sendo chamado discursivização. Este fenômeno consiste na perda das restrições gramaticais de um elemento lingüístico que passa a assumir restrições de caráter pragmático e interativo (VINCENT, VOTRE & LAFOREST, 1993).

Traugott (1995) também trabalha a ideia de que as formas gramaticalizadas coexistem com as formas não-gramaticalizadas (até mesmo, por séculos), o que define o que Hopper (1991) chama de “layering” (estratificação). Nos dados observados, usos “mais antigos” de *querer*, considerados por nós como menos gramaticalizados, convivem com “usos mais recentes” e mais gramaticalizados deste verbo, o que demonstra a gradualidade do processo de gramaticalização: usos mais e menos gramaticalizados convivendo na língua, embora com características sintático-semânticas que restringem os usos de cada uma das formas em gramaticalização a determinados contextos, sendo as mais gramaticalizadas com maiores restrições e as menos gramaticalizadas com menores restrições, como características argumentais do sujeito, tipo de V2 e possibilidade de elipse de uma das partes da construção, como verificamos que, de fato, ocorre nos verbos em estudo.

4.6.1. Verificação da reanálise em processo

Pela perspectiva do *continuum* da integração de orações (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 178), algumas sentenças complexas apresentam um núcleo, com um verbo proposicional indicador de atitude, e uma oração ligada a esse núcleo, que sofre reanálise, passando a núcleo simples. No processo de mudança, a oração ligada ao núcleo se torna o próprio núcleo, e a porção que inicialmente era o núcleo adquire *status* de advérbio sentencial (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 209). Portanto, na reanálise, processo ligado à gramaticalização, a cláusula marginal (V2) passa a ser interpretada como a nuclear e a oração predicadora “rebaixa-se” a um advérbio oracional; o verbo que antes era visto como o principal da construção passa a ser interpretado com função auxiliar do verbo semanticamente subordinado a ele.

Passamos, então, discutir a relação entre *querer* e as possibilidades de V2, a fim de confirmar se há reanálise diante de alguma das construções. Para isso, aplicaremos alguns testes a fim de verificar se essas construções estão sendo, de fato, reanalisadas, passando a constituir um núcleo simples.

De acordo com a proposta de Carlos Góes (1971) para verificação das orações envolvidas em uma construção, em nosso *corpus*, teríamos um só predicado nas orações em que há coincidência de sujeito entre os dois verbos envolvidos (como no exemplo **96**) e dois predicados nos casos em que essa coincidência de sujeitos não se verifica (como em **25**).

(96, corpus pancrônico) A quant(os) esta carta virem faço saber q(ue) o p(ri)or (e) (con)ue~to ((L003)) do //di// moesteiro de ujarinho; me emviarom dizer q(ue) em nome sseu (e) do dito moesteiro **q(ue)riam** emprazar como de f(e)cto emprazarom dous ((L004)) Casaaes do dito moesteiro s(cilicet) o casal do cupido E o de barrifalcam. situad(os) na freeg(uesia) do dito moesteiro (**106, texto 13, sec. XV, CIPM**)

(26, corpus pancrônico) As di(c)tas suas erdades no di(c)to esca~bo co~tiudas isentas (e) sem foro q(ue) se delas page A ne~hu~a pessoa E dise q(ue) se eles **q(ui)sesem** q(ue) ele outorgase o di(c)to esca~bo q(ue) pois q(ue) ele daua As suas erdades ((L039)) Ao di(c)to mostei´ro (**98, texto 6, sec. XV, CIPM**)

A partir dessa análise, poderíamos dizer que as construções com V2 infinitivo compõem com *querer* um núcleo simples em oposição a V2 finito, mas não conseguiríamos analisar todas as construções, pois, com falso encaixamento, *querer* não apresenta, um sujeito, mas forma com o termo que ocupa esta posição uma construção que tende à cristalização, conforme temos defendido. Embora em **16**, possamos perceber que o pronome *quem* se refere ao mesmo indivíduo que é sujeito de *puser embargo*, não podemos ignorar que a porção *quem*

quer que forma conjuntamente o sujeito de *puser embargo*, equivalendo a *qualquer um que puser embargo*.

(16, corpus pancrônico) nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de quem **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser **(185, texto 15, sec. XVI, CIPM)**

Mas quando a construção com falso encaixamento apresenta na posição de sujeito de *querer* um locativo, como em **15**, retomado a seguir, já não é mais possível falar em coincidência ou não de sujeitos.

(15, corpus pancrônico) nem cousa algua deste prazo fazer sem consentim(ento) dos dit(os) ((L012)) p(ri)or (e) (con)ue~to, os q(ua)ees por seus d(e)rr(ei)t(os) possam penhorar (e) ma~dar penhorar em q(ua)eesq(ue)r bees dos dit(os) emprazadores honde **q(ue)r** ((L013)) q(ue) forem achad(os) **(107, texto 13, sec. XV)**

Mas entendemos que essa dificuldade de aplicação do teste a essa construção seja um indicativo de reanálise já avançada.

Para verificar os resultados obtidos com o primeiro teste aplicado, adotamos o teste proposto por Pontes (1973, p. 66) para verificar se se trata de uma ou duas orações: a possibilidade de o advérbio aparecer ligado somente a uma parte da construção. Isso demonstraria que se trata de duas orações. Se o advérbio se referir ao que se expressa nos dois verbos, trata-se de uma só oração.

Retomando o exemplo **96** para a verificação desse teste, verificamos a possibilidade de o advérbio aparecer ligado somente a uma das partes da construção. Teríamos, portanto, por esse teste, duas orações ainda, mesmo diante de V2 infinitivo:

(96a, corpus pancrônico) A quant(os) esta carta virem faço saber q(ue) o p(ri)or (e) (con)ue~to ((L003)) do //di// moesteiro de ujarinho; me emviarom dizer q(ue) em nome sseu (e) do dito moesteiro realmente **q(ue)riam** emprazar como de f(e)cto emprazarom dous ((L004)) Casaaes do dito moesteiro s(cilicet) o casal do cupido E o de barrifalcam. situad(os) na freeg(uesia) do dito moesteiro **(106, texto 13, sec. XV, CIPM)**

(96b, corpus pancrônico) A quant(os) esta carta virem faço saber q(ue) o p(ri)or (e) (con)ue~to ((L003)) do //di// moesteiro de ujarinho; me emviarom dizer q(ue) em nome sseu (e) do dito moesteiro **q(ue)riam** realmente emprazar como de f(e)cto emprazarom dous ((L004)) Casaaes do dito moesteiro s(cilicet) o casal do cupido E o de barrifalcam. situad(os) na freeg(uesia) do dito moesteiro **(106, texto 13, sec. XV, CIPM)**

(96c, corpus pancrônico) A quant(os) esta carta virem faço saber q(ue) o p(ri)or (e) (con)ue~to ((L003)) do //di// moesteiro de ujarinho; me emviaram dizer q(ue) em nome sseu (e) do dito moesteiro **q(ue)riam** emprazar realmente como de f(e)cto emprazaram dous ((L004)) Casaaes do dito moesteiro s(cilicet) o casal do cupido E o de barrifalcam. situad(os) na freeg(uesia) do dito moesteiro **(106, texto 13, sec. XV, CIPM)**

Ao retomarmos **26** para a aplicação do mesmo teste, também verificamos a possibilidade de o advérbio aparecer ligado somente a uma das partes da construção. Teríamos, portanto, por esse teste, duas orações ainda também diante de V2 finito:

(26a, corpus pancrônico) As di(c)tas suas erdades no di(c)to esca~bo co~tiudas isentas (e) sem foro q(ue) se delas page A ne~hu~a pessoa E dise q(ue) se eles realmente **q(ui)sesem** q(ue) ele outorgase o di(c)to esca~bo q(ue) pois q(ue) ele daua As suas erdades ((L039)) Ao di(c)to mostei'ro **(98, texto 6, sec. XV, CIPM)**

(26b, corpus pancrônico) As di(c)tas suas erdades no di(c)to esca~bo co~tiudas isentas (e) sem foro q(ue) se delas page A ne~hu~a pessoa E dise q(ue) se eles **q(ui)sesem** realmente q(ue) ele outorgase o di(c)to esca~bo q(ue) pois q(ue) ele daua As suas erdades ((L039)) Ao di(c)to mostei'ro **(98, texto 6, sec. XV, CIPM)**

(26c, corpus pancrônico) As di(c)tas suas erdades no di(c)to esca~bo co~tiudas isentas (e) sem foro q(ue) se delas page A ne~hu~a pessoa E dise q(ue) se eles realmente **q(ui)sesem** q(ue) ele outorgase realmente o di(c)to esca~bo q(ue) pois q(ue) ele daua As suas erdades ((L039)) Ao di(c)to mostei'ro **(98, texto 6, sec. XV, CIPM)**

Já as construções com falso encaixamento não aceitam a inclusão de advérbio, como podemos testar a partir da retomada de **16**, pois acarretaria mudança de significado, o que demonstra que é uma construção muito sensível a qualquer alteração e muito dependente da manutenção total de sua configuração sintática para a sustentação da semântica envolvida.

(16a, corpus pancrônico) *nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de quem realmente **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser **(185, texto 15, sec. XVI)**

(16b, corpus pancrônico) *nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de quem **q(ue)r** realmente q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser **(185, texto 15, sec. XVI)**

(16c, corpus pancrônico) nas dytas tres vydas tamto q(ue) a dyta molher do dito alluaro ((L053)) f(e)r(nande)z for ffaleçyda (e) de lho lyurarem (e) deffemderem (e) fazere~ sempre ((L054)) bo~o lyure (e) seguro (e) de paz (e) desembarguado de

quem **q(ue)r** q(ue) lhe sobre ((L055)) elle (e) parte delle (e) sobre as ditas casas (e) q(ua)lq(ue)r cousa delas algu~u ((L056)) embargo ou empedym(ento) puser realmente (185, texto 15, sec. XVI)

Os dois testes propostos apresentam resultados diferentes: pelo 1º teste, construções com V2 infinitivo podem ser consideradas um só núcleo, com V2 finito são consideradas como portadoras de dois núcleos. Construções com falso encaixamento não podem ser verificadas por esse teste, mas entendemos que isso já seja um indicativo de reanálise; pelo 2º teste, temos duas orações tanto diante de V2 infinitivo quanto finito, mas temos uma oração diante das construções com falso encaixamento.

A partir desses resultados, propomos que as construções com V2 finito estão em um estágio zero (0) de reanálise, pois ambos os testes foram negativos para elas. As construções com V2 infinitivo estão em um estágio um (1) de reanálise, pois um dos testes acusou resultado positivo para elas e outro negativo. Já as construções com falso encaixamento estão em estágio dois (2) de reanálise, pela impossibilidade de aplicação do primeiro teste e pelo resultado do segundo.

Nas construções com V2 infinitivo, há uma reanálise em processo, em que *querer* passa a modalizador, indicando comprometimento, e a ação projetada no infinitivo passa a ser o foco da construção.

Nas construções com falso encaixamento, também há uma reanálise em processo, *querer* já não tem função de modalizador, mas tende à cristalização juntamente com o pronome que lhe antecede e o verbo que, pela posição sintática, seria o núcleo, adquire *status* próximo ao de advérbio oracional indicando indeterminação sobre a porção de informação que lhe segue.

Retomamos parcialmente – para facilitar a discussão – o quadro abordado na seção 3.2.3 a fim de verificar como os processos nele ilustrados se dão na confirmação da reanálise proposta. Através desse quadro e das análises feitas ao longo deste capítulo, defendemos que a reanálise se dê nas construções com V2 infinitivo e com falso encaixamento pelas mudanças observadas no nível sintático e semântico.

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Sintaxe	menor coesão > maior coesão	reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	processos metafóricos

Quadro 21: Proposta parcial de Hopper e Traugott (1993) para a unidirecionalidade

No nível sintático, as duas partes da construções com falso encaixamento passam a atuar como um só núcleo através da maior coesão entre as partes. *Querer* aparece invariavelmente na 3ª pessoa do presente do indicativo, o que nos leva a concluir que tenha marcas modo-temporais ou número-pessoais próprias neutralizadas pela impossibilidade de conjugações diversas nesse contexto específico. É reanalisado, portanto, como indeterminador de uma as partes da construção, que é reanalisada como nuclear: ora como indeterminador do sujeito (quando equivale a *qualquer um que*), ora como indeterminador de lugar (quando equivale a *qualquer lugar em que*).

No nível semântico, percebemos a passagem no concreto para o abstrato⁸³ através de um processo metafórico, pois o que antes era projeção de volição e futuridade passa a projeção vinculada à imprecisão, incerteza vinculada à indeterminação que aparece juntamente com sentido de qualquer (coisa lugar ou pessoa).

No nível sintático, as duas partes da construção com V2 infinitivo também passam a atuar como um só núcleo através da maior coesão entre as partes. V2 infinitivo não tem marcas modo-temporais ou número-pessoais próprias, nem sujeito formal. O verbo no infinitivo torna a estrutura não clausal e se aproxima de *querer* para tomar deste as características clausais. Semanticamente, o volitivo passa a atuar como auxiliar modal, em reanálise, portanto.

Mas, no entanto, não podemos negar que, nas construções com V2 finito, o volitivo também modalize vontade, desejo sobre a oração que o complementa, mesmo que em um estágio menos integrado e, portanto, menos gramaticalizado, que não se pode chegar a chamar de reanálise sintática.

Segundo Givón (1990), quanto mais forte é a conexão semântica de dois eventos, mais íntima é a conexão sintática de duas proposições em uma única cláusula, como acreditamos que aconteça nas construções com falso encaixamento e com V2 infinitivo. Por isso, feita a primeira gradação de reanálise entre: construções com falso encaixamento, V2 infinitivo e finito, retornamos à gradação proposta com relação à gramaticalização, para defender que o mesmo se dá em relação à reanálise: entre os diferentes tipos de *querer*, *querer 2* com V2 finito não chega a completar a reanálise sintática e semântica, embora já aponte para isso, pois atua como modalizador, indica comprometimento/manipulação e apresente processo metafórico pela expressão de futuridade. Em seguida, está a construção de *querer 2* com V2 infinitivo, que pode ser reanalisada sintaticamente como uma perífrase.

⁸³ Ou mais especificamente adequado à semântica do verbo em estudo: uma passagem do - subjetivo > + subjetivo.

A partir de então, passamos a perceber que, mesmo dentro de um mesmo tipo de construção (V2 infinitivo), diferentes tipos de *querer* apresentarão diferentes estágios de reanálise. *Querer 3* também apresenta características definidoras de reanálise, como mesmo sujeito, mas está um pouco mais adiante que *querer 2* no processo de reanálise, pois modaliza, além da vontade do usuário da língua, uma ordem sobre o interlocutor. *Querer 4* encontra-se em processo de reanálise ainda mais avançado, pois apresenta mais fortemente a conexão semântica e sintática de duas proposições em uma única cláusula, chegando, inclusive, a equivaler – juntamente com o verbo *dizer* que lhe segue – a um só verbo: significar, têm, portanto, uma só função.

Entendendo, portanto, a reanálise (parte do processo de gramaticalização) como um mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado e uma reinterpretação dos elementos que o compõem (CEZÁRIO, 2001) e partindo do princípio de que duas cláusulas podem se integrar a ponto de se tornarem apenas uma, sendo, portanto, reanalisadas e passando a ter apenas um núcleo, entendemos que as construções com V2 infinitivo estejam em processo de reanálise, com diferentes níveis de acordo com a semântica que o volitivo assume em cada uma delas.

Podemos dizer, então, que *querer 2*, *3* e *4* sofrem reanálise e funcionam como auxiliares modais diante de V2 infinitivo, mas o tipo *4*, apesar de auxiliar modal, aponta para um uso como marcador discursivo devido à fusão semântica verificada, embora não chegue a apresentar esse uso em nossos dados (o que seria um estágio ainda mais avançado de gramaticalização), em um *continuum* de reanálise que podemos representar como:

$$\boxed{\text{querer 2} > \text{querer 3} > \text{querer 4}}$$

Quadro 22: proposta do *continuum* de reanálise de *querer* de acordo com sua semântica e seu comportamento morfossintático

Também *querer 8* está em processo de reanálise, embora de maneira diferente: apresenta, entre os tipos de *querer*, a persistência mais fraca de valor semântico, e podemos pensar na dessentencialização quase total de uma parte de sua construção, pois o volitivo deixa de se comportar como verbo, passando a ter um comportamento morfossintático que podemos chamar de nominal. *Querer 8* não se inclui no *continuum* proposto por apresentar características muito particulares em relação aos demais. Sua reanálise caminha não para um auxiliar modal, mas para uma função nominal, equivalendo na construção não a um verbo, mas a uma expressão nominal juntamente com o termo que lhe antecede: nos exemplos

retomados anteriormente equivale respectivamente a: o que *quer* que = qualquer coisa que; onde *quer* que = qualquer lugar que; quem *quer* que = qualquer um que.

4.7. Relação entre diferentes usos de *querer* e sequências tipológicas

Apesar de não termos podido nos aprofundar em questões sobre a relação entre sequências tipológicas e a semântica e morfossintaxe de *querer*, em virtude do tempo disponível para a realização e conclusão da pesquisa, levantamos alguns pontos sobre como essas sequências se relacionam com nossos dados, pois entendemos que o estudo aqui realizado sobre a gramaticalização de *querer* e suas possibilidades de V2 aponta para essa realização.

Percebemos que as sequências tipológicas fizeram com que os diferentes tipos de *querer* encontrados se distribuíssem como mostram as tabelas a seguir, demonstrando que, além da relação entre semântica e sintaxe que vem sendo trabalhada, há também uma relação entre a sequência tipológica em que cada tipo de *querer* é utilizado e a semântica apresentada:

querer	narrat.	%	descrit.	%	exposit.	%	argum.	%	injun.	%	total
2	37	22	19	12	24	15	5	3	77	48	162
3	0	0	0	0	0	0	0	0	11	100	11
8	5	16	5	16	13	52	0	0	5	16	28
Total	42	21	24	12	37	18	5	2	93	47	201

Tabela 53: Relação entre usos de *querer* e sequências tipológicas – *Corpus* pancrônico documental

querer	narrat.	%	descrit.	%	exposit.	%	argum.	%	injun.	%	total
2	25	16	35	23	25	16	21	14	46	31	152
4	0	0	0	0	0	0	9	100	0	0	9
total	25	15	35	22	25	15	30	19	46	29	161

Tabela 54: Relação entre usos de *querer* e sequências tipológicas – *Corpus* sincrônico da Revista Você SA

Nessa análise, observamos que, em ambos os *corpora*, *querer* 2 é o tipo que se distribui em todas as sequências tipológicas, com predominância nas sequências injuntivas, que defendemos que seja o contexto que mais privilegie essa ocorrência devido às características de expressão de volição e manipulação próprias dessa sequência tipológica.

Querer 3, que tem características semânticas muito próximas de *querer* 2, aparece somente nas sequências injuntivas. Acreditamos que essa exclusividade de ocorrência se deva

ao fato de esse tipo de *querer* trazer também uma ordem revestida de polidez e ocorrer em contextos que envolvem uma relação hierárquica entre aquele que expressa o desejo (superior) e aquele que o realizará (inferior).

Já *querer* 4 ocorre exclusivamente em sequências argumentativas, o que acreditamos que também tenha relação com a semântica expressa pelo verbo neste contexto: este tipo de *querer* tem sentido igual a *significa*, o que o liga a contextos em que o usuário da língua está sustentando sua argumentação sob um dado ponto de vista.

Querer 8 ocorre em várias sequências tipológicas com exceção das sequências argumentativas e com predominância nas sequências expositivas. Acreditamos que essa predominância se justifique por esse tipo de *querer* (com sentido igual a qualquer coisa, lugar ou pessoa) estar presente em contextos que expõem situações possíveis a fim de regulamentá-las.

Portanto, podemos concluir que o tipo de *querer* encontrado em cada construção tem relação com a sequência tipológica em que essa construção esteja inserida. A sequência tipológica prototípica para a ocorrência deste volitivo é, pois, a injuntiva: ligada a passos necessários para gerar uma ação, que pode apresentar verbos em uma estrutura mais longa com uma indicação do que se “deve” fazer ou de como executar uma ação, apresenta tempo referencial sempre posterior ao da enunciação (ARENA, 2008). Essas características estão ligadas à volição, projeção e futuridade envolvidas na semântica de *querer* e mais fortemente de *querer* dos tipos 2 e 3.

Nos casos em que o verbo se distancia de seu sentido primeiro, diretamente ligado à volição, para assumir novos sentidos, conseqüentemente, passa a predominar em diferentes sequências tipológicas, como ocorreu com *querer* 4 e 8.

4.8. Gramaticalização, subjetividade e subjetificação

Apesar de não termos podido nos aprofundar em questões como subjetividade e subjetificação, em virtude do tempo disponível para a realização e conclusão da pesquisa, julgamos importante levantar alguns pontos sobre essas questões e como se relacionam com nossos dados, pois entendemos que o estudo aqui realizado sobre a gramaticalização de *querer* e suas possibilidades de V2 aponta para esses fenômenos, o que pretendemos retomar de forma mais aprofundada em um próximo momento.

Traugott (1995, 2010) e Traugott e Dasher (2005) defendem que a subjetificação seria um processo gradiente através do qual essas construções – que primeiro expressam significados concretos/lexicais/objetivos – passariam, a partir da reiteração de seu padrão de uso, a indicar funções abstratas/pragmáticas/interpessoais/baseadas na crença do usuário da língua. A gramaticalização enquanto subjetificação poderia ser entendida, pois, como um processo de expansão pragmática, em que as construções passam a assumir funções abstratas e interpessoais.

A partir dessas colocações, entendemos que nossos dados apontem para um processo de subjetificação, pois foram encontrados usos que expressam significados concretos/lexicais/objetivos (ligados a desejo, seja físico ou não: *querer* 2) que convivem com a expressão de funções abstratas/pragmáticas/interpessoais/baseadas na crença do usuário da língua, ligadas a expressão de aproximação de certeza e realidade (que vão de *querer* 2 a 3 e 4), e expressões de indefinição (*querer* 8).

Como a subjetividade é a expressão do *self* e a representação do ponto de vista do usuário da língua refere-se às estruturas e estratégias lingüísticas a partir das quais se estabelece a perspectiva do usuário da língua, Lyons (1982, p. 105) caracteriza subjetividade como a maneira através da qual as línguas naturais, em sua estrutura e seu modo normal de operação, apresentam a expressão do agente locucionário sobre si mesmo e sobre suas atitudes e crenças. Para o autor, a expressão do indivíduo não pode se reduzir à manifestação de um conjunto de proposições; esta consistiria, portanto, no julgamento do usuário da língua em relação ao contexto proposicional e ao contexto discursivo como um todo.

Essa proposta vai ao encontro da hipótese aqui levantada de que o volitivo expressa *irrealis*, mas marca comprometimento do usuário da língua com relação àquilo que deseja. A ação futura expressa pelo V2 (mais especificamente V2 infinitivo) que se segue ao volitivo é perspectivizada mais próxima do *realis* por ser tratada como fortemente possível, ou seja, o

uso do volitivo marca o evento – pertencente ao campo do *irrealis* – perspectivizando-o como próximo do *realis* através do comprometimento em realizá-lo.

Traugott (1995, p. 47-48) propõe que a gramaticalização seja pensada sob as seguintes perspectivas: [objetivo] > [subjetivo] e [- subjetivo] > [+subjetivo]. A autora assume que estes *clines* de gramaticalização teriam um escopo amplo, pois envolveriam a tendência de se recrutar material lexical (proposicional) para indicar a atitude do usuário da língua em situações discursivas (em nosso caso, a explicitação da vontade de algo ocorra), já que a subjetificação seria decorrente da necessidade que têm os usuários da língua de expor a relevância sobre o que está sendo dito. Ao propor a substituição aos *clines* tradicionais de unidirecionalidade, Traugott (1995, p. 47-48) propõe que a gramaticalização seja vista como um processo:

[objetivo] > [subjetivo] e [- subjetivo] > [+subjetivo].

Ainda segundo Traugott (1995, p. 32), a subjetificação é evidenciada tanto na mudança lexical (lexical > gramatical) quanto na mudança gramatical (gramatical > + gramatical). Isso significa que a subjetificação se dá como processo de gramaticalização. Portanto, a “subjetificação na gramaticalização” consiste no desenvolvimento de expressão gramaticalmente identificável que indica as crenças e atitudes do usuário da língua acerca do que diz.

Mesmo assim, podemos ainda dizer que essas colocações não atrapalham o que entendemos que se verifique nos casos aqui em estudo, pois vemos esse desenvolvimento de uma expressão que indica as crenças e atitudes do usuário da língua acerca do que diz ao discutirmos a perspectivização das ações pertencentes ao *irrealis* como mais próximas do *realis* através do volitivo (diante de V2 infinitivo) através do comprometimento em realizar essa ação. Os valores semânticos levantados para *querer*, em nossos dados: 2, 3, 4 e 8, com diferentes estágios de gramaticalização, também apontam para usos cada vez mais subjetivizados e que se distanciam cada vez mais de seus valores lexicais para assumir funções cada vez mais gramaticais, tendo como caso extremo o tipo 8.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, confirmamos nossas hipóteses iniciais de que:

- O volitivo *querer*, independente do tempo e modo verbais em que se encontra, apresenta sempre a característica de expressão de volição e, conseqüentemente, futuridade e *irrealis*, embora, de acordo com o tipo de construção, essa expressão possa se mostrar mais ou menos forte: como em *querer* 4, por exemplo, em que a volição não está explícita, mas se faz presente através da inferência feita a partir do contexto;
- As diferentes construções com o volitivo em estudo podem ser descritas de acordo com os diferentes estágios de encaixamento encontrados. Esses diferentes estágios de integração estão ligados: a diferentes acepções que o verbo estudado possa apresentar e às diferentes características morfossintáticas das construções em que este verbo esteja envolvido.

As características de volição, futuridade e *irrealis* se mostram mais enfraquecidas em usos que consideramos estarem em processo mais avançado de gramaticalização, com maior grau de integração e encaixamento. Por isso, se afastam semanticamente da noção de volição e, conseqüentemente, *querer* se afasta de suas características de volitivo e das demais características morfossintáticas a esse grupo pertinentes.

A proposta de Givón (1984) sugere a existência de graus de vinculação entre a oração predicadora e sua encaixada⁸⁴ com função de objeto, relacionando esse fato aos conceitos de iconicidade e gramaticalização. Segundo essa proposta, há um isomorfismo entre a semântica e a sintaxe da complementação verbal. Portanto, os graus de integração sintática entre as cláusulas não refletem aspectos arbitrários, são a expressão gramatical dos níveis de vinculação semântica entre o evento expresso pela predicadora e o expresso pela encaixada. E os graus maiores de integração estão nas chamadas co-lexicalizações, locuções envolvendo verbos, cujos componentes perdem inteiramente seu valor referencial, para, juntos, assumirem um novo valor como expressão cristalizada (LONGO, 1999, p. 38), como observamos que ocorre nos usos que entendemos como mais gramaticalizados dentre os estudados.

Esse isomorfismo entre semântica e sintaxe foi verificado em nossos dados. A construção inteira, e não apenas o significado lexical de um item, é precursora do sentido

⁸⁴ Chamada pelo autor de subordinada.

gramatical e lexicalmente construído. E todo o processo começa pela semântica: é ela que influi nas configurações morfossintáticas que os verbos apresentam nas construções, pois quando *querer* tem enfraquecidas suas características como volitivo, assumindo outras funções e sentidos nas construções em que é utilizado, já aponta para um processo de integração (e co-lexicalizações) em andamento, embora nosso *corpus* não chegue a apresentar exemplos de graus mais avançados de integração (como o marcador discursivo) que, como já explicado, acreditamos que estejam ainda restritos a contextos orais.

E, se não chegamos a processos mais avançados de gramaticalização, embora tenhamos usos que apontam para esses processos, chegamos, ao menos, pela alta frequência, à reanálise de *querer* diante de V2 infinitivo e de construções com falso encaixamento. E verificamos ainda, dentro de um mesmo grupo sintático, diferentes níveis de integração e, portanto, de reanálise, pois, diante de V2 infinitivo *dizer*, deixamos de ter uma locução verbal e passamos a ter uma função gramatical, atuando como uma fórmula para o usuário da língua se corrigir ou explicar melhor o que havia dito – estágio mais avançado do que foi encontrado para os demais casos de V2 infinitivo.

Diante dos demais complementos infinitivos (excluindo-se a expressão com *dizer*), não chegamos ao nível mais avançado de reanálise, mas podemos dizer que o volitivo deixa de ser analisado como verbo da oração predicadora e passa a exercer função de auxiliar modal, expressando as noções de volição, projeção, futuridade e *irrealis* em relação ao que se expressa em V2. Nesse tipo de construção, há a expressão de um desejo, que chamamos de mais abstrato (ou mais subjetivo) em relação a seu uso diante de V2 finito.

A maioria das características verificadas ao longo do trabalho vinculou-se à oposição entre encaixadas infinitivas e finitas. E, à parte dessa distinção binária, ficou o *querer* 8, que não se encaixava em nenhum dos dois grupos; e *querer* 4, que já se mostra mais fundido que as demais construções infinitivas, pois *querer* e *dizer* equivalem a um só verbo, representando um só evento (de significar) por uma perífrase. O que observamos é que as encaixadas infinitivas apresentaram maior possibilidade semântica para seu volitivo, desde a considerada mais antiga na língua (tipo 2), passando pelo tipo 3 até a mais distante dentro desse tipo de construção (tipo 4), pois já se mostra fundida; já as encaixadas finitas apresentaram restrição de ordem semântica, pois somente apresentaram *querer* 2, o que as reforça como estruturas menos gramaticalizadas dentre os grupos estudados. *Querer* 8 apresentou fortes restrições, mas de ordem sintática de sua ocorrência, pois só apareceu nas construções com falso encaixamento.

A conclusão a que chegamos é de que *querer* 2 diante de encaixada infinitiva apresenta-se como auxiliar modal, pois tem alta integração entre as partes sintáticas da construção, forte expressão de *irrealis* com aproximação do *realis*, volição, projeção, futuridade, que “contaminam” com essas características todas as informações que lhes seguem.

Querer 8, considerada a forma mais gramaticalizada, está também em processo mais avançado de reanálise, apresenta, entre os tipos de *querer*, a persistência mais fraca de valor semântico, e podemos pensar na dessentencialização quase total de uma das partes de sua construção, pois o volitivo deixa de se comportar como verbo, passando a ter um comportamento morfossintático que podemos chamar de nominal.

A integração entre semântica e morfossintaxe defendida vai ao encontro das propostas de Kiparsky & Kiparsky (1970) – sobre a relação entre o arranjo sintático e as propriedades semânticas dos verbos completáveis por orações e ligação com motivações pragmáticas – e de Halliday (1985) – de entrecruzamento entre o eixo tático (de interdependência) e o eixo semântico-funcional (de relação entre processos), através da observação de diferentes possibilidades de relacionamento entre os elementos que fazem parte das construções.

Observamos, portanto, que, conforme Neves & Braga (1998), podemos falar em estágios de gramaticalização não somente em um sentido diacrônico de alteração de estatuto, mas também no sentido funcional de acionamento de possibilidades concomitantes, representativas de diferentes graus de coalescência semântica e sintática da organização do enunciado, que convivem na língua e são recrutadas pelos seus usuários de acordo com suas necessidades comunicativas. Trata-se de um jogo: jogar com palavras, trapaceando na e com a língua, subvertendo os padrões morfológicos, sintáticos, semânticos à disposição na cadeia sincrônica a serviço da expressividade que se faça necessária para o jogador (BARTHES, 1977). As construções com *querer* seguido de V2 são peças versáteis e sempre úteis a esse jogo travado todos os dias por todos nós, usuários da língua.

6. REFERÊNCIAS

ARENA, Ana Betriz. *Multifuncionalidade e polissemia do então: um estudo pancrônico*. Ana Beatriz Arena. Niterói: 2008. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Departamento de Letras. 146 f.

ACRILL, 1963; ADMONI, W. *Der deutsche Sprachbau*. München: C. H. Beck Verlag, 1970 (original russo de 1966).

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, J. de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis, São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978.

BARTHES, Roland. 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. Editora Cultrix São Paulo. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BARTSCH, W. Über ein System der Verbformen. In: *Wirkends Wort*. Beiheft 20 (1969), Düsseldorf, pp. 90-110.

BÍBLIA SAGRADA. Brasília: Ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Lucerna, 2003.

BONINI, A. *A Noção de seqüência textual e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas*. In: MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. (coordenador). *Dicionário gramatical de verbos*. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1976.

BRONCKART, J. P. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sócio-discursivo*. Trad. Ana Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 1997/1999.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Saraiva, 1963.

BRAGA, M.L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Conferência apresentada em concurso para professor titular. UFRJ: Faculdade de Letras, 1999. Mimeo.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: BRIAN, J. & JANDA, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of Grammar. Tense, aspect and modality in the languages of the word*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: Benjamins, 1985.

BYBEE, Joan; PAGLIUCA, William. *Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning*. In: Fisiak, 1985, pp. 59-83.

_____. *The evolution of future meaning*. In: Ramat, Carruba, Bernini, 1987, pp. 109-122.

BYBEE, Joan; PAGLIUCA, William; PERKINS, Revere. Back to the future. In: Traugott and Heine, 1991, 2, pp. 17-58.

CARDOSO, Isabella Tardin. *Estico, de Plauto*. Introdução, tradução e notas: CARDOSO, Isabella Tardin. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ozon, 1974a.

_____. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

_____. *Dicionário de filologia e gramática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J Ozon Ed., 1964.

_____. *Princípios de lingüística geral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

CAMPOS, Odette G. L. A. de Souza. Um aspecto da gramaticalização de auxiliares: a interveniência de elementos entre o auxiliar e a perífrase. *Veredas*. Vol. 2, nº 2 (2º semestre 1998), Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, pp. 09-24.

CARNAP, R. *Meaning and Necessity*. U. of Chicago Press, 1947.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Sentenças complexas com verbos perceptivos: uma análise funcionalista. In: MENDES, Roland Beline (org.). *Passando a palavra: uma homenagem a Maria Luiza Braga*, São Paulo: Paulistana Editora, 2007, pp. 37-61.

CASIMIRO, Sérgio. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. Sérgio Casimiro. São José do Rio Preto: [s.n.], 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 107 f.

CASTILHO, A. T. *A Sintaxe do Verbo e Os Tempos do Passado Em Português*. Marília: Faculdade de Fil. C. e Letras de Marília, 1967.

_____. A GRAMATICALIZAÇÃO. *Estudos lingüísticos e literários*, nº 19. Salvador: UFBA, mar. 1997, pp. 25-64.

_____. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Alfa, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, 1967.

CEZÁRIO, Maria Maura; GOMES, Rosa; PINTO, Deise. Integração entre cláusulas e gramaticalização: In: Gramaticalização no português do Brasil: *uma abordagem funcional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf acessado em: 15 de maio de 2011.

CEZÁRIO, Maria Maura. Doutorado em Lingüística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. *Título*: Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos, Ano de Obtenção: 2001.

COMRIE, B. *Tense*. New York, Melbourne: CambridgeUniversity Press, 1998 (1985).

_____. *Aspect*. London, New York, Melbourne: CambridgeUniversity Press, 1976.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

CRISTOFARO, Sonia. Cap. 5: Complement relations. In: Subordination. Oxford University Press, 2003.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1970.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. A multifuncionalidade do advérbio realmente na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto – Qualis A1 pela CAPES). Data da publicação: primeiro semestre de 2012.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. (2011) A Rede Construcional do Advérbio "Realmente" na Língua Portuguesa: da gramaticalização à gramática de construções. In: FOLTRAN, M. J., J. BORGES NETO, L. NEGRI, T. C. WACHOWICZ, A. H. P. SILVA & M. GUIMARÃES (orgs.) *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*. Curitiba: ABRALIN, ISSN: 2179-7145, pp.3549-3563.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de usos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. (2006-) Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Acessado em: 11/05/2009.

DIAS, Nilza Barrozo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Flexão como processo de expressão de Relações e Valores*. (inédito)

DIAS, Nilza Barrozo. *Predicados de atitude proposicional: construções encaixadas subjetivas*. Comunicação pessoal, 2011.

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 4ª ed. Lisboa: Clássica Editora, 1959.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

_____. *Dicionário escolar latino-português*. 4ª edição. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

FINEGAN, E. Subjectivity and Subjectification. In D. Stein and S. Wright (Eds.), *Subjectivity and Subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.

FINEGAN, Edward. Subjectivity and subjectivisation: an introduction. In: S. WRIGHT; D. STEIN (eds.) *Subjectivity and Subjectivisation in Language*. Cambridge University Press, 1995.

FLEISCHMAN, Suzanne. *The future in thought and language*. Cambridge Studies in Linguistics, 36. Cambridge: Cambridge Press, 1982.

FREITAG, Raquel Meister. O papel da freqüência de uso na gramaticalização de *acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida* na fala de Florianópolis. *Veredas*. V. 7, n.1 e n. 2, jan/dez. 2003. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003, pp. 113-132.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: DP & A, 2003. Giancaloni Ramat (1999).

FURTADO da CUNHA, M. et alii. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. In: *D.E.L.T.A.* vol. 5, nº 1. São Paulo: PUC/SP – UNICAMP, 1999.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro. Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1976.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. Serial Verbs and the Mental Reality of “Event”: Grammatical vs. Cognitive Packaging. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 81-127.

GIVÓN, T. *Syntax. A Functional-Typological Introduction, volume 2*. Amsterdam: Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. *Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations*. University of Oregon. Mimeo, 1990.

GIVÓN, T. *Markedness in Grammar: distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure*. University of Oregon. Technical Report n. 90-8, 1990.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: Benjamins, 1985, p. 187-222.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological Introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. Serial Verbs And Syntactic Change: Niger-Congo. In: Li, C. N. (org.) *Word Order and Word Change*. Austin: University Texas Press, 1975, p. 47-112.

GIVÓN, T. The time-axis phenomenon. *Language* 49, 4: 890-925, 1973.

GIVÓN, T. Historical Syntax and Synchronic Morphology: an Archaeologist's Field Trip. *Papers from the 7th Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1971.

GÓES, Carlos. *Método de análise morfológica, sintática e fonética*. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1971.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; CARVALHO, Cristina dos S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES et alii. *Introdução à gramaticalização*, 2007.

GONÇALVES, Sebastião C. L.; SOUSA, Gisele C. de; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. de M.; ILARI, R. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. V. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, pp. 1021-1084.

GRICE, H. P. Logic and conversation: In: COLE, P. & MORGAN, J (eds). *Speech acts*, pp. 41-58. Syntax and Semantics, 3. New York: Academic Press, 1975.

GUILLAUME, G. Immanence et transcendance dans la catégorie du verbe: esquisse d'une théorie psychologique de l'aspect, in: *Langue et science du langage*. Paris: Librairie A.-G. Nizet, 1969 (1933), pp. 46-58.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. Second Edition, 1994.

HEINE, B. Agent-Oriented vs. Epistemic Modality. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.) *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1995, p. 17-54.

HEINE, Bernd. *Auxiliares – cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; et alii. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 149-187.

HEINE, B.; REH, M. *Grammatical Categories in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam, John Benjamins, 1991.

HOPPER, Joan B. *On assertive predicates*. In: Kimball, 1975, pp. 91-124.

- HOPPER, J. B; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. 2a ed. Sao Paulo: Contexto, 2001.
- JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London: George Allen & Unwin, 1958 (1924).
- KIEFER, *apud* NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. Campinas: Martins Fontes, 1997.
- KIPARSKY, P.; KIPARSKY, C. Fact. In: BIERWISH, M., HEIDOLPH, K. E. (Ed.) *Recent Advances in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1970, p. 143-173.
- KLEIN, Flora. *Pragmatic constraints in distribution: the Spanish subjunctive*. Chicago Linguistic Society 11, 1975, pp. 353-365.
- KLEIN, H. *Tempus, Aspekt, Aktionsart*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1974.
- KRUG, Manfred G., *Emerging English modals: a corpus-based study of grammaticalization*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2000 (1966).
- KURY, Adriano da G. *Novas lições de análise sintática*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LAKOFF, R. *Abstract Syntax and Latin Complementation*. MIT Press, Cambridge, Mass, 1968.
- LANGACKER, Ronald W. *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.
- LE QUERLER, Nicole. *Typologie des modalités*. Caen, Presses Universitaires de Caen, 1996.
- LEHMANN, C. *Thought on Grammaticalization: a Programatic Sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1, 1995 (1982).

LEHMANN, C. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, v. 2, p. 493-535.

LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 37-80.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB GALVÃO, Vânia. *Polaridade no encaixamento: relação entre camadas de negação e integração de orações*, disponível em: <http://usp.br.academia.edu/MariaLimaHernandes/Papers/798742/>, acessado em: 24 de setembro de 2011.

LIMA, Wellington Ferreira. *Labirinto: a representação do mito no carmen doctum de Catulo*. Mestrado em Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil, 2007.

LODEIRO, José. *Tradução dos textos latinos para uso dos ginásios, colégios e seminários*. 5ª edição. 7ª reimpressão. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.

LONGO, B. O., CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RDRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do português falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, pp. 445-497.

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. Perífrases temporais no português falado. *Veredas*. Vol. 2, nº 2 (2º semestre 1998), Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, pp. 09-24.

LOPES, L. R. A mudança de “assim”: um caso de gramaticalização, modalização e (inter)subjefificação. In: MAGALHÃES, J. S. & TRAVAGLIA, C. *Múltiplas perspectivas em Lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

LOZANO, A. G. *The Spanish Imperative and Deontic Utterances in Literary Passages*. *Hispania*, 73 (4), p. 1118-1123, 1990.

LYONS, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*, C.U.P., 1975.

LYONS, J. deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: R. J. Jarvella and W. Kellin (eds.) *Speech, Place and Action: Studies in Deixis and Related Topics*. Chichester and New York: John Wiley, 1982, pp. 101-124.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1976.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R., BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.p.19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M (Org.). *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. Palmas e união da Vitória (PR): Kaygangue, 2005.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. (org.) *Manual de lingüística*. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTIN, R. & NEF, F. Temps linguistique et temps logique. In: *Langages. Le temps grammatical*, dez. 1981, pp. 81-92.

MIRA MATEUS, M. H. et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, 2ª ed. EDUFC, 1987.

MOURA, Marcela Zambolim de. Orações matrizes [verbo ser + predicativo]: predicados que expressam atitude do falante. Juiz de Fora, Dissertação de mestradoem Letras-Lingüística. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

MÜLLER, R. *Sprachbewusstsein und Sprachvariation im Lateinischen Schrifttum der Antike*. Munique: Verlag C. H. Beck, 2001.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *A gramática funcional*. Campinas: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M., GRAGA, M. L. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. esp., p. 191-208, 1998.

NUNES, José Joaquim. *Crestomatia Arcaica*. Livraria Clássica Editora, 5ª edição, Lisboa, s/d.

OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. Language has heart. In: OCHS, E. (ed.) *The Pragmatics of Affect*, special issue of Text 9, pp. 7-25.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *As integrações das adjetivas*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ02_11-28.html, acessado em: 18 de outubro de 2011.

OLIVEIRA, Daiane Martins de. “Tudo” em língua portuguesa: referencialidade. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/176.pdf>, acessado em: 04 de novembro de 2011.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.

PERINI, Mário A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, Mário A. *Sintaxe: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. Modo subjuntivo - complexidade superior à idealização da tradição gramatical. In: XVI Jornada de Estudos Lingüísticos, 1999, Fortaleza. *Anais da XVI Jornada de Estudos Lingüísticos*, 1999. v. II. p. 578-582.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMOS, R. Estratégias argumentativas: as perguntas retóricas, in L. M. ABREU, (coord.): *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas. Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Associação de Estudos Portugueses/Fundação João Jacinto de Magalhães, 1996, pp. 171-186.

RESCHER, Rescher, N. *Topics in Philosophical Logic*. Dordrecht: Reidel, 1968.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANTOS, A. J. O tempo e o aspecto verbal no indicativo em português, in: *Littera*, n. 10, 1974, pp.55-74.

SANTOS, M. F. (2007) Modalizadores epistêmicos: uma investigação funcionalista. *Língua e Letras*, Vol. 8, n. 14.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10ª edição. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.

SILVA, Ademar da. In: ABAURRE, M. B. M.; RDRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do português falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

SILVA, Iandra Maria da. Indicativo e subjuntivo em espanhol: uma comparação entre norma e uso. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/91.pdf>, acessado em: 04 de novembro de 2011.

SILVA, M. Cecília Pérez de S. e; KOCH, Ingedore G. V. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 8ª edição, São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA, Fernanda Cunha. *A alternância entre o pretérito perfeito e futuro do pretérito na expressão da hipótese*. Juiz de Fora, Dissertação de mestrado em Letras-Linguística. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, B; JANDA, R. D. (orgs.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to Textual and Expressive Meanings: Some Semantic-pragmatic Aspects of Grammaticalization. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 245-271.

TRAUGOTT, E. C. Pragmatic Strengthening and Gramaticalization. In: AXMAKER, S.; JESSIER, A.; SINGMASTER, H. (orgs). *General Session and Para session on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In: *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalisation. In: Stein, Dieter & Susan Wright (eds.) *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da ABRALIN*, vol VI, nº 1, jan./jun. de 2007. pp. 09-60.

_____. A gramaticalização dos verbos começar / passar – continuar – acabar, terminar / deixar. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística, 2002.

_____. *Título: Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil, Ano de Obtenção: 1991, Doutorado em Lingüística.* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

_____. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão.* Ed ver. Uberlândia: Universidade Federal e Uberlândia, 1985.

ULTAN, Russell. *The nature of future tenses.* In: Greenberg, Ferguson and Moravcsik, 1978, 3, pp. 83-123.

WALBERG, Mélanges E. Une classe spéciale de termes indéfinis dans les langues romanes. *Studia Neophilologica XI*, 1938, pp. 186-209.

WEINRICH, H. Tense and time, *Archivum Linguisticum*, 1970, part N. S. 1, pp. 31-41.

VATER, H. *Thesen zum Tempussystem des Deurschen.* Inédito, 1974. www.thelatinlibrary.com, acessado em 06/05/2009.

VASCONCELOS, José Leite de. *Textos arcaicos.* Lisboa: Clássica, [s/d.].

VILELA, M.; KOCH, I.V. *Gramática da Língua Portuguesa.* Coimbra: Almedina, 2001.

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation langues et linguistique.* Quebec: Université Laval, 1993.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18, Belo Horizonte, 2006.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: In: Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Grupo de Estudos Discurso & Gramática Rio de Janeiro, 1996. Disponível em <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2011.